



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ /UNIFAP
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

CRISTIANA RODRIGUES DE OLIVEIRA

**AUTOAVALIAÇÃO DA PRÁXIS EDUCATIVA EM PROJETOS
SOCIAIS REALIZADA POR MULHERES ATRAVESSADAS
PELO FEMINISMO EM MACAPÁ - AMAPÁ**

Macapá/AP
2023

CRISTIANA RODRIGUES DE OLIVEIRA

**AUTOAVALIAÇÃO DA PRÁXIS EDUCATIVA EM PROJETOS SOCIAIS
REALIZADA POR MULHERES ATRAVESSADAS PELO FEMINISMO
EM MACAPÁ - AMAPÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação. Linha de pesquisa: Educação, Culturas e Diversidades.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Cariacás Romão dos Santos.

Macapá/AP
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Mário das Graças Carvalho Lima Júnior – CRB-2 / 1451

- O48 Oliveira, Cristiana Rodrigues de.
Autoavaliação da práxis educativa em projetos sociais realizada por mulheres atravessadas pelo feminismo em Macapá - Amapá / Cristiana Rodrigues de Oliveira. - Macapá, 2023.
1 recurso eletrônico. 164 folhas.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Amapá, Programa de Pós-Graduação em Educação, Macapá, 2023.

Orientador: José Carlos Cariácas Romão dos Santos.

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Educação. 2. Práxis Educativa. 3. Autocrítica Feminista. I. Santos, José Carlos Cariácas Romão dos, orientador. II. Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 370

CRISTIANA RODRIGUES DE OLIVEIRA

**AUTOAVALIAÇÃO DA PRÁXIS EDUCATIVA EM PROJETOS
SOCIAIS REALIZADA POR MULHERES ATRAVESSADAS
PELO FEMINISMO EM MACAPÁ - AMAPÁ**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Amapá (PPGED/UNIFAP) como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Educação. Área de concentração: políticas educacionais. Linha de pesquisa: Educação, cultura e diversidade.

Dissertação aprovada em: 12 de maio de 2023.

BANCA AVALIADORA

Prof. Dr. José Carlos Cariacás Romão dos
Santos
Universidade Federal do Amapá
Presidente da Banca

Profª. Dra. Eliana do Socorro de Brito
Paixão
Universidade Federal do Amapá
Titular Interno

Prof. Dr. Antônio Donizetti Sgarbi
Instituto Federal do Espírito Santo
Titular Externo

Profª. Dra. Ilma de Andrade BARleta
Universidade Federal do Amapá
Suplente Interno

Prof. Dr. David Junior de Souza Silva
Universidade Federal do Amapá
Suplente Externo

Macapá/AP
2023

AGRADECIMENTOS

Tantas foram as ajudas e estímulos recebidos ao longo desta travessia que certamente as palavras aqui registradas serão insuficientes para agradecer, por isso, destaco que, mais que palavras, as minhas emoções voltam-se, neste momento, às pessoas que ora destaco e agradeço.

A Deus, a Força Soberana, que me sustentou/sustenta nos momentos mais difíceis. Fez-me mulher e me presenteou com a graça suprema da maternidade, na qual descubro todos os dias a força inesgotável que carrego, herdada da minha mãe e de todas as mães que me antecederam.

Aos meus pais, Maria Josefa dos Santos e Valdemar Rodrigues de Oliveira, meus amores, fonte abundante de amor e esperança. Meus irmão/irmãs pelo apoio e acolhida nos momentos difíceis.

À minha filha amada, minha Mariana. És minha vida... amor infinito.

Às minhas amigas, sem as quais o caminho teria sido mais cansativo e difícil, por isso, agradeço à Rayanne, Ana Karem, Christiane, Lu Viana, Ana Paula, Luciana (irmã) e Paty.

À Cláudia Cristina, Jessé e Bruno, colaboradores e companheiros no Grupo de Estudos Hermenêuticas do Sensível (PPGED/UNIFAP), pois, suas contribuições foram extremamente valiosas na construção desta pesquisa.

À Idanilde e Jamili, servidoras da Universidade Federal do Amapá/Unifap, seres humanos incríveis sempre dispostas a ajudar.

A Wilson Aguiar pelos textos recuperados e ajuda imprescindível na organização do trabalho.

Às participantes, mulheres incríveis, destemidas, sem as quais o estudo não teria sido possível, em nome das quais agradeço a todas as mulheres que enfrentam dificuldades e, nas suas jornadas, lutam por um mundo mais justo.

Ao professor Dr. Antônio Carlos Sardinha pela leitura cuidadosa e contribuições imprescindíveis que tanto ajudaram a amadurecer ideias na construção da presente pesquisa.

Por fim, de forma especial, ao meu orientador, o Prof. Dr. Carlos Cariácas, agradeço o acolhimento, por haver acreditado nesta pesquisa; ser incisivo me cobrando nos momentos certos; por haver lutado ao meu lado, quando nada me entusiasmava e, sobretudo, por ter me ajudado a buscar melhorar quando em mim as forças enfraqueciam. E, por ter acompanhado nos momentos difíceis da vida e, como um amigo, ter me ouvido e me incentivado a seguir, jamais esquecerei sua gentileza e grandeza. Tenho orgulho e alegria por ser sua orientanda.

“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém.(...) Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa.”

Paulo Freire

RESUMO

O presente estudo tem como tema: autoavaliação do ideário feminista e sua práxis educativa em contraste com as críticas recebidas. O questionamento que norteia a pesquisa é: como mulheres atravessadas pelo feminismo desenvolvem práxis educativas em diferentes projetos sociais avaliam suas atuações em face das críticas recebidas? Objetiva interpretar a autoavaliação da práxis educativa elaborada por mulheres atravessadas pelo feminismo que atuam em projetos sociais em Macapá/Amapá. Além dos objetivos específicos que visam expor e refletir sobre a conjuntura do feminismo e sua relação com gênero; descrever a construção do feminismo amapaense a partir da reflexão e autoavaliação das participantes da pesquisa; contrastar em perspectiva hermenêutico-terapêutica o ideário feminista em relação às críticas recebidas e apontar as reformulações do ideário das feministas envolvidas na pesquisa por meio da práxis provocada nos exercícios de autoavaliação mediada pelo contraste de posicionamentos. O estudo conta com a colaboração/participação de 07 (sete) mulheres que se identificam como feministas e desenvolvem suas atividades em projetos sociais imbuídas pelo ideário feminista. O aporte teórico fundamenta-se na autocrítica feminista (HOOKS, 2018), (BUTLER, 2021), (TIBURI, 2018), e a práxis educativa (GOHN, 2013) e (FREIRE, 2018). Trata-se de pesquisa aplicada e caracteriza-se como pesquisa descritiva exploratória com abordagem qualitativa, utilizamos o método hermenêutico e seguimos os procedimentos metodológicos da formativapesquisa, utilizando a entrevista narrativa para coleta dos dados e análise temática para compreensão e interpretação dos dados. Buscou-se atingir como resultado a produção de textos científicos, tais como artigos e a dissertação resultante do estudo, relativos ao tema bem como proporcionar o protagonismo das participantes permitindo debate e reflexão a partir de suas autoavaliações e participação em atividades programadas e previamente agendadas como parte integrante dos procedimentos metodológicos que se dividiram em quatro fases incluindo a realização de três entrevistas. Desse modo observa-se que na práxis educativa feminista ocorre um duplo movimento de reflexão, primeiro na formação crítica das mulheres atuantes e em segundo lugar nos indivíduos mulheres/homens, independente de classificação de gênero, que recebem as atividades propostas e desenvolvidas. O que permite concluir que a práxis feminista na atuação das referidas mulheres possibilita reconhecimento, valorização e produção de saberes.

Palavras-chave: Educação. Práxis Educativa. Autocrítica Feminista. Projetos Sociais.

ABSTRACT

The theme of this study is: self-assessment of the feminist ideology and its educational praxis in contrast with the criticisms received. The question that guides the research is: how do women that identify themselves as feminists develop educational praxis in different social projects and evaluate their actions in the face of the criticisms received? It aims to interpret the self-assessment of the educational praxis elaborated by women that stand for feminism who work in social projects in Macapá/Amapá. In addition to the specific objectives that aim to expose and chew over the conjuncture of feminism and its relationship with gender; describing the construction of feminism carried out in Amapá based on the reflection and self-assessment of the research participants; to contrast, in a hermeneutic-therapeutic perspective, the feminist ideology in relation to the criticisms received and to point out the reformulations of the ideology of the feminists involved in the research through the praxis provoked in the exercises of self-evaluation analysed by the contrast of positions. The study relies on the collaboration/participation of 07 (seven) women who identify themselves as feminists and develop their activities in social projects imbued with feminist ideas. The theoretical contribution is based on feminist self-criticism (HOOKS, 2018), (BUTLER, 2021), (TIBURI, 2018), and educational praxis (GOHN, 2013) and (FREIRE, 2018). This is an applied research and is characterized as a descriptive exploratory research with a qualitative approach, we use the hermeneutic method and follow the methodological procedures of formative research, using the narrative interview for data collection and thematic analysis for understanding and interpretation of the data. The aim was to achieve the production of scientific texts, such as articles and the dissertation resulting from the study, related to the theme as a result, as well as to provide the protagonism of the participants, allowing debate and reflection based on their self-assessments and participation in programmed and previously scheduled activities such as an integral part of the methodological procedures that were divided into four phases, including three interviews. In this way, it is observed that in the feminist educational praxis there is a double movement of reflection, first in the critical formation of the active women and secondly in the women/men individuals, regardless of gender classification, who embraces the activities. This allows us to conclude that the feminist praxis in the performance of these women enables recognition, appreciation and production of knowledge.

Keywords: Education. Educational Praxis. Feminist self-criticism. Social Projects.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 —	Busca de trabalhos Plataforma Capes com temáticas afins (2018-2021)	7
Quadro 2 —	Teses e Dissertações Plataforma Capes	7
Quadro 3 —	Busca de trabalhos Plataforma Scielo com temáticas afins (2018-2021)	7-8
Quadro 4 —	Dissertações de Mestrado com temáticas afins (2018- 2021)	8
Quadro 5 —	Teses de Doutorado com temáticas afins (2018-2021)	9
Quadro 6 —	Artigos com temáticas afins (2018-2021)	11
Quadro 7 —	Perfil /Colaboradoras da Pesquisa	41-42

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 —	Atividade 3ª Fase – Provocação	64
Figura 2 —	Atividade - Fase da Provocação	66-67
Figura 3 —	Atividade - Fase da Provocação	68
Figura 4 —	Atividade - Fase de Provocação - Imagem (Charge) - Participante 07	71-72

LISTA DE SIGLAS

AMA	Articulação de Mulheres do Amapá
AMEBJF	Associação de Mulheres Empreendedoras do Bairro Jardim Felicidade
AP	AMAPÁ
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitês de Ética em Pesquisa
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
CUFA	Central Única das Favelas
EN	Entrevista Narrativa
FREA	Frente Emergencial de Atendimento a Mulher Vítima de Violência Doméstica
IMENA	Instituto de Mulheres Negras do Amapá
MAMA	Movimento Articulado de Mulheres da Amazônia
MTST	Movimento dos Trabalhadores Sem Teto
TCLE	Termo Consentimento Livre e Esclarecido
UNIFAP	Universidade Federal do Amapá

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 REVISÃO DE LITERATURA, REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO	6
1.1 O ESTADO DA ARTE	6
1.2 REFERENCIAL TEÓRICO	16
1.2.1 Feminismo e Gênero	17
1.2.2 Práxis Educativa	20
Autoavaliação/autocrítica e Críticas ao Identitarismo	24
1.3 METODOLOGIA	30
1.3.1 Sobre o Contexto Metodológico	30
1.3.2 Do Método (Hermenêutica) e sobre o Procedimento Metodológico (Formativapesquisa)	33
2 ENTRELACAMENTO DO FEMINISMO COM A PRÁXIS EDUCATIVA ...	36
2.1 APROXIMAÇÃO E IMERSÃO	36
2.1.1 Perfil das Participantes	41
2.1.2 Apresentação dos Dados e Análise das Narrativas	44
3 PROVOCAÇÃO E ANÁLISE	57
3.1 ANTECEDENTES DAS PROVOCAÇÕES	58
3.2 RESPOSTAS ÀS PROVOCAÇÕES	59
3.3 RELEITURA DAS PROVOCAÇÕES	72
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	81
APÊNDICE A - ROTEIRO PARA ENTREVISTA	87
APÊNDICE B - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS 2ª FASE	88
APÊNDICE C - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS 3ª FASE	145
APÊNDICE D - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS 4ª FASE	150

INTRODUÇÃO

A experiência no magistério, ao longo de quase vinte anos, me possibilitou/possibilita ter contato com histórias de vida de mulheres, docentes e discentes, e suas atuações na escola. Saindo do ambiente escolar também me deparei com a atuação feminina em diversos movimentos sociais, grupos e pastorais. Compreendi, mediante essa aproximação, que a educação extravasa os muros escolares que, tão importante quanto o formal educativo (escolar), são as informalidades do aprender e se envolver socialmente em projetos que impulsionem a cidadania, a vida.

Vislumbro este trabalho de pesquisa como uma ode ofertada em homenagem a essas mulheres educadoras que trabalham ou trabalharam tanto em projetos sociais, pastorais quanto em escolas. O estudo tem como tema a autoavaliação do ideário feminista e sua práxis educativa em contraste com as críticas recebidas.

Com a carga cultural herdada ou apossada por instigação da própria alma, essas mulheres interagem com o seu cotidiano de interventoras educativas atravessadas por propostas de ideais de vida (civilizacional, teóricas, pastorais). De modo que, para cada mulher interventora social, militante, educadora, pode-se afirmar que há por trás um ou vários ideais (teorias, visões de mundo) que impulsionam o gerenciamento da sua práxis educativa.

Selecionei o feminismo, teoria e visão de mundo, que movimenta as ações de tantas mulheres. Fui atrás de mulheres que incorporavam o ideal. Já conhecia algumas, também sou uma delas. Encontrei-as em coletivos, grupos organizados, na atuação e educadoras (depois de passarem pela militância de grupos sociais). Como se perceberá ao longo da pesquisa, as mulheres que exercem atividades educativas e que se afirmam feministas foram atravessadas pelo feminismo. Que feminismo é esse que as move? Como se deu a inserção delas na cosmologia feminista? Como esses elementos do feminismo atravessaram-nas e atravessa as suas práxis educativas? Como esse feminismo que elas carregam dialogam com as críticas que são feitas a ele hodiernamente? Qual a dimensão da compreensão dessas críticas e como elas impactam a sua práxis educativa?

Essas e outras questões perfilam a problematização deste estudo. Como se percebe, esse não é um trabalho de extrativismo acadêmico. É uma proposta dialogal, de autoreflexão, ou melhor, de autoavaliação ao lado dessas mulheres, sem me excluir desse processo de caminhar junto. De fazer pesquisa ao lado, em paridade de produção de sentidos, significados e não meramente de reprodução de significados.

Conforme dito, o feminismo tem recebido muitas críticas, assim como os movimentos

identitários (FORNAZIERE, MUANIS, 2017), (LILLA, 2018). E eis aí o ponto nodal desta pesquisa, promover exercícios reflexivos de autoavaliação levando em consideração não o que as participantes já sabem sobre feminismo e práxis educativa. Se assim fosse, este estudo seria sobre representações. Ficaria afunilada em coleta e interpretação das zonas de conforto das participantes. Pelo contrário, o seu objetivo é provocar. Provocar no sentido de instigar as pessoas a pensarem sob outras óticas para, assim, promover novos sentidos ou mesmo reafirmação dos já conhecidos. É o que se chama de formativapesquisa (CARIACÁS, 2011). Nesse sentido, procuram-se contrapontos.

Ademais, outro aspecto, de caráter mais subjetivo, conduz-me para referida pesquisa; por ser oriunda de uma família patriarcal e sexista experimentei desde muito cedo os reflexos desta realidade machista nos “sim/não” recebidos. Tal realidade me estimulou a participar de movimentos sociais, organizações não governamentais, representações estudantis tais como grêmio estudantil (ensino médio), centro acadêmico (universidade) entre outros. Fui atuante em diversas atividades sociais que já colocavam em prática ações educativas ofertadas fora do ambiente escolar. A minha vivência, acima descrita, compõe as motivações que me estimulam a desenvolver a presente pesquisa e o interesse pela dimensão educativa na atuação de mulheres em diferentes inserções e projetos sociais.

De volta à pesquisa, objetiva-se: interpretar a autoavaliação da práxis educativa elaborada por mulheres atravessadas pelo feminismo que atuam em projetos sociais.

O problema norteador é: como mulheres atravessadas pelo feminismo que desenvolvem práxis educativas em diferentes projetos sociais avaliam suas atuações em face das críticas recebidas? Tal questionamento originou-se também a partir de inquietações e curiosidades pessoais e profissionais que me acompanham na trajetória de professora de história da rede estadual de ensino no estado do Amapá.

Como ponto de partida para a pesquisa foi elaborado levantamento de alguns movimentos sociais e grupos atuantes em Macapá/AP, com participação feminina. Elencam-se alguns destes: projeto Periferia em Ação; Central Única das Favelas no Amapá - CUFA/AP, programa Mães da Favela; Rede Fulanas e Instituto de Mulheres Negras do Amapá - IMENA. As informações coletadas propuseram-me reflexões e questionamentos que integram a pesquisa, tais como: quais as motivações para essas mulheres atuarem em inserções sociais frente a uma realidade de críticas às lutas identitárias? Que atividades elas desempenham nos projetos e quais os eixos temáticos abordados? Qual a relação entre as práticas desenvolvidas nos projetos e a educação? Como elas se autoavaliam neste contexto de

militância feminista frente às críticas recebidas? As mulheres que participam dos projetos sociais, ora objeto do estudo, têm em comum, além do desprendimento no agir, o ideário feminista que mesmo com suas peculiaridades possibilita uma partilha de identidades.

Por meio dos questionamentos descritos acima, foi elaborado o problema que norteia a pesquisa a partir do qual visa-se alcançar os seguintes objetivos específicos: expor e refletir sobre a conjuntura do feminismo e sua relação com gênero; descrever a práxis educativa do feminismo amapaense a partir da reflexão e autoavaliação das colaboradoras da pesquisa; contrastar em perspectiva hermenêutico-terapêutica o ideário feminista em relação às críticas recebidas e, por fim, esta pesquisa objetiva apontar as reformulações do ideário das feministas envolvidas na pesquisa, levando-se em consideração a práxis provocada nos exercícios de autoavaliação mediada pelo contraste de posicionamentos.

Ressalta-se que dois elementos foram utilizados como critérios metodológicos de especificação e inclusão das colaboradoras quais sejam: o caráter educativo das ações por elas desenvolvidas e o ideário feminista que guia a atuação das participantes. Pois, a atuação de mulheres ligadas a diversas vertentes do feminismo e suas percepções sobre o alcance dos projetos sociais como práticas educativas possibilitam uma análise sobre abrangência das ações desenvolvidas por elas e o protagonismo social na experiência do falar e ouvir como um instrumento de formação política para uma prática cidadã. A atuação dos projetos sociais, objeto da pesquisa, pode ser caracterizada como formação para a cidadania, desdobrando-se em educação para justiça social e educação para direitos humanos, sociais, políticos, culturais, etc. (GOHN, 2009).

A pesquisa se propõe a contribuir para ampliação de leituras e análises sobre a práxis educativa nos projetos sociais e sua importância na sociedade. Além disso possibilitará a produção de narrativas autobiográficas das mulheres atuantes em movimentos sociais, salas de aula, associações e grupos com atuação em campos diversos que poderão compor a literatura sobre o feminismo no estado do Amapá.

Trata-se de pesquisa aplicada e caracteriza-se como pesquisa descritiva exploratória com abordagem qualitativa, utilizamos como método a hermenêutica e trouxe-nos procedimentos metodológicos a formativapesquisa, aplicação de entrevista narrativa e para análise dos dados. Além disso, lançamos mão da análise temática (BAUER; GASKELL, 2007). E, como aporte teórico que fundamenta a pesquisa, destaca-se a autocrítica feminista (HOOKS, 2018), (BUTLER, 2021), (TIBURI, 2018), e a prática educativa em movimentos sociais (GOHN, 2013) e (FREIRE, 2018) práxis educativa. Nos termos de Gadamer,

buscamos analisar as narrativas e autoavaliação, sob a ótica de um cenário de críticas ao feminismo. Nesse aspecto, a conversação foi guia para a construção mútua do entendimento. A “Conversação terapêutica” (GADAMER, 1997) presente na Hermenêutica aplicou-se à presente pesquisa.

Portanto, verifica-se a relevância social do tema proposto tanto pela possibilidade de propiciar às mulheres reflexão e compreensão a respeito da sua atuação nos projetos sociais quanto por ser mais um instrumento para divulgar a ideia de educação para justiça social e ampliação de direitos. Ademais, o estudo apresenta uma perspectiva metodológica para o campo de investigação na educação que ultrapassa os muros das escolas/universidades visando alcançar também a práxis educativa na atuação de mulheres em diferentes projetos sociais.

A hipótese que subjaz o presente estudo é a de que a atuação de mulheres, guiadas pelo ideário feminista, em projetos sociais está imbuída de uma dimensão educativa na qual identifica-se a práxis sendo a autoavaliação/autocrítica um instrumento para reflexão das participantes sobre a referida práxis.

Ademais, o estudo poderá fortalecer a divulgação da força e importância na sociedade da atuação de mulheres feministas como agentes de transformação social e o fortalecimento da epistemologia feminista¹ no estado do Amapá.

A pesquisa está organizada da seguinte forma: na introdução, apresenta-se o tema, as questões norteadoras, os objetivos da pesquisa e a relevância do tema; na primeira seção, denominada Revisão de Literatura, Referencial Teórico e Metodológico subdivide-se em Revisão de Literatura que traz dois subitens, quais sejam, Estado da Arte e Referencial Teórico, este último discorre sobre fundamentação teórica, feminismo e gênero, práxis educativa e autoavaliação e críticas ao identitarismo; a subseção Metodologia apresenta o contexto metodológico, método (Hermenêutica), procedimentos metodológicos e a formativapesquisa, nesta seção será contemplado o primeiro objetivo específico do estudo a fim de expor e refletir sobre a conjuntura do feminismo e sua relação com gênero. A segunda seção, denominada Entrelaçamento do Feminismo com a Práxis Educativa, aborda a primeira e segunda fases dos procedimentos metodológicos. Nessa seção, consta a primeira fase

¹ Neste estudo, compreende-se a epistemologia feminista como um campo de pesquisa social, produção e reconhecimento de saberes, pois tal como afirma Martnez as “experiências e vivências, quando compartilhadas, ganham o status de experiência coletiva, podendo se transformar em uma experiência política. Também envolve a identificação com sistema de conhecimento (epistemologias) que dão sentido às suas experiências de gênero, classe, raça/etnia e sexualidade” (MARTNEZ, 2021).

denominada de Aproximação e Imersão, o Perfil das Participantes e a Apresentação dos Dados e Análise das Narrativas. Já, a terceira seção, denominada Provocação e Análise, está subdividida em: Antecedentes às Provocações, Respostas às Provocações e Releitura das Provocações. Nessa seção, constam as entrevistas e a análise da terceira e quarta fase dos procedimentos metodológicos. Essa seção atenderá ao segundo e terceiro objetivo da pesquisa, quais sejam: descrever a construção do feminismo amapaense e contrastar em perspectiva hermenêutica-terapêutica o ideário feminista em relação às críticas recebidas, além disso, são apresentadas as narrativas autobiográficas de mulheres feministas e suas inserções sociais, nas quais foi contemplado o último objetivo específico que visa apontar as reformulações do ideário das feministas envolvidas na pesquisa a partir da práxis provocada nos exercícios de autoavaliação mediada pelo contraste de posicionamentos. Por fim, expõem-se as considerações finais e reflexões obtidas com o estudo.

1. REVISÃO DE LITERATURA, REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

1.1 O ESTADO DA ARTE

Ao elaborar o estado da arte do objeto da pesquisa, propus-me a fazer uma busca sistematizada em duas plataformas confiáveis que armazenam trabalhos científicos, os quais poderiam fundamentar e orientar o presente estudo a fim de evitar repetições e/ou lacunas no tema estudado. Como afirma Luna, o “objetivo deste tipo de trabalho é descrever o estado atual de uma dada área de pesquisa: o que já se sabe, quais as principais lacunas, onde se encontram os principais entraves teóricos e/ou metodológicos” (LUNA,1996, p. 20).

Nesse sentido, as plataformas escolhidas foram: o Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do qual levantaram-se as teses e dissertações registradas que apresentaram afinidade com o objeto da pesquisa; a plataforma Scielo, na qual se buscou artigos científicos relacionados ao tema. Ambas foram selecionadas pelo rigor científico exigido dos trabalhos publicados e pela diversidade de temas e áreas do conhecimento abrigados nestas plataformas. Com objetivo de refinar as buscas lançou-se mão dos operadores booleanos, instrumentos de busca que possibilitam limitar e conduzir a pesquisa virtual, os operadores utilizados foram “or” e “and”.

No catálogo de Teses e Dissertações da Capes, procurou-se refinar as buscas a partir de critérios que a conduzissem para área da educação, quais sejam: tipo de trabalho - Dissertações e Teses; período - desde 2018; grande área do conhecimento Ciências Sociais aplicadas e ciências humanas; área do conhecimento educação; área de avaliação - educação; área de concentração - Educação e Ciências Sociais; programa - Educação.

Ao iniciar as buscas, surgiu a dificuldade de encontrar trabalhos a partir dos descritores utilizados. Nesse sentido, destaca-se a relevância do estudo, pois foram poucos os estudos encontrados que utilizam a perspectiva metodológica de análise de práticas educativas fora do ambiente escolar traçando um paralelo entre as autoavaliações desenvolvidas pelos sujeitos da pesquisa e a práxis educativa desenvolvidas. Sendo assim, o o presente estudo não se restringe a tratar um paradigma dentro de uma abordagem entre pares, mas sim possibilitar diálogos por meio de contraposições e críticas externas e internas na atuação de educadoras que se guiam pelo ideário feminista.

Desse modo, foi necessário fazer um jogo com as palavras-chave a fim de conseguir inventariar trabalhos com alguma relação com o objeto de pesquisa ora proposto. Resta esclarecer que, nessa etapa do estudo, duas categorias estavam inclusas nas buscas quais

sejam: críticas identitárias e o neofascismo. Contudo, após a análise da banca de qualificação, optou-se por excluir tais elementos, tendo em vista que as críticas direcionadas à atuação das colaboradoras vai além destas categorias e, por conseguinte, incluí-las poderia dificultar a análise e compreensão do estudo. Algumas buscas foram realizadas com a seguinte estrutura de descritores, vejamos os quadros abaixo:

Quadro 1 - Busca de trabalhos na Plataforma Capes com temáticas afins (2018-2021)

BUSCA	DESCRITORES	RESULTADO
01	“Autoavaliação, movimentos sociais, feminismo, práxis educativa.”	Nenhum resultado
02	Práxis educativa and movimentos sociais and feminismo.	Nenhum resultado
03	Práxis educativa and feminismo and criticas ao identitarismo.	2.031 trabalhos encontrados

Fonte: Plataforma Capes

Foram encontrados 2.031 (dois mil e trinta e um) trabalhos na Plataforma Capes, dos quais apenas 13 (treze) obras foram selecionadas, após um cansativo processo de seleção de textos os quais foram escolhidos levando em consideração a pertinência do tema e relação das categorias analíticas apresentadas com o objeto de estudo da pesquisa. Os textos foram organizados da seguinte maneira, vejamos:

Quadro 2 - Teses e Dissertações Capes

PRODUÇÕES ACADÊMICAS	TRABALHOS ENCONTRADOS
TESES	03
DISSERTAÇÕES	10

Fonte: Plataforma Capes

Ao se proceder busca na Plataforma Scielo, deparou-se novamente com a dificuldade de encontrar trabalhos com proximidade do objeto de estudo proposto na pesquisa. Com objetivo de afunilar a busca mais uma vez foram feitos jogos com os descritores elaborando diferentes combinações com o recurso dos indicadores booleanos, tal como demonstrado no quadro a seguir:

Quadro 3 - Busca de trabalhos Plataforma Scielo com temáticas afins (2018- 2021) (continua)

BUSCA	DESCRITORES	RESULTADOS
1.	Práxis educativa	Nenhum resultado
2.	Movimentos sociais feministas	Nenhum resultado encontrado
3.	“autoavaliação em movimentos sociais”	Nenhum resultado encontrado
4.	Movimentos sociais feminismo	Foram encontrados 39 (trinta e nove) trabalhos / após refinar busca restaram 04 (quatro) trabalhos dos quais

BUSCA	DESCRITORES	RESULTADOS
		nenhum tem relação com a pesquisa.
5.	Feminismo and críticas ao identitarismo movimentos Sociais	Foram encontrados 03 (três) trabalhos / após refinar a busca restaram 02 (dois) trabalhos.
6.	Feminismo and críticas ao identitarismo	Nenhum resultado encontrado.
7.	Práxis educativa or autoavaliação no feminismo atuante	Nenhum resultado encontrado.
8.	Práxis educativa or movimentos sociais feminismo	Nenhum resultado encontrado.
9.	Movimento de mulheres and feminismo and educação	01 (um) artigo encontrado.
10.	Movimento de mulheres autoavaliação feminismo	Nenhum resultado encontrado.
11.	Movimento de mulheres and educação	Foram encontrados 38 (trinta) trabalhos / após refinar busca restaram 03 (três) trabalhos dos quais nenhum apresentava relação com a pesquisa.

Fonte: Plataforma Scielo

Do exposto, verifica-se que foram poucas as pesquisas localizadas que articulam o tema, autoavaliação do ideário feminista em contraste com as críticas recebidas, com pesquisas na área da educação, movimentos sociais feministas e autoavaliação. Em vista disso, será apresentado a seguir um quadro com as dissertações e teses encontradas, informando o nome do pesquisador, a universidade, o programa de pós-graduação, ano de defesa e título do estudo, como forma de demonstrar os estudos aproximados à presente pesquisa, apesar de utilizarem outros objetos e enfoques.

Quadro 4 - Dissertações de Mestrado com temáticas afins (2018- 2021)

AUTOR, UNIVERSIDADE E PROGRAMA	TÍTULO	ANO
Santos, Guilherme Ribeiro Miranda dos. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED.	A PRÁTICA EDUCATIVA NO MOVIMENTO SOCIAL “LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE”: narrativa de participantes.	2018

Fonte: Plataforma Capes

Na obra, *A prática educativa no movimento social “levante Popular da juventude: narrativa de participantes”*, o autor identifica que as práticas educativas do Levante Popular

da Juventude se inserem no campo das práticas de educação não formal existentes nos movimentos sociais, pois, nestes o processo educativo se dá nas relações intersubjetivas estabelecidas por seus integrantes (SANTOS, 2018, p. 110). A metodologia utilizada pelo autor foi a Fenomenologia Social, a partir da qual destacam-se as motivações que levam os jovens a ingressarem no referido movimento social, ressalta-se ainda de que forma as relações intersubjetivas e o repertório de práticas educativas do movimento possibilitam que os participantes pensem sobre a realidade política e social brasileira, o movimento de mulheres, diversidade sexual e gênero, questão racial, entre outros e internalizem em seu processo de consciência (SANTOS, 2018, p. 111). As narrativas dos participantes no movimento estudado foram fundamentais para a compreensão e análise das práticas educativas presentes no movimento objeto do estudo.

Nessa perspectiva, a dissertação apresenta semelhança com a pesquisa desenvolvida, especialmente, quanto ao objetivo de apontar as reformulações do ideário das feministas envolvidas na pesquisa por intermédio da práxis provocada nos exercícios de autoavaliação.

Quadro 5 - Teses de Doutorado com temáticas afins (2018-2021)

AUTOR(A), UNIVERSIDADE E PROGRAMA	TÍTULO	ANO
SILVA, Hamilton Harley De Carvalho. Universidade de São Paulo. Doutorado em Educação	A dimensão educativa da luta de mulheres por moradia: o caso do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto de São Paulo.	2018
FERREIRA, Ana Paula de Medeiros Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.	Mulheres camponesas: processos educativos em meio ao trabalho.	2018
FORECHI, Marcilene Universidade Federal do Rio Grande Do Sul (UFRGS) Programa de Pós-Graduação em Educação uma análise a partir dos Estudos Culturais em Educação	IDENTIDADES FEMININA SEM COMENTÁRIOS NO FACEBOOK	2018

Fonte: Plataforma Capes

A pesquisa, *A dimensão educativa da luta de mulheres por moradia: o caso do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto de São Paulo*, apresenta dentre seus objetivos aprender de que modo tais mulheres adquiriram, ao longo de suas trajetórias de vida, disposição para o engajamento político e, no mesmo sentido, compreender como são interiorizadas e transmitidas, na experiência do próprio movimento novas disposições para a defesa e a ação em causas coletivas. Além disso, se propõe a analisar as especificidades das práticas educativas propiciadas pela dinâmica e organização do MTST com foco investigativo

na posição das mulheres militantes na organização desse movimento.

Nesse sentido, busca-se a compreensão dos efeitos dos processos de socialização e ressocialização sobre as percepções das mulheres envolvidas no movimento a respeito de si mesmas, o mundo e seu lugar nele, com ênfase sobre os modos como compreendem, questionam e lutam contra as desigualdades sociais. Assim, nesse aspecto, o objeto que será abordado na presente pesquisa aproxima-se do referido estudo ao buscar compreender e analisar a dimensão da educação nos movimentos sociais de mulheres e a leitura e avaliação que estas fazem das suas jornadas nos movimentos sociais e inserções sociais em sala de aula e ambientes eclesiais.

O procedimento metodológico utilizado pautou-se em investigação qualitativa com foco em observações, conversas informais e entrevistas semiestruturadas. O autor afirma que a análise da dimensão educativa da luta de mulheres por moradia, permite compreender que o processo de engajamento do mencionado grupo passa por momentos específicos que implicam diferentes etapas de formação/aprendizagem e (re)socialização.

Do mesmo modo, Ana Paula de M. Ferreira, em sua tese *Mulheres camponesas: processos educativos em meio ao trabalho*, buscou compreender como ocorrem os processos educativos relativos às práticas de trabalho de mulheres camponesas que vivem no Assentamento Boa Esperança, no município de Colina do Sul, Goiás. O referido trabalho busca compreender a complexidade dos processos educativos que ocorrem no meio social descrito, de conflitos, lutas e resistências, resultando em uma educação ligada à vida, ao cotidiano e ao trabalho. Para desenvolver tal pesquisa a autora utilizou, nos procedimentos metodológicos, a etnografia com visitas ao assentamento e conversas com as mulheres envolvidas na pesquisa. Nesse aspecto, encontra-se semelhanças com os procedimentos metodológicos que foram adotados no presente estudo, pois será pautado pelas vias da etnografia para fazer a aproximação junto às feministas, cientes que não basta observar de longe para compreender o objeto da pesquisa. Será preciso, portanto, de uma aproximação real e um convívio com as colaboradoras a fim fazer com e estar com.

A análise das teses selecionadas fora concluída com a produção acadêmica Marcilene Forechi, intitulada *Identidades Femininas em comentários no Facebook: uma análise a partir dos Estudos Culturais em Educação*. Embora o texto não tenha uma ligação direta com o objeto de estudo da pesquisa ao qual se propõe a realizar, essa tese apresenta uma discussão sobre a produção de identidades femininas em comentários no *Facebook*. Para tanto, utilizou como procedimento metodológico a etnografia digital (FORECHI, 2018). Constata-se que é uma pesquisa ousada com caráter inovador, pois busca, por meio dos estudos culturais e pós-

estruturalismo, compreender a produção de significados sobre o feminino e as identidades femininas. Todavia, percebe-se um distanciamento da problemática apresentada na pesquisa que será realizada, uma vez que deixa uma lacuna na relação entre o objeto da pesquisa e a dimensão educacional da análise. Porém, dois aspectos chamou a atenção positivamente, a subjetividade na construção das identidades e o uso da etnografia como metodologia em uma pesquisa que tem como *locus*, o espaço virtual, vejamos quadro com artigos científicos selecionados:

Quadro 6 - Artigos com temáticas afins (2018-2021)

AUTORA, UNIVERSIDADE	TÍTULO	ANO
CARMO, Íris Nery do, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP.	O perigo das dobras: Iconografias e corporalidades no Feminismo contemporâneo.	2018
MACEDO, Eunice. Universidade Estadual do Oeste do Paraná Centro de Educação.	Pedagogia freiriana e pedagogias feministas:(des) encontros e diálogos (im)possíveis?	2021
CARONE, Renata Rodrigues Departamento de Estudos de Gênero da Universidade Estadual de Lisboa.	A atuação do movimento feminista no Legislativo Federal: caso da Lei Maria da Penha.	2018

Fonte: Plataforma Scielo

Os artigos selecionados transitam por campos diferentes de produção e análise do conhecimento, mas têm em comum a categoria analítica o feminismo. Percebeu-se, ao longo das buscas e estudos, que, embora exista uma vasta produção sobre o tema, a relação deste com a temática educação nos movimentos sociais ainda deixa lacunas. Com efeito, não se trata de inexistência de correlação entre os temas, mas sim de abordagens que limitam a análise do referido tema correlacionado com a educação formal. Os textos selecionados para análise, acima elencados, trazem um olhar diferente sobre feminismo, atuação de jovens feministas, politização do feminismo dentre outras leituras.

Veja-se o artigo, *O perigo das dobras: Iconografias e corporalidades no Feminismo contemporâneo*. A pesquisa que originou o texto analisa os movimentos sociais contemporâneos e os novos sujeitos políticos em um contexto de multiplicidade de vozes e sujeitos que se identificam como feministas. O trabalho tem como objeto um conjunto de mulheres jovens, com idade entre 20 (vinte) e 30 (trinta) anos, que se reconhecem como ativistas do feminismo. Estas integram uma rede informal de jovens universitárias oriundas de classe média urbana com referências no vegetarianismo, autonomismo, o *punk*, o direito à cidade e o anarquismo, dentre outros, com articulações com outros movimentos e atores

sociais (CARMO, 2018).

Ao desenvolver a pesquisa, a autora utilizou o caminho da etnografia a fim de se aproximar dos grupos estudados. Dessa forma, traz importante contribuição para a compreensão e debate sobre feminismo na contemporaneidade, suas vertentes e a dinâmica de politização e envolvimento das ativistas em diversos movimentos com bandeiras de luta distintas. Desse modo, concluiu apresentando a politização do corpo nos discursos e protestos feministas contemporâneos, jornadas que, segundo a autora, ultrapassam o campo dos direitos sexuais e reprodutivos (CARMO, 2018).

O texto *Pedagogia freiriana e pedagogias feministas:(des)encontros e diálogos (im)possíveis?*, de autoria de Eunice Macedo, propõe cruzamentos e diálogos entre a pedagogia freiriana e as pedagogias feministas como tradições teóricas e metodológicas emancipatórias da voz. Nesse ponto, a produção analisada aproxima-se do estudo ora apresentado, visto que a práxis educativa a ser observada na atuação das participantes feministas e a dinâmica de autoavaliação se dará à luz da leitura de Freire.

Ao analisar as pedagogias, freiriana e feminista, a autora afirma que estas são comprometidas com a justiça social, os direitos humanos e a construção de um mundo melhor (CARMO, 2018). Apesar disso, Paulo Freire recebe muitas críticas, inclusive de autoras feministas, mas também fundamenta muitos trabalhos e pesquisas na educação e em outros campos do saber.

A autora conclui reafirmando que ambas as propostas, freiriana e feministas, defendem a necessidade de autoquestionamento e de encorajamento daqueles que aprendem a fim de saírem de um papel passivo de receptores da aprendizagem para tornarem-se atores e atoras da sua construção (MACEDO, 2021). Nesse aspecto, encontra-se semelhança com a ideia de autocrítica feminista que guia a presente pesquisa.

Fez-se também a análise do artigo *A atuação do movimento feminista no Legislativo federal: caso da Lei Maria da Penha*. O referido artigo explora os efeitos da atuação do movimento feminista no Legislativo Federal. Trata-se do caso de um consórcio de Organizações Não Governamentais (ONG's) feministas que atuou no Congresso Nacional para aprovar a Lei 11.340/2006, denominada Lei Maria da Penha, a qual dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher (CARONE, 2018).

Como se compreendeu da leitura, os movimentos sociais podem influenciar os processos políticos e definir políticas públicas que interferem diretamente na realidade dos sujeitos participantes dos movimentos sociais. Dessa forma, encontra-se, nesse aspecto, o motivo para se considerar o texto relevante para pesquisa.

Ressalta-se que o problema que norteia a pesquisa é: como mulheres, atravessadas pelo feminismo, que desenvolvem práxis educativas em diferentes projetos sociais avaliam suas atuações em face das críticas recebidas? Por isso, considera-se imprescindível discorrer sobre os movimentos sociais, especialmente aqueles com foco para lutas feministas e de gênero, relacionados com as práticas educativas presentes nestes movimentos.

Nesse sentido, foi incluído, na análise de textos, as obras: *Movimentos sociais na contemporaneidade e Desafios dos movimentos sociais hoje no Brasil*, de Maria da Glória Gohn. Tais textos não foram consequência das buscas, pois o contato com eles ocorrera em momento anterior. A citada autora, utiliza a ideia de cidadania ativa, compreendida como manifestação de indivíduos conscientes de seus direitos e deveres e protagonistas da sua história, a qual está diretamente relacionada com a participação destes indivíduos na esfera pública (GOHN, 2013). Nessa perspectiva, atuar em movimentos sociais é uma das maneiras de exercitar a cidadania e efetivamente fortalecer a democracia com a participação da sociedade civil organizada.

A autora apresenta em seus textos a gradativa transformação dos movimentos sociais e dos sujeitos participantes destes movimentos. Nos anos de 1970 e 1980 participar de movimentos sociais era uma forma de questionar e resistir às imposições e silenciamentos do regime militar. Setores da Igreja Católica e movimentos sociais organizados foram fundamentais no processo de luta pela democracia. No período subsequente, o modelo de atuação da sociedade civil se transformou paulatinamente, pois pautas de enfrentamento ao Estado passaram a ganhar nova roupagem de articulações em prol de fortalecer a democratização do país e, em alguns casos, estabelecendo parcerias entre a sociedade civil organizada e o Estado (GOHN, 2013). Nesse contexto, os movimentos sociais também sofreram algumas alterações tornando-se menos universalistas e com bandeiras mais específicas de atuação. Assim, novos segmentos ganharam força como, por exemplo, a luta pelos direitos das mulheres e discussões sobre gênero.

O espaço público não estatal surge da relação entre a sociedade civil e a sociedade política (GOHN, 2013). Com a atuação de novos atores sociais e novas demandas, visto que os processos sociais e culturais são dinâmicos e, assim, são também os movimentos sociais entendidos como uma atuação coletiva em torno de uma causa comum. As lutas identitárias ganharam força nos últimos anos, no Brasil, mas, paralelo a esse fato, tem-se assistido também ao crescimento de discursos conservadores e neofascistas de críticas aos movimentos identitários (LILLA, 2018).

Nesse cenário, a pesquisa tem como objetivo interpretar a autoavaliação da práxis

educativa elaborada por mulheres que, guiadas pelo ideário feminista, atuam em projetos sociais. Maria da Glória Gohn, elenca 14 (catorze) eixos temáticos que passaram a compor os movimentos sociais nos últimos anos, dos quais destacam-se “os movimentos de demandas na área dos direitos humanos e culturais” (2013, p. 308), nos quais incluem-se as demandas feministas e a atuação do movimento feminista e de gênero buscando reduzir e combater a desigualdade entre homens e mulheres, a violência contra mulheres e toda forma de discriminação e preconceito em razão do gênero.

Os movimentos sociais tiveram e têm uma atuação importante na transformação social, porque ao mesmo tempo que provocam mudanças na sociedade instigam mudanças nos indivíduos atuantes no movimento. O próprio movimento se transforma constantemente e desloca suas identidades e incorporam outras dimensões do pensar e agir (GOHN, 2013). Nesse contexto, o movimento feminista tem passado por diversas transformações ao longo dos anos, apresenta atualmente várias vertentes internas com diferentes focos de atuação, como exemplo, pode-se citar: o feminismo negro, o feminismo radical, o feminismo interseccional, entre outros. Em comum, estas vertentes do feminismo ocidental, têm a luta contra a violência, a desigualdade, o sexismo e a negação de direitos.

Ao buscar compreender o que é movimento social, especialmente o movimento feminista e sua relação com educação, comunga-se com as ideias de Gohn que assim afirma sobre movimentos sociais:

(...) encaramos como ações sociais coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas. Na ação concreta essas formas, adotam diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações, etc.) até as pressões indiretas. Na atualidade, os principais movimentos sociais atuam por meio de redes sociais, locais, regionais, nacionais e internacionais ou transnacionais, e utilizam-se muito de novos meios de comunicação e informação como a internet (GOHN, 2011, p. 335).

Infere-se da explicação da autora, a abrangência dos movimentos sociais na defesa de interesses coletivos e sua capacidade de transpor fronteiras e adequar-se a novas realidades e atuarem como novos campos de conhecimento e novos espaços de educação. As redes sociais e a internet têm sido canais muito utilizados nos dias atuais para ampliar a comunicação e a interação de indivíduos nos mais diversos lugares do planeta alterando a dinâmica do movimento social e a relação dos militantes com as suas jornadas pessoais e com a causa defendida. Nesse sentido, a pesquisa pretende analisar a autoavaliação das mulheres atuantes em inserções sociais e a práxis educativa presente nestas atuações.

Ressalta-se que, as “lutas e movimentos sociais pela educação tem caráter histórico, são processuais, ocorrem, portanto, dentro e fora de escolas e em outros espaços institucionais” (GOHN, 2011, p. 346). Compreende-se a práxis educativa como as ações desenvolvidas nos movimentos e projetos sociais que podem possibilitar uma mudança de comportamento numa interação ação/reflexão (FREIRE, 1987). O papel educativo dos projetos sociais reflete diretamente no cotidiano de cada participante militante além de provocar alterações na organização política e cultural da sociedade, tais como mudanças na legislação, a fim de ampliar direitos, maior participação feminina em funções e cargos antes só ocupados por homens e a criação e democratização de espaços para debates de temas relevantes para a luta feminista possibilitando avanços. Assim, o avanço do feminismo, no Brasil, veio acompanhado de mudanças internas nos diversos movimentos que podem ser enquadrados como tal. Primeiramente, os grupos eram homogêneos, composto por mulheres brancas e de classe média. Hoje, os coletivos estão pelos mais variados setores da sociedade, resultado da luta pelo empoderamento da mulher (HENN; SHERER; ALVES, 2018, p. 08).

Conclui-se, então, que os espaços de lutas pela igualdade e pelo empoderamento feminino são ao mesmo tempo espaços educativos, dado que provocam mudanças, produção de conhecimentos, vivências, espaços de exercício de cidadania e alteram as regras do sistema político com o objetivo de legitimar melhorias e conquistas de direitos. Destaca-se que, o presente estudo, não se restringiu à audição de mulheres ou à categoria movimentos sociais e militância, buscou-se, sobretudo, dialogar com mulheres que se reconhecem como feministas, uma vez que o feminismo compõe seu ideário e desenvolve suas atividades educativas em diferentes projetos sociais com o intuito de transformação social.

Frise-se que a pesquisa é um aporte a mais para compreensão dos diversos espaços educativos no estado do Amapá. Dois aspectos da pesquisa são fundamentais para destacar a relevância e pertinência do objeto de pesquisa: primeiro a proposta de lançar um olhar sobre a práxis educativa presente nas inserções e projetos sociais feministas com participação efetiva de mulheres atuantes em diversos campos; segundo, a análise da autoavaliação destas militantes como uma possibilidade de olhar para si, questionar-se (ou não), ressignificar-se, refletir sobre sua jornada na militância e seu papel na construção da história amapaense. Contrastar em perspectiva hermenêutico-terapêutica o ideário feminista com relação às críticas recebidas e apontar as reformulações do ideário das feministas envolvidas na pesquisa a partir da práxis provocada nos exercícios de autoavaliação mediada pelo contraste de posicionamentos.

1.2 REFERENCIAL TEÓRICO

A presente pesquisa tem como tema: autoavaliação/autocrítica do ideário feminista e sua práxis educativa em contraste com as críticas recebidas e evidencia o seguinte problema: como mulheres atravessadas pelo feminismo que desenvolvem práxis educativas em diferentes projetos sociais avaliam suas atuações em face das críticas recebidas? Está situada no campo da educação e destaca como aporte teórico a autocrítica feminista (HOOKS, 2018), (BUTLER, 2021), (TIBURI, 2018), práxis educativa (GOHN, 2013) e (FREIRE, 2018), busca-se analisar, a partir da autocrítica das participantes do estudo, como mulheres feministas em estado de militância provocam exercícios educativos com as suas intervenções junto à comunidade com aplicação de cursos, rodas de conversa, oficinas, palestras entre outras atividades por elas desenvolvidas.

Para se compreender os fundamentos teóricos do estudo, é fundamental estabelecer-se, inicialmente, uma diferenciação entre os conceitos históricos de feminismo e movimentos sociais de mulheres e gênero. O primeiro é compreendido como filosofia universal que considera a existência de uma opressão específica a todas às mulheres; já, os movimentos sociais de mulheres são ações organizadas de grupos que reivindicam direitos ou melhores condições de vida e trabalho (TELES, 1999). Gênero, por sua vez, está entrelaçado ao feminismo, haja vista que os estudos, reflexões e/ou debates sobre uma destas categorias, conseqüentemente, atrai a outra. Entretanto, são espaços de tensões e embates por vezes com leituras sociais distintas. Apesar de, no presente estudo, a categoria gênero não compor o bloco central de análise faz-se necessário apresentar seu conceito a partir de duas ideias, conforme leitura a seguir:

(...) essas constantes mudanças e ressignificações de gênero, apresentam-se, então, em duas diferentes formas que o conceito de gênero é e foi utilizado: a primeira forma é que a palavra gênero descreve a personalidade e o comportamento e o termo sexo, usado em oposição ao gênero, referencia o corpo, para diferenciar o que é socialmente construído (gênero) do que é biologicamente definido (sexo), ou seja, o sistema binário sexo/gênero, defendido pelas feministas da década de 1960; a segunda forma é a utilização da palavra gênero para referenciar qualquer construção social sobre a diferença entre o feminino e o masculino (TEIXEIRA; LOPES; GOMES JÚNIOR, jan./jun. 2019, p. 407).

Percebe-se que paira sobre a categoria gênero a força da construção social e cultural que vai significando/ressignificando o que se define como feminino e masculino a partir de um emaranhando de regras sociais, símbolos e linguagens. Nos três conceitos acima descritos a autocrítica pode ser um valioso instrumento de renovação e reafirmação dos valores defendidos.

1.2.1 Feminismo e Gênero

No presente estudo, o feminismo não se apresenta como categoria central, mas sim como elemento essencial do ideário das participantes do estudo, contribuindo para compreensão da práxis educativa por elas desenvolvidas. Considera-se imprescindível traçar uma breve análise do conceito de gênero, visto que gênero e feminismo são categorias que caminham juntas, embora sofram tensões recíprocas, ciente de que são conceitos complexos e amplos, cada qual com sua própria elaboração histórica.

Nesse sentido, se faz necessário conceituar gênero, embora não seja tarefa fácil, já que abrange aspectos sociais, culturais e históricos e, dada as interações sociais, é uma ideia em constante processo de transformação. Segundo o dicionário de filosofia, “gênero pode ser compreendido como expressão culturalmente determinada da diferença sexual” (BLACKBURN, 1997).

Uma ideia primária na compreensão e definição de gênero é o seu caráter social construído a partir de determinadas culturas em oposição à ideia de sexo como fator biológico. Esse conceito esteve presente nos discursos feministas dos anos 60 e sofreu diversas críticas, especialmente, na terceira onda do feminismo. Já, o feminismo pós-estruturalista, segundo Nicholson, compreende o gênero como “construção social sobre a diferença entre o feminino e o masculino inclusive considera sexo como uma construção social” (*apud* TEIXEIRA; LOPES; JUNIOR, 2019, p. 410).

Dessa forma, compreende-se que gênero se origina das construções sociais e culturais e busca definir as representações sociais atribuídas aos sujeitos e extrapola a tradicional divisão de espaços masculinos *versus* feminino. Sendo assim, compreende-se as identidades como plurais e múltiplas e, por estarem em constante construção, são instáveis e passíveis de transformação e não algo dado e imutável tampouco baseado em generalizações (TEIXEIRA; LOPES; GOMES JÚNIOR, 2019). “Gênero não é um atributo do sujeito, não é fixo e inato, mas sim um dispositivo de identidades que são formados por normas e discurso sociais” (*apud* TEIXEIRA; LOPES; JUNIOR, 2019, p. 410).

Sobre o movimento feminista será demonstrado a seguir um breve apanhado histórico, destacando-se algumas características das denominadas ondas do feminismo ocidental. O citado movimento surgiu como uma forma de protestar contra a histórica opressão e dominação masculina sobre as mulheres. Esse movimento foi se estruturando e ganhando força na Europa Ocidental com o ‘objetivo de tornar visíveis aquelas mulheres ocultadas e silenciadas historicamente pela segregação social e política (TEIXEIRA; LOPES; GOMES

JÚNIOR, 2019).

O feminismo também pode ser entendido como movimento de contestação para a construção de uma justiça social para mulheres (TEIXEIRA; LOPES; GOMES JÚNIOR, 2019, p. 414). E, enquanto movimento social organizado e sistematizado, surgiu aproximadamente em meados do século XIX e já apresentava aspectos plurais e acenava para a diversidade de feminismos que futuramente abarcariam diferentes grupos de mulheres e suas especificidades dando origem às vertentes² do feminismo, tal como observamos hoje. Com reivindicações e conquistas próprias de cada período é didaticamente dividido em ondas as quais apresentaremos a seguir.

Na primeira onda, a luta pelo direito ao voto agregou muitas outras reivindicações, por exemplo, o direito à educação, as condições dignas de trabalho, entre outros. Basicamente, naquele período histórico, se fazia referência a um feminismo liberal ou burguês que se engajava na luta pelo direito ao voto e pelo acesso ao ensino superior (MEYER, 2013). Tinha predominantemente mulheres brancas de classe média o que já provocava tensões internas em virtude do significativo grupo de mulheres que não integravam as pautas de reivindicações desse período.

A segunda onda, que ocorrera em meados do século XX caracterizou-se pela elaboração e difusão de teorias sobre a opressão feminina, discriminação e violência contra mulheres. “No Brasil, o feminismo se associa aos movimentos de oposição e resistência ao regime militar vigente” (MEYER, 2013, p. 04). Esse momento exigia um aprofundamento na produção de conhecimentos a fim de conhecer, denunciar e combater as desigualdades.

Segundo Meyer, desde a segunda metade do século XIX, as mulheres das camadas burguesas europeias e americanas passaram a ocupar também espaços como escolas e hospitais (MEYER, 2013, p. 15). Em virtude dos estudos e debates neste momento histórico-

² O feminismo foi sendo fragmentado em “vertentes” na mesma velocidade com que se expandiam as demandas identitárias. Tais vertentes correspondem a diferentes alinhamentos teóricos e perspectivas e oferecem significados e discursos que estruturam e erigem a categoria “mulher”. Muitas vezes, elas aparecem no ciberespaço como antinômicas e incomensuráveis, como é o caso dos feminismos liberal e radical. A necessidade de tais recortes ao se teorizar sobre esta diversidade de sujeitos (raça, classe, gênero, sexualidade) eleva a noção de interseccionalidade como um aspecto central do feminismo da quarta onda. O termo “Interseccional” foi conceitualizado na década de 90 (...) ao se referir ao estudo de como diferentes estruturas de poder interagem nas vidas das minorias, especialmente das mulheres negras. Embora seja um conceito idealizado para se referir a opressões que se intersectam, no ciberespaço ele tem sido apropriado como uma ferramenta heurística ou uma teoria. Devido a essa polissemia, o Feminismo Interseccional emerge no ciberespaço como englobante de outras categorias (negros, populações LGBT), e feminismos (Feminismo Negro e Feminismo “Queer”, “Transfeminismo”). Na epistemologia feminista, estes “feminismos da diferença” não são novidade. Desde a década de 80 e 90, há toda uma produção contemplando mulheres negras e lésbicas, por exemplo. Contudo, esta segmentação estritamente marcada por “nichos identitários” se apresenta de forma potente, como a gramática do feminismo cibernético hoje em dia (MARTNEZ, 2021).

social, as diferentes definições de sexo e gênero ganharam amplitude. Além disso, paralelo ao feminismo categorias com patriarcado, sexo e gênero, entre outras, cujos conceitos remetiam à ideia de opressão contra as mulheres, conquistaram espaços para discussão e reflexão tanto no meio acadêmico quanto fora dele.

Vale ressaltar que toda estrutura de opressão às mulheres já sofria questionamentos, embora não apresentasse uma mobilização social evidente. Para Meyer, tal subordinação e invisibilidade vinham sendo confrontadas há centenas de anos, por mulheres camponesas e de classes trabalhadoras que, movidas pela necessidade cotidiana de assegurar sua subsistência, desempenhavam atividades fora do lar, na lavoura, nas oficinas de manufatura e depois nas primeiras fábricas que se instalaram com o processo de industrialização (MEYER, 2013, p. 15). Na segunda onda, também houve um crescimento da inserção da mulher no mercado de trabalho além do aprofundamento dos debates e produções intelectuais sobre gênero.

A terceira onda teve início nos Anos 90, período marcado pelo avanço do neoliberalismo, consumismo desenfreado e avanços tecnológicos com a difusão de acesso aos meios de comunicação. Temas anteriormente silenciados, gradativamente vão conquistando espaço nos debates, tais como sexualidade, patriarcado, empoderamento feminino, entre outros. Exemplo desse fato eram as temáticas tratadas nas telenovelas e programas de auditório que, “passada” a rispidez da ditadura militar, começaram a abordar diversos temas. Dessa forma, as denominadas vertentes do feminismo e suas pluralidades ganharam força e, em alguns aspectos, conflitos internos ao movimento tornaram-se mais evidentes.

Além disso, críticas internas ao feminismo foram estabelecidas a fim de dar visibilidade às mulheres antes excluídas das temáticas, grupos identitários se fortaleceram tanto na militância quanto nas produções acadêmicas. Nesse momento histórico, vale ressaltar que o movimento feminista interseccional surgiu com o objetivo de acabar as formas de opressão interna dos movimentos, ou seja, acabar com a invisibilidade da categoria rompendo com as limitações do feminismo (MEYER, 2013, p. 121).

Tiburi entende o “feminismo como desejo por democracia radical voltada à luta por direitos daqueles que padecem sob injustiças que foram armadas sistematicamente pelo patriarcado” (TIBURI, 2018, p. 12). O feminismo como movimento social, político e cultural é composto por uma diversidade de segmentos e/ou vertentes. Essa multiplicidade resulta, dentre outros fatores, de diferentes formas de perceber e compreender o sistema de opressão às mulheres e os mecanismos de manutenção dessa estrutura.

Embora haja um consenso quanto à força coercitiva e violenta do patriarcado dentro

do movimento feminista, existem diferentes formas de analisar e questionar essa força. O patriarcado pode ser entendido como uma hierarquia e um poder do homem à mulher (FÁVERO, 2010) e suas raízes são históricas. Compreendê-lo é fundamental ao estudar o feminismo e, como afirma Fávero, “não se trata de vitimar a mulher e tomar o homem vilão. Trata-se de admitir as desigualdades de gênero tanto do ponto de vista do poder quanto como do status social” (FÁVERO, 2010, p. 76).

Portanto, a categoria gênero é imprescindível ao feminismo, visto que este busca denunciar, enfrentar e superar as desigualdades de gênero existentes na sociedade bem como dialogar sobre o patriarcado e seu papel na manutenção de desigualdades e violências e, embora o conceito de gênero tenha sido bastante difundido nos últimos anos, ainda persistem algumas confusões no significado do termo, pois, este relaciona-se com aspectos sociais e culturais que são impressos no sujeito gradativamente a partir das relações sociais (BUTLER, 2021). Além disso, os estudos de gêneros têm contribuído para a compreensão desse fato social e, ao analisar feminismo, é fundamental compreender também a ideia de gênero, o qual relaciona-se com a forma que o sujeito se identifica na sociedade.

1.2.2 Práxis Educativa

Para a compreensão da práxis educativa presente nas inserções sociais de mulheres, ora participantes do presente estudo, principia-se do conceito de práxis presente nos dicionários especializados de sociologia e filosofia respectivamente, conforme a seguir:

Práxis, no sentido mais simples, é ação em contraste direto com teoria. É mais sobre o que fazemos do que sobre o que pensamos. Poderíamos, por exemplo, ter ideias sobre o que causa a desigualdade e a pobreza (teoria) mas se implementarmos ou não essas teorias em um esforço para eliminar a pobreza é uma questão de práxis (JOHNSON, 1997).

(...) termo em uso desde Aristóteles para quem a práxis é uma das três atividades básicas dos seres humanos (as outras são a *theoria* ou teoria e a *poiêsis*, ou produção artística). Em Aristóteles a práxis inclui a ação voluntária que procura alcançar objetivos, embora, por vezes, também inclua aquelas que em si mesmas fazem parte do fim visado (...) as ações realizadas em função de si mesmas. Em Kant a práxis consiste na aplicação de uma teoria a casos encontrados na experiência mas consiste também no pensamento eticamente significativo ou na razão prática, isto é, na reflexão sobre o que deve ser ou não (...) a práxis relaciona-se também com a atividade livre, autêntica e autoconsciente que se opõe ao trabalho alienado que é exigido pelo capitalismo (BLACKBURN, 1997).

Infere-se dos conceitos acima descritos que, na práxis, é imprescindível a fusão de teoria/ reflexão e ação. Na compreensão sociológica, a ação está em contraste direto com a teoria e a implementação desta é que configura efetivamente a práxis. Já, em uma perspectiva

filosófica, a práxis também está relacionada com uma atividade ética, livre autêntica e autoconsciente.

Vasquez, ao analisar a práxis no segmento do marxismo, identificou uma contraposição entre teoria e prática, vez que a primeira, por si só, não produz nenhuma mudança real, pois, segundo ele, para produzir uma verdadeira mudança, não basta desenvolver uma atividade teórica, é necessário também atuar e revolucionar o fato pensado. “A práxis se nos apresenta como uma atividade material, transformadora e ajustada a objetivos” (VASQUEZ, 1977, p. 208). É nesse sentido de transformação e produção criativa de novas formas a partir de interferências, debates e reflexões que se busca compreender a práxis educativa desenvolvida pelas participantes do estudo.

Vale ressaltar que as interpretações da referida categoria de análise podem sofrer variações dada a amplitude do tema, entretanto, um ponto central da questão permanece como eixo que é a transformação de dada realidade a partir de inserções humanas fundamentadas em reflexões teóricas e ação criativa com consciência e desejo de mudança.

Nesse sentido, em Freire, a compreensão da ideia de práxis está intimamente ligada ao conceito de práxis reflexiva, pois este defendia a necessidade de dotar o movimento operário da consciência de sua missão histórica, de suas finalidades, da estrutura social capitalista. Assim como, das condições e possibilidades objetivas de sua emancipação ao chegar a determinada fase o desenvolvimento histórico-social. Dessa forma, compreende-se a práxis como uma unidade dialética entre teoria e prática, no contexto da educação, práxis que leva à transformação da realidade pela tomada de consciência (FREIRE, 1987).

Paulo Freire apresenta a dialogicidade como essencial na efetivação de uma educação como prática para liberdade. A palavra é um elemento central do diálogo, e este, por sua vez, carrega a essência da práxis educativa, que é a ação/reflexão. Segundo o citado autor, a ação por si só não efetiva a práxis e pode resultar em ativismo e impossibilitar o diálogo. Já, a reflexão sozinha pode se transformar em palavreria (FREIRE, 1987).

Desse modo, percebe-se que a práxis educativa está fortemente ligada à ideia de reflexão/ação com o intuito de transformar o mundo. Freire compreende que este é um processo humano, leia-se:

(...) a existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir humanamente é pronunciar o mundo, é modificá-lo (FREIRE, 1987, n.p).

Para que ocorra o diálogo, os sujeitos devem estar abertos a aprender com as diferenças

e superar o individualismo. Palavras, intenções e ações devem estar em perfeita harmonia. Em Vasquez, encontram-se os fundamentos filosóficos da concepção utilizada por Freire para discorrer sobre a categoria da práxis. Segundo este autor, pode-se pensar a práxis como possibilidade de interpretação do mundo e guia de transformação da sociedade (VASQUEZ, 1977). Nesse aspecto, Freire e Vasquez se alinham na crença de que a práxis pode ser uma força transformadora da sociedade.

Sendo assim, é possível pensar que a categoria, ora analisada, carrega grande responsabilidade de equilibrar forças que fundamentam teoria e prática e a dinâmica que efetiva a ação, como uma prática que a longo ou curto prazo demonstre resultados de mudança nos indivíduos envolvidos, tanto em seu aspecto individual e subjetivo quanto no meio social em que atua.

Nesse contexto, as circunstâncias sociais, políticas, econômicas e culturais não devem ser desconsideradas, porque a tomada de consciência e a reflexão sobre determinada realidade em equilíbrio com uma ação consciente de interferências nessa realidade terá mais ou menos força e abrangência de acordo com o contexto social. Veja-se o exemplo de mulheres feministas atuantes no enfrentamento à violência contra mulheres. São diversos os fatores que colaboram para uma realidade de violência, sobre os quais não serão aprofundados aqui. A práxis educativa das voluntárias nas inserções sociais, na maioria das vezes, não conseguem interferir e modificar a realidade de violência experimentada pelas mulheres assistidas nas ações ofertadas, mas, pouco a pouco, podem provocar rompimentos na estrutura de violência e, conseqüentemente, fortalecer o processo de quebra do patriarcado, machismo sistêmico e da violência estrutural contra as mulheres.

Assim, a práxis também tem suas limitações impostas pelos contextos sociais e, embora, como afirma (FREITAS, 2020) seja uma atividade consciente, lúcida, que emerge da própria atividade, onde o sujeito é transformado constantemente de acordo com a experiência em que está engajado e que ele faz, mas que o faz também nem sempre ocorre no espaço tempo que se idealizou.

As inserções sociais desenvolvidas pelas colaboradoras do estudo apresentam atividades reflexivas com o público receptor das ações, tais como: roda de conversa, palestras, oficinas, debates, entre outras, nas quais os/as participantes são provocados(as) a pensar e agir a partir de suas experiências. Assim, a práxis pedagógica feminista adotada por elas possibilita um processo educativo, fora do ambiente escolar, valorizando saberes populares e aproximando-se da educação como prática para liberdade (FREIRE, 1987).

Nessa perspectiva, identificou-se a práxis feminista como espaço de reflexões, debates

e transformações tanto no campo da militância, entendida como toda e qualquer ação que se desenvolva para difusão do pensamento feminista (TEIXEIRA; FERREIRA, 2010) quanto na esfera acadêmica questionando os pressupostos científicos.

A pedagogia feminista, quanto elemento teórico pautado na perspectiva relacional do gênero e suas produções de desigualdades, quanto ao feminismo na academia, integra a práxis feminista enquanto reflexão e discussão teórica (LANGNOR; LISBOA, 2016). Aqui, dois aspectos se destacam: primeiro, a garantia de espaço para a mulher e suas produções acadêmicas; e, segundo, a valorização da mulher enquanto sujeito. Ademais, a pedagogia feminista tem como característica principal a luta por autonomia das mulheres (SILVA; GODINHO, 2017).

A atuação de feministas em processos educativos produz, a partir das pedagogias aplicadas, reflexões/ações transformadoras nas quais ocorrem um processo de mudança das educandas e das educadoras para além da compreensão e intervenção em seus contextos, mas como processo de construção e desconstrução cultural (SILVA; GODINHO, 2017). Destaca-se que tais mudanças ocorrem em processos lentos e não lineares, mesmo porque nem sempre as ações das colaboradoras provocam as mudanças que elas almejam e esta é uma característica perceptível também no próprio movimento feminista conforme afirma Sardenberg e Costa:

As lutas ainda acontecem em um contexto de profundas desigualdades sociais, culturais, econômicas e políticas, de sorte que nem todas as mulheres podem se beneficiar igualmente de nossas conquistas coletivas. Os efeitos combinados do sexismo, racismo, lesbofobia, etarismo e outras matrizes similares de desigualdade e dominação, em ação nesta sociedade de classe profundamente hierárquica, têm exacerbado as disparidades entre as mulheres – mesmo quando as desigualdades entre homens e mulheres têm sido reduzidas (SARDENBERG; COSTA, 2012, p. 02).

Identifica-se, dessa forma, a práxis feminista não só nos debates, reflexões, ações e rupturas que se efetivam com a pedagogia aplicada nas inserções sociais desenvolvidas pelas militantes feministas, mas também reconhecem as limitações impostas pela estrutura social na qual estão inseridas.

Nesse processo, os conceitos de gênero, práxis feministas e o próprio feminismo se encontram e se entrelaçam, pois, ultrapassam uma postura política e almejam a real emancipação das mulheres. Sobre a formação crítica das mulheres entende-se que esta fundamenta a práxis sociopolítica, reverberada em vários movimentos feministas e transfeministas com pautas que têm especificidades, mas também se unificam para potencializar as reivindicações e fortalecer a capacidade de resistência para as lutas sociais

travadas coletivamente, sejam por meio das redes e/ou nas ruas (CRUZ; NASCIMENTO, 2021).

Na práxis feminista, ocorre um duplo movimento de reflexão. Primeiro, na formação crítica das mulheres atuantes e, em segundo lugar, nos indivíduos mulheres/homens, independente de classificação de gênero, que recebem as atividades propostas e desenvolvidas. Na atuação feminista ocorre reconhecimento, valorização e produção de saberes. Nesse sentido é que se identifica a práxis feminista, contida na pedagogia feminista, resultante da fusão de teoria e prática com caráter de reflexão e ação sobre determinada realidade.

1.2.3 Autoavaliação/autocrítica e Críticas ao Identitarismo

Nesse sentido, parte-se do significado das palavras “autocrítica” e “autoavaliação” utilizadas aqui como sinônimos. Autoavaliação é o procedimento de avaliar-se por si mesmo, ponderar as medidas do próprio grau de desempenho, já, autocrítica é a crítica que o indivíduo faz de si mesmo, reconhecendo qualidades e defeitos do próprio caráter e avaliando os erros e acertos de suas ações (HOUAISS, 2022).

A autoavaliação é um recurso pedagógico que, por vezes, causa algum desconforto nos indivíduos em razão do seu caráter subjetivo não quantitativo, se realizada a partir de critérios objetivos pode ser bastante útil para identificar aspectos positivos e/ou negativos na prática educativa e o que pode ser melhorado a partir do resultado obtido (CASSETARI, 2016). Além disso, a autoavaliação como processo de reflexão do indivíduo sobre a sua prática pode provocar questionamentos internos conduzindo o sujeito à auto-regulação de suas práticas (FERREIRA; OLIVEIRA, 2015).

Tiburi sugere que a autocrítica feminista seja utilizada para compreender com mais cuidado e delicadeza o movimento feminista. “Sendo ou não feministas, dizendo-nos ou não feministas, seria interessante analisar a nossa adesão ou a nossa rejeição imediata a algo que nos chama nesse momento a uma posição” (TIBURI, 2018).

Em Butler (2021), encontra-se a problematização de alguns conceitos basilares do feminismo e críticas direcionadas a determinadas ideias centrais desse movimento, tais como o conceito de mulher, identidade e gênero. Trata-se de uma crítica interna que desde seu surgimento, da década de noventa aos dias atuais, provoca intenso debate tanto no campo da teoria feminista quanto no campo da militância feminista. Embora a autora não cite

expressamente a autocrítica ela propõe problematizações que provocam um pensar/repensar sobre conceitos centrais do feminismo.

Bell Hooks (2018) aponta a autocrítica como característica positiva do feminismo posto que possibilita uma renovação e transformação do referido movimento social. Esta análise subjaz em Butler, pois ela apresenta problemas e questionamentos ao movimento feminista não no sentido de desqualificá-lo, mas sim de adequá-lo às provocações de novas demandas e a integração de novos sujeitos integrantes das lutas identitárias.

Dessa forma, opta-se por analisar as práticas educativas de mulheres em projetos sociais a partir do prisma da autoavaliação, pois compreende-se que tal recurso pedagógico “pode ser um importante instrumento de reflexão sobre a prática educativa, contribuindo para uma maior conscientização crítica e para a autonomia intelectual das pessoas” (SILVA, 2009, p. 103).

A autocrítica que se utiliza como parte de um processo autoavaliativo é percebida nas citadas autoras como um exercício educativo a ser realizado pelas militantes feministas. Tal atividade, pode possibilitar um repensar sobre as práticas de inferência junto aos destinatários das intervenções sociais e um deslocamento de consciência das próprias participantes.

A crítica levantada por Butler foi fundamental para repensar algumas bandeiras do feminismo, especialmente a conceituação de gênero e o binarismo presente na definição deste como construção social apresentando sempre antagonismos entre homem/mulher, feminino e masculino, hetero e homossexual, entre outros. Para a referida autora:

Se gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois (BUTLER, 2021, p. 26).

Consoante Butler, o conceito de gênero tem problemas, pois apresenta um binarismo cultural entre homens e mulheres, entre o natural e o socialmente construído. A autora apresenta a desnaturalização das identidades e nega a essência do feminino e masculino, uma vez que compreende que tal identidade é produzida a partir de poderes estabelecidos na sociedade. Nesse aspecto, a autora destaca um paradoxo, haja vista que o mesmo poder que afirma libertar as mulheres é o mesmo que as oprime. Portanto, a crítica do movimento feminista deveria estar voltada ao poder criador da opressão e não apenas às práticas

opressivas em si (BUTLER, 2021).

Ademais, segundo a citada autora, sexo e sexualidade são convenções sociais e sendo o sexo, uma categoria tomada em seu gênero, este último não deve ser compreendido como a inscrição cultural de significados num sexo previamente dado (BUTLER, 2021). Dessa maneira, ela põe em cheque o conceito de identidade feminina utilizado até então nos movimentos feministas que aceitavam a atribuição de características, ditas naturais, às mulheres e a ideia de gênero como construção social determinista da qual não se pode fugir.

Por seu turno, Butler e Hooks possuem em comum a característica de partirem de suas experiências concretas para apresentarem “problematizações” na teoria feminista cujo eixo central visa um aprimoramento e avanço nas pautas feministas. Segundo Hooks:

Em nossa sociedade não se encontra outro movimento por justiça social tão autocrítico quanto o movimento feminista. Essa disposição para mudar de direção sempre que necessário tem sido a principal fonte de vitalidade e força para luta feminista. Essa crítica interna é essencial para qualquer política de transformação. Assim como nossas vidas não são estáticas, estão sempre mudando, nossa teoria tem de permanecer fluída, aberta, permeável ao novo (HOOKS, 2019, p. 19).

Essa capacidade de mudar de direção e de possibilitar uma crítica interna torna o feminismo um movimento dinâmico e complexo, muitas vezes, amado e arduamente defendido e, outras vezes, odiado. Este questionamento de ideias, no qual se fundamenta a autocrítica feminista, serve para situá-la no mundo e distanciar-se de clichês e da objetificação e mercantilização do movimento (TIBURI, 2018).

Além do que, o ato reflexivo é uma característica do ser humano, recriar e transformar é uma atividade permanente na vida, esse movimento dinâmico também ocorre na práxis educativa (FREIRE, 1987). Ao se analisar a autoavaliação da práxis educativa de mulheres feministas atuantes em inserções sociais, busca-se a fundamentação na inteligência de Freire, a fim de compreender a força do diálogo e da reflexão no processo educativo presente nas ações por elas desenvolvidas. Segundo a concepção freiriana:

O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não a querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que, os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra, reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue (FREIRE, 1987, n.p.).

Dessa maneira, compreende-se o diálogo como a junção do refletir e do agir a partir dos quais se pensa a dimensão educativa da atuação de mulheres em projetos sociais e se entende como uma prática intimamente ligada à ideia de diálogo que, segundo Freire, implica

um pensamento crítico (FREIRE, 1987). A ação educativa das participantes provoca uma ação/reflexão e assume um caráter transformador da realidade social, tanto as mulheres, ora participantes da pesquisa, quanto os/as destinatárias(os) de suas ações experimentam os efeitos destas transformações, seja nas suas vidas privadas ou nas atividades coletivas por elas desenvolvidas.

Considera-se utilizar Freire no aporte teórico, mesmo que sua obra *Pedagogia do Oprimido* tenha recebido severas críticas de autoras feministas por, segundo elas, invisibilizar a figura feminina na citada obra, pois entende-se que as ideias por ele defendidas são imprescindíveis na presente pesquisa. Além disso, o próprio autor, na obra *Pedagogia da Esperança*, assume seu machismo como legado da sociedade patriarcal e destaca a importância da linguagem inclusiva, a qual passou a ser utilizada pelo autor em suas produções posteriores em decorrência de sua reflexão sobre as críticas recebidas. Sobre sua autocrítica leia-se:

Me lembro como se fosse agora que estivesse lendo as duas ou três primeiras cartas que recebi, de como, condicionado pela ideologia autoritária, machista, reagi. E é importante salientar que, estando nos fins de 1970 e começos de 1971, eu já havia vivido intensamente a experiência da luta política, já tinha cinco a seis anos de exílio, já havia lido um mundo de obras sérias, mas, ao ler as primeiras críticas que me chegavam, ainda me disse ou me repeti o ensinado na minha meninice: “Ora, quando falo homem, a mulher necessariamente está incluída”. Em certo momento de minhas tentativas, puramente ideológicas, de justificar a mim mesmo, a linguagem machista que usava, percebi a mentira ou a ocultação da verdade que havia na afirmação: “Quando falo homem, a mulher está incluída”. E por que os homens não se acham incluídos quando dizemos: “As mulheres estão decididas a mudar o mundo”? Nenhum homem se acharia incluído no discurso de nenhum orador ou no texto de nenhum autor que escrevesse: “As mulheres estão decididas a mudar o mundo”. Da mesma forma como se espantam (os homens) quando a um auditório quase totalmente feminino, com dois ou três homens apenas, digo: “Todas vocês deveriam” etc. Para os homens presentes ou eu não conheço a sintaxe da língua portuguesa ou estou procurando “brincar” com eles. O impossível é que se pensem incluídos no meu discurso. Como explicar, a não ser ideologicamente, a regra segundo a qual se há duzentas mulheres numa sala e só um homem devo dizer: “Eles todos são trabalhadores e dedicados?” Isto não é, na verdade, um problema gramatical mas ideológico (FREIRE, 1992, p. 67).

A concepção de linguagem inclusiva deve ser ponderada, ao se analisar a fundamentação teórica de pesquisas acadêmicas, pois tais discussões têm contribuído para a ampliação do olhar sobre produções feministas que defendem a inclusão de mulheres no espaço acadêmico. Mas, não foi utilizado como parâmetro de exclusão ou inclusão de autores e categorias ora analisadas.

Outro aspecto analisado na pesquisa é a ideia de que a educação não se limita ao espaço escolar, ela se dá em diferentes espaços do mundo (COSTA, 2003). Dessa forma, considera-

se relevante compreender os projetos sociais cujas atividades, eixos temáticos e didáticas utilizadas demonstram o resistir e o reinventar-se constante daquelas/daqueles que atuam nos referidos movimentos. Sobre os movimentos sociais e suas transformações, leciona Gohn:

Os movimentos sociais voltaram a ter visibilidade e centralidade no século XXI, como atores que pressionam por processos de mudança social e reinventam as formas de fazer política. Eles também se transformaram bastante, realizaram deslocamentos em suas identidades e incorporaram outras dimensões do pensar e agir social. Alteram seus projetos políticos. Mas como são muitos e heterogêneos, parte deles fragmentou-se, perdeu ou redefiniu sua identidade, ideias e pontos de vistas centrais, alterando o projeto e a cultura política existente. Outros se redefiniram segundo as mudanças de outros atores sociais em cena. Ou, ainda, aproveitaram brechas e se conectaram com as possibilidades dadas pela globalização econômica (geradora de resistências e protestos) e cultural (geradora de novas sociabilidades, novas interações e aprendizagens baseadas na pedagogia do exemplo – aprender via observação – nos grandes eventos transnacionais, ou via conexão na rede internet). O perfil dos participantes alterou-se de militante para ativista. As marchas tornaram-se o modelo básico de protesto. As redes sociais substituíram os ‘muros de Paris’, como divulgadores das demandas, palavras de ordem e articuladora das ações em si, lembrando e comparando com 1968 (GOHN, 2013, p. 309). (Grifos da autora)

Infere-se da leitura, que os movimentos sociais sofreram processos próprios de mudanças e adequações com novos sujeitos e novas demandas, ao mesmo tempo que provocaram e provocam mudanças nos sujeitos participantes e nos instrumentos utilizados na propagação de ideias e conquista de novos adeptos. Desse modo, compreende-se que as ações desenvolvidas nos movimentos sociais, e demais campos de inserção das mulheres, e as reflexões provocadas por suas ações possibilitam um duplo movimento; primeiro o deslocamento das identidades dos movimentos e, segundo, um deslocamento na consciência dos indivíduos envolvidos nesses processos como militantes atuantes ou público alvo das ações desenvolvidas.

Historicamente os movimentos sociais, grupos, associações com atuação de feministas têm demonstrado sua força e capacidade de provocar mudanças em determinados padrões sociais. A exemplo disso, cita-se a relevância que a epistemologia feminista tem alcançado frente a muitas batalhas no espaço acadêmico. Segundo Hooks, o movimento feminista “criou uma revolução quando exigiu respeito pelo trabalho acadêmico de mulheres, reconhecimento desse trabalho do passado e do presente e o fim dos preconceitos de gênero em currículos e na pedagogia” (HOOKS, 2018, p. 28). Muitas ações desenvolvidas por mulheres em movimentos sociais, feministas ou não, colaboram para o amadurecimento de posturas políticas e o pensar crítico, por vezes, desembocam em políticas públicas direcionadas à conquista de direitos e garantias.

Ao longo dos Anos 70, a produção do pensamento e a teoria feminista foi resultante

de diálogos que testaram e reformularam paradigmas (HOOKS, 2018). O surgimento de novos paradigmas provocou e ainda provoca tensões e embates nos movimentos feministas. Nesse contexto, a academização do feminismo é apresentada por Hooks como um problema a medida que se distancia das práticas cotidianas de mulheres atuantes no enfrentamento às opressões impostas pelo patriarcado (HOOKS, 2018). Segundo esta autora, há um risco nesse processo de academização, qual seja: enfraquecer o movimento feminista despolitizando-o e tornando-o uma disciplina como outra qualquer.

Em Hooks, encontra-se o destaque para a epistemologia feminista e a importância dada às produções femininas e suas influências em currículos e pedagogias. Nesse aspecto, entende-se que o alcance desses novos paradigmas extrapola os muros das escolas e universidades e atingem diversos campos do saber e do fazer na atuação feminista dentro e fora de espaços formais de ensino.

Apesar da relevância dos movimentos feministas estes têm recebido críticas, especialmente, com o crescimento do conservadorismo que demonstra que ocorre atualmente uma crise global, profunda por ser ideológica, política, ecológica, ética, valores, lideranças e sentidos (FORNAZIERE, MUANIS, 2017). As tensões e embates, por vezes, ocorrem internamente e estimulam diálogos e mudanças e, outras vezes, nascem em contextos de crescimento do conservadorismo na sociedade.

Alguns discursos contestam a atuação do feminismo denominando tal crítica de crise política identitária (LILLA, 2018). As críticas não devem ser ignoradas, pois podem contribuir para alargar o campo de visão em relação à atuação de tais movimentos sociais e suas relações com outros campos do conhecimento, tal como a educação não formal, entendida como:

A educação não formal é uma área que o senso comum e a mídia usualmente não veem e não tratam como educação porque não são processos escolarizáveis. A educação não formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadão (...) (GOHN, 2009, p. 31).

Nesse sentido, a pesquisa analisa aspectos da práxis educativa presente nas ações desenvolvidas nas inserções sociais de mulheres feministas mesmo em um contexto social de contestação da atuação feminista. Busca-se, assim, o protagonismo das participantes do estudo na análise proposta tendo como eixo a práxis educativa por elas desenvolvidas

1.3 METODOLOGIA

1.3.1 Sobre o Contexto Metodológico

A presente pesquisa submete-se às orientações técnicas e éticas previstas na Resolução 466/2012/CNS/CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que reconhece as especificidades éticas das pesquisas nas ciências humanas e sociais e outras que se utilizam de metodologias próprias dessas áreas, dadas as suas peculiaridades. E a Resolução 510/2016 que dispõe sobre as normas aplicáveis à pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. Foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Amapá e aprovado conforme Parecer de nº 5.231.635.

Quanto à metodologia utilizada destacam-se cinco pontos, a saber: finalidade, objetivo, abordagem, método e procedimento os quais serão evidenciados nas fases da pesquisa. A finalidade deste trabalho, portanto, é desenvolver pesquisa aplicada, ou seja, foram elaborados exercícios de autoavaliação para a práxis educativa de mulheres que se identificam em suas atuações sociais como feministas. As atividades baseiam-se no aporte teórico utilizado e nas (in)formações fornecidas previamente pelas participantes. Quanto ao objetivo, a pesquisa é descritiva e exploratória. Caracteriza-se como pesquisa exploratória, pois “Tem a finalidade de ampliar o conhecimento a respeito de um determinado fenômeno” e descritiva à medida que “procura conhecer a realidade estudada, suas características e seus problemas” (ZANELLA, 2013, p. 33).

A abordagem do trabalho é qualitativa. Classifica-se como qualitativa, pois não tem a preocupação de quantificar os dados coletados, “se fundamenta principalmente em análises qualitativas, caracterizando-se, em princípio, pela não utilização de instrumental estático na análise dos dados” (ZANELLA, 2013).

O método utilizado é a hermenêutica como perspectiva metodológica que abriu caminho para a formativapesquisa, a qual visa, dentre outros aspectos, privilegiar a formação participativa e possível deslocamento de consciência das mulheres envolvidas no estudo e não apenas a extração de informações (CARIACÁS, 2021). Tem-se como guia a filosofia prática da Hermenêutica, utilizando a linguagem por meio das narrativas (GADAMER, 1997). Nos termos de Gadamer, analisam-se as narrativas e autoavaliação/autocrítica das colaboradoras do estudo. Nesse aspecto, a conversação é guia para construção mútua do entendimento.

Gadamer utiliza o termo “conversação terapêutica” ao caracterizar esta linguagem/conversação hermenêutica (GADAMER, 1997). Ressalta-se que, com a finalidade de ampliar a compreensão dos argumentos, utiliza-se, também, em harmonia com a Hermenêutica, a lógica argumentativa a fim pensar a estrutura de argumentos utilizada pelas participantes e toma-se emprestado da filosofia jurídica a Nova Retórica (PERELMAN, 2005).

Quanto aos procedimentos metodológicos, segue-se pela trilha da formativapesquisa que privilegiou “a formação participativa dos envolvidos na pesquisa e, como consequência do envolvimento, a pesquisa se gestará” (CARIACÁS, 2021, p. 165). Além disso, utilizam-se mecanismos da etnografia para fazer a aproximação junto às feministas, pois não basta observar de longe para compreender o objeto da pesquisa é preciso fazer com e estar com para enfim compreendê-lo (BEAUD, WEBER, 2014). Esta aproximação ocorreu pessoalmente e por meio da participação dos eventos formativos promovidos pelas destinatárias desta pesquisa. Além de encontros virtuais cujos roteiros de diálogos foram previamente encaminhados as colaboradoras.

A ideia é promover sentidos de participação e comunhão com o cotidiano das mulheres. E, dessa forma, ao longo do desenvolvimento do estudo, elas puderem participar de todas as fases e, informadas das etapas, características e texto produzido para se envolverem na pesquisa como protagonistas da reflexão proposta. Nesse sentido, a formativapesquisa busca, também, possibilitar que a cultura da educação presente nas inserções de mulheres feministas atuantes seja pensada, visibilizada e aprofundada pelas partícipes do processo (CARIACÁS, 2021). Essa etapa da pesquisa divide-se em quatro fases cada uma com características específicas sobre as quais discorrer-se-á a seguir.

O instrumento de pesquisa selecionado para coleta de dados é a entrevista narrativa – EN. Essa técnica busca reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva das colaboradoras, tão diretamente quanto possível (BAUER; GASKELL, 2007). A escolha desta técnica, entrevista narrativa, justifica-se pela possibilidade de ouvir, aprender e analisar as histórias narradas pelas colaboradoras. Para a análise dos dados coletados utilizar-se-á o recurso da análise temática a partir da qual serão elencados temas ligados às categorias estudadas para a compreensão das narrativas apresentadas (BAUER; GASKELL, 2007).

Ademais, “através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social” (BAUER; GASKELL, 2007, p. 91). A ideia é promover uma coleta de dados que se diferencie do “extrativismo

acadêmico” (CARIACÁS, 2021), ou seja, diversa da mera coleta de dados sem compromisso de retorno e diálogo com as participantes. Além disso, objetiva-se possibilitar uma reflexão recíproca entre pesquisadora e participantes do estudo a fim de proporcionar um protagonismo mútuo como resultado do estudo, por isso foram realizados três encontros, em momentos distintos, com as participantes do estudo.

É oportuno ressaltar que as entrevistas foram gravadas, após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -TCLE, pois compreendeu-se que as gravações poderiam minimizar as “limitações e desvantagens” da entrevista (LAKATOS; MARCONI, 2003). Cita-se como limitação da entrevista o reduzido grau de controle sobre uma situação de coleta de dados (LAKATOS; MARCONI, 2003). Por isso, a necessidade de utilizar o recurso da gravação.

Frise-se, ainda, que as participantes da pesquisa são mulheres que se reconhecem como feministas atuantes em inserções e projetos sociais diversos, tais como: movimentos sociais, associações, atuação em sala de aula e grupos com projetos sociais na área urbana de Macapá, Amapá. O diálogo foi, inicialmente, estabelecido com 14 (catorze) mulheres que foram convidadas a participar do estudo, destas apenas 07 (sete) permaneceram e aceitaram o convite e passaram a integrar a pesquisa.

Apresenta como *locus* de pesquisa a atuação das mulheres em projetos sociais na cidade de Macapá/AP.

Quanto aos riscos apresentados pela pesquisa podem ser:

- a) Possibilidade de constrangimento ao responder às perguntas das entrevistas e questionários;
- b) Quebra de sigilo e de anonimato por parte do pesquisador decorrente ou não de ação ou ato, sendo este intencional ou não;
- c) Desconforto e irritação ao descrever críticas recebidas;
- d) Desconforto e cansaço ao responder às perguntas realizadas.

Com o objetivo de evitar e minimizar danos, a pesquisa foi desenvolvida em conformidade com os termos estabelecidos na Resolução 510/16, tais como consentimento livre e esclarecido, assistência às participantes/colaboradoras da pesquisa e confidencialidade com a garantia de resguardo das informações dadas em confiança e a proteção contra a sua revelação não autorizada.

A pesquisa apresentou baixo risco às participantes, pois o *modus operandi* utilizado aproximou-se da prática desenvolvida por elas em sua atuação nos projetos, ações e movimentos sociais. Portanto, o diálogo foi um instrumento utilizado a fim de adotar medidas

de precaução e proteção às colaboradoras e evitar danos ou atenuar seus efeitos. Ademais, a pesquisa não traz questões psíquicas particulares com aspecto de julgamento moral, político ou religioso, mas sim um debate coletivo com fundamentação teórica e o rigor metodológico necessários à pesquisa científica.

1.3.2 Do Método (Hermenêutica) e sobre o Procedimento Metodológico (Formativapesquisa)

Sobre os procedimentos metodológicos, resta esclarecer dois aspectos: primeiro as atividades foram desenvolvidas em consonância com as ações do grupo de pesquisa Hermenêuticas do Sensível: educação, cultura e sociedade. O referido grupo de estudos filia-se à linha de pesquisa Educação, Cultura e Diversidades, do Programa de Pós-Graduação da Unifap e é composto por 08 (oito) acadêmicos dos cursos de pós-graduação da citada instituição de ensino superior, sob a orientação e coordenação do Professor Doutor José Carlos Cariácas Romão dos Santos. Nas dinâmicas realizadas no referido grupo, foi utilizado o mesmo parâmetro aplicado às participantes da pesquisa, qual seja, dialogar/partilhar/descobrir/construir o conhecimento.

Todas as etapas e as leituras relacionadas à compreensão e à aplicação da formativapesquisa foram socializadas e analisadas no grupo Hermenêuticas do Sensível em um movimento quase terapêutico de ajuda mútua e espaço para metacognição. O segundo ponto é que o método da hermenêutica atua como perspectiva epistemológica que guiou o procedimento metodológico da formativapesquisa, o qual visa “a autorreflexão e a regulação dos processos de aprendizagem na/com a pesquisa possa ser posta a serviço do envolvimento e do bem-estar dos participantes da pesquisa” (CARIACÁS, 2021, p. 164).

Essa etapa da pesquisa dividiu-se em 04 (quatro) fases com o objetivo didático de organizá-la e facilitar o caminhar no processo metodológico. Sempre vinculado à hermenêutica entendida como a arte de compreender derivada do modo do ser humano estar no mundo (GADAMER, 1999), pois almejava-se a análise da autoavaliação/autocrítica das mulheres feministas em suas jornadas nas inserções sociais e a interpretação de aspectos subjetivos e objetivos que surgiram com a coleta de dados.

Destaca-se que as etapas do estudo foram socializadas com o grupo de estudos hermenêuticas do Sensível. Realizaram-se encontros periódicos que foram compartilhados com os colegas de pesquisa o material coletado e texto produzido os quais foram previamente encaminhados a fim de possibilitar leitura e posterior debate coletivo. Tais atividades ocorreram na modalidade virtual sempre coordenadas pelo professor orientador. Buscou-se

harmonizar a metodologia aplicada sempre respeitando as delimitações do objeto de estudo de cada participante.

Em síntese, apresenta-se as características de cada fase do procedimento metodológico, as quais serão analisadas nas seções subsequentes do presente estudo:

Primeira fase - aproximação e imersão. Buscou desenvolver um movimento de rastreamento histórico a fim de coletar informações documental, visual, oral e demais fontes físicas ou virtuais (Facebook, Instagram e WhatsApp) da atuação de mulheres por meio de suas inserções feministas na sociedade.

Segunda fase - a partir dos elementos preliminares aplicou-se entrevista narrativa às participantes da pesquisa, pois, “Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social” (BAUER; GASKELL, 2007).

Buscou-se coletar dados para posterior confrontação de ideias a partir dos argumentos levantados e da teoria utilizada. Nessa fase dos procedimentos metodológicos, por meio dos dados coletados e da análise elaborada, propôs-se a pensar a estrutura de argumentação utilizada pelas colaboradoras e tomou-se emprestado da filosofia jurídica a Nova Retórica (PERELMAN, 2005), pois a argumentação por elas desenvolvidas está imbuída de nuances e subjetividades que trazem muitas informações relativas às práxis educativas nas inserções ora estudadas e fortalecem a construção do saber da atuação de mulheres feministas em diversos campos de atuação tais como sala de aula, projetos sociais, associações, movimentos sociais e ambientes eclesiais.

Além disso, destacou-se que a retórica foi utilizada como recurso da dinâmica interpretativa dos argumentos apresentados na segunda fase a fim de possibilitar o exercício de autoavaliação e a confrontação de ideias ocorridos na terceira fase dos procedimentos metodológicos, sobre a qual se discorrerá a seguir.

Terceira fase - fase da provocação. Nova aproximação das participantes e com base nas informações coletadas, na segunda fase, foram elaboradas e aplicadas provocações reflexivas utilizando textos com temática pertinente e charges para reflexão, as atividades foram personalizadas e, cada uma delas, pôde refletir sobre seus argumentos anteriormente apresentados. Nessa etapa, objetivou-se provocar possível deslocamento de consciência das envolvidas no estudo. Todas as participantes receberam, porém, somente quatro responderam à atividade proposta.

Quarta fase - análise e interpretação dos dados coletados. O texto produzido foi

compartilhado com as participantes da pesquisa via WhatsApp e E-mail a fim de permitir a leitura e a reflexão sobre o que foi produzido a partir dos dados coletados. Junto ao texto encaminhou-se uma breve explicação das características dessa fase e dois questionamentos para guiá-las na análise. Todas as participantes receberam, porém, somente três responderam à atividade proposta. A seguir, em capítulo próprio, será apresentado detalhadamente o percurso percorrido em cada uma das fases do procedimento metodológico.

2. O ENTRELAÇAMENTO DO FEMINISMO COM A PRÁXIS EDUCATIVA

Esta seção apresenta a aproximação e imersão e divide-se em três itens, os quais apontam o perfil das participantes, apresentação dos dados e a análise das narrativas. Ao elaborar e sistematizar essa etapa da pesquisa almejou-se a fusão de horizontes, ou seja, alinhar ao máximo possível a visão e compreensão da pesquisadora às narrativas e percepções das participantes cientes de que “o horizonte da interpretação muda constantemente, assim como nosso horizonte visual varia de acordo com cada passo que damos” (GADAMER, 1997, p. 61). Dessa forma, visou-se interpretar as falas das participantes para se chegar ao entendimento do que foi elencado e discutido por elas.

Serão realizadas as análises e a interpretação dos dados coletados nas etapas do estudo ocorridas, entre maio de 2022 e fevereiro de 2023, nas quais foram contempladas as quatro fases dos procedimentos metodológicos. Destaca-se que, guiados pela formativa pesquisa (CARIACÁS, 2020), buscou-se, em todas as fases do estudo, o envolvimento e participação livre e consciente das entrevistadas, visando um pensar sobre si, pensar/repensar a práxis educativa desenvolvida. O recurso da autoavaliação foi utilizado com o objetivo de facilitar a reflexão proposta a fim de conduzi-las para autorregulação de suas práticas (FERREIRA; OLIVEIRA, 2015).

2.1 APROXIMAÇÃO E IMERSÃO

Conforme destacado na seção anterior, no presente estudo parte-se da hipótese de que a atuação das participantes em projetos e inserções sociais está imbuída de uma dimensão educativa. Compreende-se a educação como um processo de aprendizagem dinâmico, contínuo e transformador. Por isso, buscou-se, na primeira fase dos procedimentos metodológicos, uma aproximação e compreensão das atividades desenvolvidas por mulheres que se reconhecem como feministas e, desde logo, captou-se o caráter dialógico, problematizante e participante de suas ações. Nesse sentido, apoiou-se em Freire (1999) para se analisar a práxis educativa como categoria central da pesquisa.

Na primeira fase da pesquisa, foi desenvolvido um movimento de rastreamento de informações sobre os projetos sociais em Macapá com a presença de mulheres que se reconhecem como feministas. Tal busca, ocorreu pelos canais virtuais tais como redes sociais, páginas na internet, Facebook, Instagram, WhatsApp, entre outros, e por meio de conversas informais com pessoas que militam em projetos e movimentos sociais na cidade de Macapá. A partir desse breve levantamento de informações foram obtidos dados iniciais de projetos e

movimentos de mulheres por meio dos quais se poderiam acessar as mulheres com perfil para o estudo.

É importante destacar que, inicialmente, três desses projetos e organizações sociais: o PERIFERIA EM AÇÃO, projeto social que presta assistência às comunidades economicamente vulneráveis em Macapá; O IMENA, organização política de mulheres negras, sem fins lucrativos, sem vinculações religiosas, ONG de assistência social, democrática e sem nenhuma vinculação político partidária nem discriminação de qualquer natureza, que tem a missão de combater ao preconceito, a discriminação racial, o sexismo e lutar pela universalização efetiva dos direitos humanos, evitando, principalmente, a marginalização das populações negras; e a CENTRAL ÚNICA DAS FAVELAS - CUFA/AP, que promove atividades nas áreas da educação, lazer, esportes, cultura e cidadania, Rap, audiovisual, basquete de rua, literatura, além de outros projetos sociais, e além disso, atua na linha de enfrentamento no combate da COVID-19.

A escolha deste percurso inicial deu-se em razão de se conhecer previamente a atuação de algumas delas. Além disso, compreende-se que projetos sociais e inserções com atividades educativas são espaços de produção de saberes, de reflexões e ações que podem educar e transformar os indivíduos envolvidos. Nesse sentido, apoia-se na ideia de que as práticas educativas podem ocorrer extramuros escolares e percebe-se que os sujeitos que atuam nos projetos são educadores, denominados por GONH (2010) de educadores sociais.

Embora o ponto de partida tenha sido os grupos supracitados, restou infrutífera a intenção primeira de se ter, ao menos, uma participante de cada grupo, pois não se obteve sucesso nas tentativas de manter contato com as integrantes do IMENA e da CUFA/AP. Dessa forma, compreende-se que seria necessário ampliar as buscas, dada a dificuldade de se estabelecer um contato permanente e construtivo com algumas delas. Nesse sentido, foram incluídos outros grupos, quais sejam: Ciranda Materna, Pastoral da Juventude e Frente Emergencial de Atendimento à Mulher Vítima de Violência Doméstica-FREA, além da localização de feministas e sua atuação em sala de aula.

Nessa primeira fase dos procedimentos metodológicos, buscou-se a aproximação com os relatos do espaço, do tempo e do mundo vividos pelas participantes do estudo (MERLEAU-PONTY, 1999). Foi utilizado, dentre outros recursos, a publicidade disponibilizada em espaços virtuais referentes à composição, organização e ações desenvolvidas pelas mulheres militantes do feminismo. Lançou-se mão de três plataformas virtuais: Facebook, Instagram e WhatsApp. Estabeleceu-se, inicialmente, contato virtual, onde explicou-se a proposta do estudo, convidando-as para participar da pesquisa. Nessa etapa, foi necessário abrir uma conta

no Instagram, pois fui informada por algumas delas que este é o canal mais utilizado para divulgação de ações e campanhas dos projetos sociais.

Na coleta de informações, realizada inicialmente nas redes sociais, foi possível fazer um levantamento de imagens e textos de divulgação das ações dos grupos, acima elencados, e o destaque para a atuação de mulheres nestes movimentos, os quais ajudaram na identificação de mulheres feministas atuantes em projetos sociais.

Embora os movimentos e grupos elencados atuem em campos distintos, com diferentes vertentes do feminismo, é possível estabelecer alguns padrões que se repetem nas jornadas das mulheres militantes nestes projetos. É possível identificar algumas semelhanças na atuação dos citados grupos sociais. Destacam-se duas; a primeira, o caráter de assistência material com alimentos, roupas, produtos de higiene, etc., que perpassam as ações dos grupos. E, a segunda, o caráter político, social e educativo de problematizar e buscar diálogos sobre temas que integram o cotidiano das comunidades assistidas, tais como a violência contra mulheres, a discriminação racial e seus efeitos e a crescente desigualdade social e econômica agravada nos últimos anos pela pandemia de Covid-19. Entende-se que, nesse aspecto, a práxis educativa feminista se consolida nas reflexões e ações desenvolvidas.

Nessa perspectiva, é evidente a relevância da atuação feminina nestes grupos e o aspecto pedagógico das ações, vez que busca envolver e sensibilizar a sociedade nas pautas levantadas e defendidas pelas mulheres feministas atuantes nos referidos grupos e movimentos sociais.

Ainda como elemento da primeira fase, a partir das informações coletadas sobre os grupos acima destacados, foi possível, por meio das mídias digitais localizar outros grupos atuantes, em Macapá, com presença significativa de mulheres feministas como, por exemplo, o Ciranda Materna, que é um grupo de apoio à mulher em seus processos de gestação, parto e maternidade. Embora o foco da atuação deste grupo seja a maternidade e os temas a ela relacionados, as militantes atuantes neste grupo desenvolvem diversas atividades educativas que se relacionam e se encontram com outras pautas feministas.

À medida que se avançou pelas etapas da primeira fase dos procedimentos metodológicos, dois aspectos da pesquisa tornaram-se evidentes: primeiro, a diversidade de grupos, projetos e organizações não governamentais com participação de mulheres feministas em Macapá/AP e a multiplicidade de campos de força do feminismo atuante que ora se harmonizam em suas jornadas e ora se distanciam, dada as peculiaridades de cada grupo; e, o segundo aspecto, é que a maioria dos referidos grupos não possui formalidade documental tal como estatuto ou CNPJ e produções relativas as suas atuações. Essa informalidade provocou

certa dificuldade de encontrar produções escritas sobre os grupos e projetos sociais, bem como textos referentes à atuação de mulheres feministas em Macapá/AP.

Por fim, chamou a atenção, nessa fase do estudo, a diversidade de coletivos com presença de mulheres e o aspecto de assistência material disponibilizado por elas às famílias e pessoas em vulnerabilidade econômica. Percebeu-se que as ações de assistência material antecedem as ações de reflexões e debates sobre temas diversos. Acredita-se que isso ocorre com a finalidade de garantir um suporte inicial aos sujeitos assistidos pelos projetos e possibilitar a permanência destes nas atividades propostas.

Nas fases seguintes, a partir das falas das participantes, gradativamente, foi-se ampliando o entendimento das dinâmicas aplicadas nos projetos e inserções nos quais elas atuam. Entendimento, que segundo Gadamer (1999), é parte de um diálogo, ou seja, a fusão de horizontes que se almeja.

Na segunda fase dos procedimentos metodológicos, ocorreram as primeiras entrevistas realizadas em maio de 2022. No primeiro momento, foi realizado um contato prévio via redes sociais, principalmente via WhatsApp e Facebook, com mulheres que atendiam aos requisitos metodológicos da pesquisa, a saber: reconhecer-se como feminista e desenvolver atividades em projetos e inserções sociais em Macapá/AP.

Nesse percurso inicial, optou-se em dialogar com elas sem gravação ou qualquer registro do encontro, pois esta aproximação “desarmada” possibilitou conquistar a confiança para desenvolvimento dos passos seguintes. Embora houvesse a disposição de encontrá-las pessoalmente, somente uma delas optou pelo encontro presencial. As demais preferiram estabelecer um contato por meio das mídias digitais (WhatsApp, Google Meet e Meet-Jitsi). Ressalta-se que tal modalidade de encontro foi apresentado em virtude da pandemia da COVID-19, a fim de garantir a segurança das participantes e de outras pessoas envolvidas na pesquisa.

Inicialmente, obteve-se resposta de 14 (quatorze) mulheres que demonstraram interesse em participar do estudo. Em seguida, foi enviado para todas o roteiro de entrevista, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE, o designer da proposta de dissertação contendo as principais informações sobre o estudo (material disponível no Apêndice) e breve vídeo produzido pela pesquisadora explicando características da formativapesquisa (CARIACÁS, 2021) e etapas dos procedimentos metodológicos.

Apenas 07 (sete) mulheres deram retorno quanto ao agendamento da entrevista e afirmaram que participariam das etapas subsequentes. As entrevistas foram realizadas por meio virtual, sendo uma delas via WhatsApp na modalidade de gravação de vídeo, uma via

Google Meet na modalidade vídeo conferência e 05 (cinco) via Meet-Jitsi também vídeo conferência, conforme a decisão das participantes.

A narrativa foi adotada como técnica de coleta de dados, pois “contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos, tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal” (BAUER; GASKELL, 2007, p. 93). Nesse sentido, a técnica da entrevista narrativa (EN) se harmoniza com a hermenêutica terapêutica, à luz da qual os dados coletados foram analisados (GARCÍA-BARÓ, 2015). As entrevistas concedidas via Google Meet e Meet-Jitsi tiveram, em média, duração de 40 a 60 minutos.

Ressalta-se que, ao elaborar as perguntas que estruturam a entrevista, buscou-se estabelecer uma relação entre as atividades por elas desenvolvidas nos projetos em que atuam e as categorias de análise apresentadas na pesquisa, a saber: práxis educativa e feminismo.

Em dias previamente agendados, foram realizadas as entrevistas pelas plataformas virtuais, as quais foram gravadas e transcritas para posterior análise. Uma participante optou pelo encontro presencial, contudo, logo após o diálogo sobre as etapas do estudo, ela solicitou que os próximos fossem realizados virtualmente.

O material coletado foi analisado à luz da hermenêutica, entendida como a arte de compreender derivada do modo do ser humano estar no mundo (GADAMER, 1999). Optou-se em utilizar, para análise dos dados, a técnica da análise temática (BAUER, GASKEL, 2007), pois, foram agrupadas as informações coletadas por temas e, em seguida, buscou-se fazer a aproximação das narrativas por elas apresentadas e posterior análise e interpretação.

O roteiro de entrevista enviado às participantes constava de dois blocos de informações: o primeiro, apresentava o perfil das colaboradoras com nome, idade, filhos, estado civil, inserção social em que atuava, tempo de militância, grau de escolaridade, formação acadêmica e vertente do feminismo que orientava a sua atuação.

No segundo bloco, o qual foi apresentado como guia para a entrevista narrativa, constavam de 08 (oito) questionamentos que se relacionavam com a atuação delas em inserções e projetos sociais diversos.

Buscou-se, também, alcançar o ideário feminista que perpassava a sua atuação, as didáticas aplicadas na práxis educativa desenvolvida, aspectos positivos e negativos dessa atuação e posicionamentos em face às críticas recebidas. Este bloco foi pensando a fim de possibilitar às participantes, nas etapas do estudo, uma reflexão mediante aplicação de autoavaliação.

2.1.1 Perfil das Participantes

Com a finalidade de facilitar a compreensão dos dados coletados e as discussões e interpretações dos mesmos, optou-se em agrupar dois núcleos temáticos a partir do roteiro das entrevistas, quais sejam: Núcleo 01 - Perfil das Participantes, com os seguintes pontos: com nome, idade, filhos, estado civil, projeto social em que atua, tempo de militância, grau de escolaridade, formação acadêmica e vertente do feminismo que orienta sua atuação. Nesse primeiro levantamento, buscou-se obter informações de caráter pessoal, visto que se trata de um estudo qualitativo, no qual aspectos subjetivos podem colaborar para o melhor entendimento das narrativas.

O tratamento dos dados ocorreu numa perspectiva qualitativa a partir de análise temática buscando as peculiaridades e nuances expressadas pelas participantes (LAVILLE; DIONNE, 1999). Aplicou-se a hermenêutica (GADAMER, 1999), pois visou-se compreender e interpretar as narrativas das participantes sem excluir o conhecimento e percepções prévias da pesquisadora.

Ao se proceder a entrevista, buscou-se deixá-las livres para discorrem sobre os temas apresentados ou seguir a ordem apresentada no roteiro de entrevista, pois “todo aquele que conta uma boa história, satisfaz às regras básicas do contar uma boa história” (BAUER; GASKELL, 2007, p. 96). Resta esclarecer que foi atribuído uma numeração a cada uma das participantes, a qual seguiu a ordem de realização das entrevistas e consta no TCLE. Tal organização, visa zelar pela confidencialidade e privacidade das participantes. O quadro a seguir contém informações que são consideradas relevantes para analisar o perfil das participantes:

Quadro 7 - Perfil /Participantes da Pesquisa

Participantes	Idade	Filhos	Escolaridade	Atuação	Vertente do feminismo
1	31	01	Superior	Periferia em Ação Luta Antimanicomial.	Não declarou
2	40	02	Superior	Ciranda Materna	Não declarou
3	31	0	Superior/mestrado	Sala de aula/escola estadual ensino médio	Não segue nenhuma vertente do feminismo
4	38	0	Superior	Movimento de Articulação de Mulheres da Amazônia- MAMA	Não sabe afirmar

Participantes	Idade	Filhos	Escolaridade	Atuação	Vertente do feminismo
5	29	0	Superior/ mestranda em Filosofia	Movimento Encrespa- Combate ao racismo estético/sala de aula/rede particular de ensino.	Feminismo negro
6	59	05	Ensino Médio	Coordenação da Articulação de Mulheres no Amapá- AMA	Não declarou
7	42	01	Superior/ mestranda do PPGP Psicologia da UFPA.	Luta antimanicomial/ Combate à violência doméstica. Frente Emergencial de Atendimento à mulher vítima de violência doméstica - FREA.	Não sabe declarar

Fonte: Autora da pesquisa

Ao se elaborar o roteiro para entrevista, objetivou-se, inicialmente, fazer um levantamento das informações pessoais e subjetivas das participantes, as quais constam no Núcleo 01. Já, no Núcleo 02, buscou-se agrupar informações relativas à atuação em projetos sociais, atividades desenvolvidas e a percepção delas sobre as críticas recebidas.

Nessa perspectiva, passar-se-á, então, para a análise de aspectos observados no Núcleo 01, conforme informações descritas no quadro acima. Serão analisados os seguintes aspectos: escolaridade, relação com a família, vertentes do feminismo que as orienta, traçando-se um paralelo com aspectos das narrativas elaboradas a partir do Núcleo 02.

Sobre a escolaridade das 07 (sete) mulheres entrevistadas, somente 01 (uma) não possui curso superior (possui nível médio completo), 02 (duas) estão cursando mestrado em Filosofia e Psicologia, respectivamente, e 01 (uma) é mestra em educação e, as demais, 04 (quatro) delas, possui graduação completa. Esse dado possibilita pensar a influência ou não da academia na atuação dessas mulheres. A fala da Participante 05, demonstra certa influência da academia em sua jornada *“atuação no movimento social aqui de Macapá começou na universidade, né. Dentro da instituição, da Universidade Estadual começou através de aproximação de coletivo, de movimento estudantil”*.

Nesse caso, percebe-se que o contato prévio com teorias feministas e críticas ao identitarismo possibilita uma avaliação mais impessoal das críticas direcionadas às suas ações. Já, a Participante 06 ao afirmar *“meu feminismo é de vivência do cotidiano”* possibilita pensar que sua atuação não sofre influência direta da academia.

Sobre a relação com a família, algumas delas afirmaram não ter dificuldade em conciliar as atividades nos projetos em que atuam com as atividades familiares. É o que se

verifica na fala da Participante 06, “*Eu organizo todas as atividades do movimento que vai acontecer no mês e de minhas atividades da minha casa e dar tudo certo*”. Na fala da Participante 02, resta evidente a relação de aspectos familiares e as motivações de suas atuações na militância feminista:

(...) eu fui uma grávida muito aguerrida. Sempre foi um pouco mais calma, tranquila, mas depois que eu engravidei, depois que eu tive filhos eu fiquei mais brigona, mais chata, mais na verdade eu passei a ver mais as coisas e entender que eu tinha que questionar aquelas coisas pra poder ter controle e algum tipo de controle sobre elas, né? Quando a gente entra nessa questão da militância na verdade a gente escolhe que coisas vão ter controle sobre a gente, né? Porque o controle nosso ele nunca é possível (Participante 02).

É importante destacar que, a escolha dos questionamentos referentes à família ocorreu a fim de se observar a relação objetiva das atividades por elas desenvolvidas com aspectos subjetivos de suas relações pessoais. Percebe-se que algumas delas encontram na família a motivação para elaborar e desenvolver suas atividades e que a atuação em projetos sociais não dificulta as relações familiares e afetivas.

Além disso, ao se elencar o item que faz referência às vertentes do feminismo que as orienta e sua formação acadêmica, busca-se compreender o contato das participantes com as críticas direcionadas à sua atuação, se ocorrem por leituras acadêmicas ou são oriundas de clichês e de falas do cotidiano na família, sociedade e trabalho. Nesse aspecto, observou-se que elas, no decorrer de suas falas, mesclam as influências acadêmicas e as experiências do cotidiano em suas narrativas. Entretanto, ao analisar as descrições de pedagogias aplicadas percebe-se que as vivências enquanto mulheres que se reconhecem como feministas se destacam na atuação delas.

A maioria das participantes relatou não estar filiada atualmente a nenhuma vertente do feminismo. Nas afirmativas de não filiação a vertentes do feminismo, e em outras falas das colaboradoras, foi possível perceber a existência de tensões entre alguns grupos e posicionamentos assumidos pelas colaboradoras, por exemplo, a organização dos eventos e as atividades realizadas. Como afirmam (SARDENBERG; COSTA, 2012), os feminismos no Brasil lidam com tensões resultantes das desigualdades internas e com a tarefa de planejar e executar estratégias oriundas das demandas das mulheres que são distintas entre si.

Frise-se que, no presente estudo, parte-se do pressuposto de que o feminismo é múltiplo e abarca diferentes perspectivas, das quais destaca-se o feminismo interseccional que relaciona a justiça de gênero a outros movimentos de justiça social (LAGNOR; LISBOA, 2016) e o feminismo negro caracterizado pela consciência de que as discussões de gênero não resultam necessariamente em solidariedade racial e que as organizações e reivindicações em

defesa das mulheres negras são pautas necessárias em nossa sociedade. É oportuno salientar que tal consciência impulsionou mulheres negras a enfrentarem as contradições do próprio movimento feminista bem como as dificuldades e discriminação racial existentes nas sociedades (CARNEIRO, 2003).

Sobre as vertentes do feminismo que as orienta, somente a Participante 05 se declarou ligada a uma vertente do feminismo, qual seja, o feminismo negro. Além disso, afirmou proximidade com o feminismo interseccional com o qual a Participante 07 também demonstrou aproximação. Conforme se verifica na fala de ambas:

(...) em relação a vertente feminista, eu me identifico a vertente do feminismo negro, né? E também um pouco com a teoria e com a linha da interseccionalidade, mas eu não me prendo tanto a essa questão da vertente, na verdade de forma geral eu tento focar num estudo e numa prática né numa práxis feminista (Participante 05).

(...) eu gosto muito dos estudos interseccionais eu gosto muito (...) estou começando a estudar (...) agora detidamente a questão dos estudos decoloniais, a minha especialização em estudos culturais e políticas públicas que eu fiz na UNIFAP que inclusive assim foi um divisor de águas na minha vida realmente me deu muito conhecimento (...) (Participante 07).

Ademais, percebe-se que mesmo não se declarando filiadas a uma vertente do feminismo as ações por elas desenvolvidas são guiadas pelo ideário de igualdade de gênero e tem em comum pautas feministas, por exemplo, o combate à violência contra as mulheres. As informações obtidas a partir da análise do perfil das participantes foram imprescindíveis para se compreender os posicionamentos e as percepções apresentadas no Núcleo 02, o qual será descrito e analisado no item a seguir.

2.1.2 Apresentação dos Dados e Análise das Narrativas

Neste item, passar-se-á a expor o Núcleo 02 da entrevista narrativa desenvolvido a partir de 08 (oito) questionamentos, os quais foram encaminhados às participantes, conforme descrito na metodologia na segunda fase dos procedimentos metodológicos, ocorrida em maio de 2022. Além do que, será apresentada a análise desenvolvida pela pesquisadora.

O roteiro de entrevista encaminhado às participantes elencou as seguintes perguntas: a) Fale um pouco da sua história nos movimentos sociais; b) Quando e como você se percebeu como uma mulher feminista?; c) Como você concilia suas atividades pessoais (filhos, família, amigos, trabalho) e a atuação nos movimentos sociais?; d) Apresente em linhas gerais quais atividades você desenvolve no movimento social que integra e qual a didática/pedagogia utilizada para as ações?; e) A vertente feminista que você integra é mais acadêmica ou é um

feminismo da vivência do cotidiano?; f) Fale um pouco sobre o que considera mais relevante em sua atuação junto a sociedade?; g) Cite aspectos positivos e negativos das intervenções que você realiza; h) Que autores/autoras ou figuras públicas influenciam sua atuação?; e, i) O que você pensa sobre críticas direcionadas ao feminismo?

As perguntas foram elaboradas a fim de orientá-las em suas narrativas possibilitando a exposição e reflexão de aspectos pessoais, tais como família, autorreconhecimento como feministas e aspectos sociais e pedagógicos de suas intervenções, por exemplo, didáticas aplicadas, relevância social da atuação e percepções sobre as críticas direcionadas ao feminismo, além dos tensionamentos que existem nos projetos em que atuam. Buscou-se, também, captar a percepção delas sobre a práxis educativa presente nas inserções e projetos sociais nos quais estão inseridas.

Neste ponto, passar-se-á às análises que foram desenvolvidas a partir de trechos de suas narrativas. Ressalta-se que foram agrupadas por temas, buscando aproximações, convergências e divergências, segundo as quais, é possível compreender e interpretar os dados. Para Freitas (2020), a práxis é uma atividade consciente, lúcida, que emerge da própria atividade, onde o sujeito é transformado constantemente de acordo com a experiência em que está engajado. Nesse sentido, percebe-se nas falas de duas delas a ideia de transformação por meio de práxis educativas imbuídas do ideário feminista nas didáticas aplicadas:

Fizemos esse encontro foi uma roda de conversa muito...muito bacana e até...é...é...uma das participantes tinha acabado de lançar um livro e ai foi muito legal da gente pensar que o...patriarcado nos quer mulheres cuidadoras de filhos dentro de casa mas agente consegue também ficar fora de casa transformar esse mundo trazer um...um conforto né um bem-estar e uma mudança pra todas nós então isso estimula demais quem fala digamos num puerpério pesado e saber que olha tem um filho pequeno mais eu to aqui produzindo no mundo eu sou do mundo também eu sou mulher eu sou né e que a maternidade ela...ela apreende mas ela também ensina e ela pode virar essa força de transformação (Participante 02).

Sou apaixonada pela minha profissão, não numa visão romântica, mas na perspectiva social da educação. Só o fato de ensinar algo a alguém, já torna a mim e meus colegas pessoas de relevância pra sociedade. A educação emancipadora e crítica é o único meio que nos tira da nossa própria alienação e provoca transformação. Nos faz ver e questionar as injustiças, a desigualdade, e esses são um dos pontos positivos do ato de ensinar (Participante 03).

Nesse sentido, aproxima-se da práxis em Freire (1987), a qual se funda no diálogo, na reflexão e na ação transformadora da realidade. Pensar uma pedagogia feminista é pensar a relação entre educação e movimentos sociais e processos de transformação com concepções pedagógicas, conteúdos, metodologia e estratégias educativas específicas e diferenciadas realizadas com diferentes mecanismos, tais como: oficinas, rodas de diálogo, debates, grupos

de reflexão, entre outros (LOURO; NECKEL; GOELLNER, 2007).

Dessa forma, percebe-se a dimensão educativa nas narrativas das participantes e, paralelo a isso, observa-se também uma preocupação em atender às expectativas sobre as falas delas enquanto feministas atuantes em projetos sociais. Enquanto pesquisadora também alimentei expectativas sobre os resultados dos estudos especialmente sobre as pedagogias aplicadas e como elas relacionam o feminismo às atividades desenvolvidas. Gradativamente essa expectativa se diluiu na compreensão do alcance e dos limites que a atuação delas sofre em face dos contextos sociais, políticos, econômicos e educacionais que, por vezes, são favoráveis, possibilitando a efetivação das ações por elas planejadas e ora são desfavoráveis impossibilitando as transformações almejadas. Entretanto, percebe-se também a reflexão que elas desenvolvem sobre suas atuações.

Nesse sentido, chamou a atenção a fala da Participante 05 ao afirmar que “*o estado de consciência cansa*”, demonstrando as fragilidades pessoais que também interferem em suas jornadas, visto que, por vezes, o estereótipo de que mulheres atuantes são guerreiras incansáveis é também uma barreira a ser superada.

A participação ou não em política partidária e debates políticos foi um ponto de tensionamento que se observou, uma vez que para algumas delas a filiação e atuação em partidos políticos podem comprometer a atuação nos grupos ora estudados e, para outras, é preciso se posicionar e assumir posturas políticas. Como se pode verificar nas falas das Participante 02 e Participante 05:

Então a nossa maternidade política e politicamente a gente se colocou nesse lugar de não quero pessoas que tripudiem da mulher que achem que a mulher merece menos (Participante. 02).

(...) me incomoda muito essas questões de alinhamento partidário (...) (Participante 05).

Quando questionadas sobre quando e como se perceberam feministas das 07 (sete) mulheres, 06 (seis) descreveram em suas narrativas que o feminismo passou a integrar suas jornadas a partir de experiências familiares e relações afetivas sendo este um ponto convergente na argumentação das colaboradoras que, embora tenham iniciado suas falas indicando a universidade ou outros espaços como ponto de partida para atuação feminista, ao longo da EN destacaram, inclusive demonstrando emoções nas memórias evocadas, que as relações familiares e afetivas foram determinantes para sua atuação como feminista militante. É o que se observa nas falas a seguir:

Eu me percebi como uma mulher ativista quando as minhas dores passaram a ser tratadas como frescuras, quando a dor duma outra mulher passou a ser também tratada como frescura, (...) percebi que a sociedade coloca uma mulher contra a outra em questão de disputar um relacionamento quando eu percebi que entre uma disputa numa vaga de emprego eu perderia facilmente pra um homem por eu ser mãe principalmente né porque as perguntas pro homem numa entrevista de emprego nunca vai ser sobre quem vai ficar com teu filho não mais pra mim vai ter essas perguntas então eu me percebi num poder de lutar(...) (Participante 01).

Na verdade, penso que tive uma criação feminista, mesmo sem eu saber. Fui criada pela minha avó e tia paternas. Então, elas sempre frisavam a questão da independência da mulher. Tinha uma frase que minha avó dizia, mais ou menos assim: teu marido é teu emprego. Minha tia, professora, sempre dizia que o conhecimento era a única coisa que ninguém poderia tomar de mim. Foi nesse contexto que cresci, de buscar minha liberdade e emancipação, pois era para isso que eu era aconselhada. Quando cheguei na graduação e na especialização, onde tive contato com as leituras feministas, pude confirmar e me reconhecer mais como uma mulher feminista (Participante 03).

(...) a minha a minha formação social, a minha formação política e feminista ela vem desde a barra da saia da minha mãe, desde o quanto que eu olho pra trajetória de minha mãe, de minhas tias e de minhas avós que são chefes de família e a movimentação delas já me fez pensar em ser uma mulher autônoma, em ser uma mulher que constrói, que constrói políticas públicas e será uma mulher que faz, que produz (...) (Participante 04).

Já, a Participante 06 descreve que se descobriu feminista atuando e coordenando ações voltadas para mulheres, ou seja, sua iniciação ocorreu com o exercício de cidadania a partir do que ela classificou como luta em defesa das mulheres. Sobre essa experiência, ela assim discorre:

(...) entrei no movimento social em 2004 no intuito de ajuda as mulheres sou fundadora de uma associação de mulheres Empreendedoras do bairro Jardim Felicidade I e em 2014 fui idealizadora da Marcha das Mulheres da Zona Norte: unidas contra a violência. Sou coordenadora da Articulação de Mulheres do Amapá. Em 2004 e com minha luta em defesa das mulheres me descobri como uma mulher feminista (Participante 06).

Dessas mulheres, 04 (quatro) delas destacaram o papel das mães e avós no seu processo de formação, as demais destacaram outras relações afetivas tais como vizinhas, parceiros e amigas. Sobre o tempo de atuação em inserções sociais, a maioria relatou ter mais de dez anos em inserções sociais, e, somente 01 (uma) afirmou ter nove anos, o que possibilita pensar que possuem ampla experiência nas atividades que desenvolvem e dominam as didáticas aplicadas por elas na comunidade.

Ainda acerca da atuação feminista, 03 (três) delas afirmaram que a atuação nos processos educativos que integram pode possibilitar um pensar sobre o feminismo, pensar sobre a ética e o próprio comportamento dos indivíduos. Essa ideia reforça a hipótese preliminarmente levantada neste estudo, de que a atuação de mulheres em inserções e projetos

sociais está imbuída de uma dimensão educativa.

Acredita-se que as inserções delas, além de fortalecer a divulgação da força e importância da atuação de mulheres feministas como agentes de transformação social, provoca também mudanças em suas vidas e a forma como se relacionam na coletividade. É o que se percebe nos fragmentos das falas das Participantes 03, 05 e 06:

Eu busco trazer essas mulheres filósofas para a sala de aula, para que meus alunos e alunas as conheçam. E, não somente isso, a filosofia é um campo de conhecimento muito vasto e dinâmico. Sabendo conduzir, a gente pode trazer discussões feministas para a sala de aula (Participante 03).

(...) mas na faculdade eu participava de grupo de estudos, era bolsista de iniciação científica. Então eu sempre tive uma atuação mais teórica no processo, assim, mas sempre tentando uma conexão maior com a práxis isso pode ser em algum momento ponto de conflito e crítica e de autocrítica também, mas hoje eu já tenho um outro entendimento do que me afligia naquele momento. E eu acho que é basicamente isso aí eu fui trilhando esse processo aí depois que eu saí da graduação meio que essa vivência de você estar ligada a coletivas, está ligada a uma movimentação de combate mais radical a instituições, né? Acabou um pouco ficando de lado porque eu escolhi trilhar o caminho ali da pós-graduação (Participante 05).

(...) a teoria feminista chama a pensar sobre a ética, sua prática e sua moral... pensar sobre seu próprio comportamento (Participante 05).

(...) de grande relevância foi a mobilização junto a outras instituições afins, para garantir os instrumentos da política da mulher aqui no Amapá (Participante 06).

Observa-se que as Participantes 01, 02, 04 e 06 ao serem questionadas sobre as atividades que desenvolvem no projeto e inserção social que atuam e qual a didática /pedagogia utilizada para as ações, demonstraram semelhanças em suas respostas, embora não tenha conexão direta entre os grupos que integram. As didáticas aplicadas visam ao mesmo tempo garantir assistência material e cuidados pessoais, além de debates, reflexões dinâmicas sobre temas relacionados a atuação do grupo, conforme se verifica nos trechos das descrições de suas pedagogias: “Atividades de redução de danos: doação de alimentos e roupas. Rodas de conversa sobre saúde mental; palestras” (Participante 01); “Produção e distribuição de cartilhas, palestras e rodas de conversa” (Participante 02); “Lives, palestras, danças e campanhas de apoio material” (Participante 04); “Oficinas com atividades para o autocuidado de mulheres, oficinas e rodas de conversa” (Participante 06).

É possível perceber nas descrições por elas apresentadas que, paralelo às atividades educativas e informativas, ocorre também a assistência material com doação de alimentos, roupas e outros bens de consumo, conforme já descrito acima. Nas narrativas, são percebidos dois caminhos percorridos na execução das ações: a redução de danos, que visa a atender necessidades mais urgentes, por exemplo, acesso a alimentação e vestimentas; e, redução da violência doméstica e apoio psicológico e material para os anos iniciais da maternidade. E ações educativas que visam informar os grupos assistidos sobre temas específicos tais como

violência contra mulheres, filosofia feminista, maternidade, discriminação racial e de gênero, autocuidado entre outros utilizando a afetividade como instrumento para sensibilização dos sujeitos envolvidos possibilitando uma reflexão sobre os temas abordados e, concomitantemente, um processo de transformação na vida dos sujeitos envolvidos.

Em vista disso, a atuação das participantes nos projetos em que estão inseridas extrapola as discussões políticas, sociais e focam também em situações privadas do cotidiano que se apresentam como urgentes. As temáticas ligadas à saúde, alimentação e segurança tornam-se prioridade nas ações e projetos por elas desenvolvidos. Esta característica remete ao feminismo, no Brasil dos anos 80, cuja pauta destacava duas temáticas novas para o período, quais sejam, violência e saúde (PINTO, 2010).

Considera-se relevante a atuação delas ao inserir em suas didáticas/pedagogias ações direcionadas à individualidade dos(as) assistidos(as), por exemplo, oficinas de dança, autocuidado, bem como doação de alimentos, pois possibilita ao indivíduos participantes as condições básicas para, a partir de então, desenvolverem discussões e reflexões relacionadas com os interesses da coletividade.

Já, as Participantes 03, 05 e 07 propiciam em suas ações debates, reflexões e análises a partir de seminários, discussões de textos e encontros virtuais. Consoante se observa nas narrativas por elas elaboradas:

Reavaliar o currículo da minha própria disciplina. Então, eu busco trazer essas mulheres filósofas para a sala de aula, para que meus alunos e alunas as conheçam. E, não somente isso, a filosofia é um campo de conhecimento muito vasto e dinâmico. Sabendo conduzir, a gente pode trazer discussões feministas para a sala de aula (Participante 03).

Planejamento e execução de aulas, atividades e apostilas. Seminários. (Participante 05)

Atividades de leitura e discussão de textos, encontros virtuais e atendimento terapêutico a mulheres vítimas de violência (Participante 07).

Percebe-se que as Participantes desenvolvem atividades seguindo a sistemática pedagógica de seus ambientes de trabalho, porém, buscam inserir debates e análises que extrapolam o currículo escolar, o que permite maior abrangência das reflexões propostas.

Observa-se que a carga argumentativa de algumas delas busca demonstrar o vínculo causal e, partindo de um acontecimento, aumentam ou diminuem o convencimento na realidade de um feito que o explique ou determine os resultados decorrentes (PERELMAN, 2005). Cita-se, como exemplo, as falas das Participantes 02 e 03, ao apontar o silenciamento das mulheres que sofrem violência obstétrica e o silenciamento de suas produções filosóficas,

expostas, respectivamente, abaixo:

(...) quando, por exemplo, agente participa de audiência pública para trazer dados, tinha uma ouvidoria no hospital da maternidade pra coletar os relatos, essa ouvidoria não existe foi retirada de lá na última audiência pública a gente pediu o retorno, não retornou e ai ficou parado, ai ficou parado esse processo infelizmente quem sofre violência obstétrica tem muita dificuldade de denunciar porque tá com dor do recém-nascido, enfim por várias coisas, e ai muitas vezes eles chegam a afirmar na cara de pau pra gente que não existe por que ninguém fala (...)pois é, é ai assim a política e o que a gente tem muito a melhorar(...) (Participante 02).

(...) na filosofia, as mulheres também sofreram um processo de silenciamento. Então, eu busco trazer essas mulheres filósofas para a sala de aula, para que meus alunos e alunas as conheçam. E, não somente isso, a filosofia é um campo de conhecimento muito vasto e dinâmico. Sabendo conduzir, a gente pode trazer discussões feministas para a sala de aula, e eu percebo que os alunos gostam disso (Participante 03).

A lógica desta argumentação reforça a importância das atividades pedagógicas desenvolvidas pelas colaboradoras, porque as temáticas abordadas por elas em suas ações/reflexões são oriundas de uma construção social e cultural, passíveis de análises e transformações.

Bell Hooks (2019) afirma que no âmbito da educação existem dois caminhos: o da dominação e o da libertação. Na análise das narrativas, identificou-se a aproximação das práxis educativa como o segundo ponto afirmado pela autora citada, vez que as pedagogias aplicadas visam o processo de conscientização das opressões sofridas, a fim de permitir aos sujeitos autonomia em suas jornadas.

Além disso, identificou-se também, nas falas, que as didáticas/pedagogias desenvolvidas por elas incluem palestras, rodas de conversas, danças, seminários, leitura de textos entre outras, e demonstram um processo educativo sistematizado, mas que não segue a normatização do ensino formal ofertado pelo Estado aos indivíduos. Conforme se observa a seguir:

(...) projeto periferia em ação onde a gente cuida de mães da periferia, onde agente cuida de pessoas na verdade da periferia (...) eu faço roda agente conversa ali com as mães (...) trabalha danças culturais com as crianças e mulheres (...) aula de capoeira então a gente faz uma redução, o trabalho de redutor de danos dentro da periferia pra tentar resgatar o máximo que agente conseguir então ai agente funciona os finais de semana o meu trabalho é só semanal então os finais de semana agente tá ali agente faz pedidos de doação de alimentos porque não tem como agente só chegar né e oferecer um trabalho se não tem o alimento (...) (Participante 01).

(...) Mas na atual situação que eu me encontro eu acho que o fato de eu assim todas as práticas pedagógicas que envolvem o eu preparar a aula, eu preparar a prova eu preparar conteúdo elas já inserem de certa forma uma prática educativa feminista porque eu nunca preparo algo neutro né? Eu sempre preparo algo que de

alguma forma vai instigar o meu aluno, os meus alunos a pensarem a respeito, principalmente porque eu trabalho com filosofia e sociologia, então não tem muito como neutralizar esses campos de estudo e aí eu costumo dizer que a minha identidade e a minha imagem ela já diz muita coisa então eu não é como se não é que eu não fizesse muito esforço pra ver uma prática clássica mas no processo de preparar o meu trabalho, da minha produção, ela já se externaliza de alguma forma. E hoje, né, com os espaços, e os espaços virtuais muito mais né? Eh muito mais fortes do que antes eu acho que as redes sociais elas também contribuem de alguma forma pra que a gente esteja ali de alguma forma educando ou trocando ideia (...) (Participante 05).

(...) trabalhamos com Direitos humanos, Mobilização, formação e orientação, geração de renda, e outro... A didática: Oficinas, seminários, autocuidado e ajudando mulheres a se organizar nas suas instituições a partir de suas peculiaridades (Participante 06).

Entende-se que o questionamento, que se elegeu como primeiro para análise, qual seja: Apresente em linhas gerais quais atividades você desenvolver no movimento social que integra e qual a didática /pedagogia utilizada para as ações? Possui uma relação direta com o problema central do estudo e fica evidente o quanto elas estão comprometidas, não apenas com o discurso, mas também e, fundamentalmente, com as ações que desenvolvem e o público-alvo destas ações.

Destaque-se que a pedagogia feminista, entendida como a fusão entre proposições ativistas e preocupações científicas, é parte do processo educativo desenvolvido pelas participantes, embora elas não falem expressamente que utilizam pedagogias feministas em suas práxis, está implícito em suas didáticas e ações a proximidade com tal categoria (LANGNOR; LISBOA, 2016, p. 02).

É possível perceber nas falas das Participantes 01, 06 e 07 uma atenção destinada à redução de danos e ao autocuidado que se materializa com atividades com caráter prático. Por exemplo, doação de roupas e alimentos para os envolvidos nas ações que apresentam maior vulnerabilidade econômica. Observa-se que este é também um ponto convergente em suas falas, visto que elas demonstram a preocupação com autocuidado e atividades que melhorem as percepções das mulheres assistidas, em um exercício quase terapêutico.

Além disso, em suas narrativas, percebe-se que as colaboradoras compreendem que uma atuação feminista desvinculada de uma ação/reflexão não se configura como práxis educativa e, algumas delas, descreveram como se perceberam em alguns momentos, de seu tempo de atuação, distantes do que foi denominado de “feminismo do cotidiano”. É o que se depreende na fala da Participante 05:

(...) nunca fui tão alinhada a um determinado grupo porque eu sempre tendenciei a me focar muito numa formação mais de pesquisa acadêmica, mas também me aventurava e andava também a tentar uma práxis do que eu estudava, né apesar de

me incomodar muito essas questões de alinhamento partidário e de coletivo, mas ainda assim eu tentava de alguma forma. E aí eu acabei mesmo aqui em Macapá iniciando um movimento mais voltado pra o combate do racismo estético que foi o movimento Encrespa (...) (Participante 05).

À medida que descreviam suas atividades e ressaltavam a importância destas para o grupo assistido, logo evidenciaram compreender a dimensão educativa presente nas referidas atividades. Já, as colaboradoras, Participantes 03 e 05, por atuarem em sala de aula, compreendem o seu fazer pedagógico como uma possibilidade de propiciar alguns debates, a fim de romper padrões e permitir uma reflexão sobre o papel dos sujeitos na sociedade, sempre oportunizando diálogos sobre o feminismo e suas vertentes.

E, quando questionadas sobre o que consideram relevante em sua atuação junto à sociedade e os aspectos positivos e negativos das intervenções que realizam, as participantes foram provocadas a desenvolver uma autoavaliação/autocrítica de suas inserções, apontando aspectos positivos e negativos por elas identificados. Observou-se nas respostas apresentadas pelas Participantes 02, 03, 05 e 07 que elas compartilham da ideia de pensar sobre si, pensar sobre sua ética e sua atuação, a fim de desenvolver um pensamento crítico. Consoante se observa nas narrativas:

Negativo, as próprias intercorrências do movimento, as diferenças nas opiniões. Positivo, o estímulo a pensar sobre o produzir no mundo. Possibilidade de transformar o mundo (Participante 02).

A educação emancipadora e crítica é o único meio que nos tira da nossa própria alienação. Nos faz ver e questionar as injustiças, a desigualdade, e esses são um dos pontos positivos do ato de ensinar. Para mim, o maior ponto negativo é ver como a educação é tratada como último plano, principalmente no contexto atual, onde a gente vê um governo voltado ao desmonte da educação pública (Participante 03).

Positivos, a teoria feminista chama a pensar sobre a ética, sua prática e sua moral... pensar sobre seu próprio comportamento. Negativos, dificuldades de alianças de coletivos. Feminismo tem que agir de uma forma horizontalmente homogênea e a gente está lidando com dissidências e diferenças e que realmente muitos caminhos as pessoas não vão se identificar. Dificuldade de lidar com o que é diferente (Participante 05).

Negativo, aparente agressividade no posicionamento em alguns momentos assusta os demais, mas é também um crescimento. Também é negativo o fato de as coisas não dependerem só de mim, existe uma interdependência. Ao mesmo tempo isso é positivo, há necessidade de entender o movimento de cada um. Aquilo que é potência é também um limitador. Aspecto tenho mais a aprender que ensinar (Participante 07).

Fundamentado pela Formativapesquisa (CARIACÁS, 2021), buscou-se neste quesito possibilitar o pensar sobre si, pensar sobre as suas jornadas. Aqui foi identificado o sentido terapêutico da Hermenêutica, sem pretensão de atingir uma verdade única, mas, talvez um

processo de ressignificação que poderá impactar na dimensão educativa da práxis por elas desenvolvidas. “Questionar os ideais nos quais acreditamos (...), serve para nos situar no mundo... perguntar se praticamos o feminismo como uma crença ou se ele é um instrumento de transformação da sociedade muda tudo” (TIBURI, 2018).

Assim, compreende-se que o pensar sobre si, avaliar e reavaliar ações são elementos imprescindíveis ao processo educativo, por isso, ao serem lançados os questionamentos sobre aspectos positivos e negativos, identificados pelas participantes em suas inserções, almeja-se contrastar em perspectiva hermenêutica o ideário feminista e as críticas que elas observam em suas jornadas.

Outrossim, foram identificadas semelhanças nas falas das Participantes 01, 04 e 06, de modo que os aspectos positivos apresentados em suas narrativas demonstram um olhar para a coletividade e o desejo de garantir políticas públicas que atendam os grupos por elas assistidos, a saber: pessoas em situação de rua, mulheres vítimas de violência e condição de vulnerabilidade econômica. Como é observado a seguir:

É importante pois lido diretamente com a população de situação de rua, é uma população higienizada socialmente. A parte negativa porque tratam a gente como defensores de bandidos, de pessoas que não merecem um olhar... (Participante 01).

Positivos, ser e não apenas parecer, ocupar espaços e mapear esses espaços. Pensar do ponto de vista da coletividade. Negativos, em todas as atividades identifica conflitos entre as diferenças (Participante 04).

De grande relevância foi a mobilização junto a outras instituições afins, para garantir os instrumentos da política da mulher aqui no Amapá. Considero aspectos positivos o número de mulheres que encamparam na luta a partir das nossas ações e negativos o fato de não conseguir garantir a manutenção das estruturas dos instrumentos da política da mulher (Participante 06).

Percebe-se na fala da Participante 04 a presença de um movimento de reflexão quando ela se propõe a analisar aspectos do seu comportamento na coletividade, tomando como ponto de partida a aparente agressividade nos seus posicionamentos o que, segundo ela, por vezes, assusta aos demais, leia-se: “(...) eu também às vezes eu evito conversar porque não está pronto pra ouvir (...) eu não sou muito carinhosa (...) não importa se você faz é com carinho, se fale com raiva ou com porrada. Verdade dói”. Identifica-se aqui a existência de uma tensão entre o posicionamento da participante e as expectativas que são elaboradas em relação à postura dela em sociedade.

Por seu turno, a Participante 02 apontou como aspecto negativo as tensões e conflitos no próprio grupo, no qual está inserida, o que ela denominou de intercorrências do movimento. Percebe-se que as diferenças de percepção e posicionamentos em sociedade são

características dos seres humanos e, à medida que passam a atuar em grupos, essas diferenças podem se destacar. Entretanto, compreende-se as diferenças elencadas como um aspecto positivo que possibilita o amadurecimento de ideias e a efetivação de ações.

Percebe-se, também, na narrativa da Participante 04 uma reflexão sobre o papel da sociedade na preservação e manutenção das tradições e saberes da comunidade. Identifica-se, nessa reflexão, o exercício educativo de autoavaliar-se:

(...) a gente entende que a nossa atuação ela é de extrema importância porque o papel do diretor, o papel dos professores, dos pedagogos está muito limitada ao que diz o marco legal institucional para uma escola pública. Mas eles não têm, eles não têm o dever de salvaguardar a nossa tradição. Nós é quem temos. Então nós é que precisamos pensar que tipo de atuação teremos e dentro da nossa comunidade quilombola sendo vizinha estando nas mesmas terras do Quilombo, mas que não querem ser quilombolas e a gente precisa respeitar a tradição dele então a gente hoje passa por esse dilema de se perguntar enquanto Quilombo qual é essa atuação a gente vai ter (Participante 04).

As Participantes 05 e 07, afirmaram, em suas análises, a compreensão do que é diferente, dentro das atividades que elas desenvolvem e, como as diferenças por elas percebidas, podem ser uma força de crescimento, de potência de transformação e, ao mesmo tempo, um ponto que pode causar conflitos e desconforto.

Percebe-se na fala da Participante 03, a presença do argumento pragmático (PERELMAN, 2005), ao destacar aspectos positivos de sua atuação: “(...) *educação emancipadora e crítica é o único meio que nos tira da nossa própria alienação*”. Nesse sentido, se atribui à educação o papel de retirar os indivíduos da alienação. Observa-se na fala dela uma expectativa elevada sobre os resultados de suas intervenções e ações na educação, o que poderá causar frustrações, visto que outros fatores podem interferir e alterar os resultados das ações executadas.

Sobre o questionamento “O que você pensa sobre as críticas direcionadas ao feminismo?”, as Participantes 01 e 05 apresentaram falas convergentes, pois consideram as críticas como processo natural com os quais elas aprenderam a lidar:

(...) lido com as críticas normalmente hoje em dia, eu já me estressei muito antes... Mas hoje em dia eu não ligo muito não eu tento não entrar em discussão (Participante 01).

“Venho da teoria crítica feminista, a crítica representa um processo natural. Algumas “críticas” não são críticas é mais um contra-ataque de desconstrução de combate as opressões (Participante 05).

Na narrativa das referidas colaboradoras, identificou-se o argumento pelo vínculo causal (PERELMAN, 2005). Haja vista que, ao mesmo tempo em que elas afirmam lidar

normalmente com críticas, também utilizam esse acontecimento para explicar o que elas denominaram de falta de informação, sendo então, segundo as mesmas, a desinformação a causa provocadora das críticas. Observa-se que a Participante 05 afirmou estar ligada ao feminismo negro e demonstrou em suas narrativas um contato prévio com literaturas que fundamentam e fortacem o feminismo, bem como com a literatura que tece críticas aos movimentos identitários. Nesse sentido, acredita-se que o contato com as teorias citadas influencia sua percepção das críticas. Verifica-se nos trechos de suas falas essa concepção:

*(..) antes do feminismo a gente sabe que existia já um movimento político de mulheres muito fortes e então existiam demandas pré-*proto* feministas e depois que foram cunhadas dessa maneira (...)*

(...) eu acho que quando a gente tem contato com a teoria feminista no âmbito acadêmico ela nos chama a pensar sobre a nossa ética né? A nossa moralidade então eu acho isso interessante, eu acho isso importante quando alguma teoria seja ela feminista ou LGBTQIA + ou outra discussão, a racial e tudo mais, ela te chama a pensar sobre a tua prática, ética e a tua moral. E isso te dá uma outra dimensão de vida em coletividade (Participante 05).

Já, as Participantes 03, 04 e 06 relacionam as críticas recebidas à falta de conhecimento e ao sistema patriarcal que, segundo elas, persiste na sociedade brasileira. Conforme se verifica em suas falas a seguir expostas:

Posso até estar enganada, mas, vejo que muitas críticas ao feminismo se dão em razão da falta de conhecimento sobre o mesmo. Feminismo não é sobre mulheres serem melhores que os homens, como a gente ouve por aí.. É sobre um mundo mais justo e igualitário para mulheres e, conseqüentemente, para homens também. Entretanto, se eu fosse pontuar uma crítica, com muito cuidado, é em relação a algumas discussões feministas estarem afastadas da realidade das mulheres cotidiana. Da mulher pobre, preta, periférica, da assalariada, da que vive de auxílios, da que está no trabalho informal. Será que as discussões feministas estão incluindo essas mulheres? (Participante 03).

Penso que as pessoas não sabem o que estão dizendo... é um ciclo vicioso do patriarcado. Muitas vezes a fé pode fazer detrimento, julgamento gerando esteriótipos e julgamentos de valores. Fruto do patriarcado e do capital, por isso a luta é também decolonial de desconstrução de saberes colonizadores (Participante 04).

Quem critica o feminismo são indivíduos forjados no fundamentalismo, no machismo e no patriarcado ou alguém que não teve a oportunidade de conhecer a luta feminista (Participante 06).

Percebe-se que a maioria das entrevistadas apresenta argumentos convergentes ao descreverem as críticas como resultantes de uma sociedade patriarcal e machista e, nesse aspecto, comunga-se das ideias por elas narradas, visto que ao se pesquisar também se observa traços fortes de uma estrutura patriarcal, que ainda influencia valores sociais e comportamentos que, por vezes, conduzem os indivíduos a posturas violentas:

(...) é muito difícil você tirar as pessoas do ciclo vicioso patriarcado da fé que elas exercitam. E a fé ela é uma das poucas formas idealistas que limitam as pessoas. A fé. Então enquanto as pessoas exercerem a fé como um lugar de salvação, delas próprias, é aí que mora o perigo. Porque eu com a minha fé, quanto mais fé eu tenho mais diferença eu quero ver mar de coisas eu quero aprender, o mais eu quero escutar os outro, mais eu quero falar pra outros e aí a fé colocada do ponto de vista do cristianismo ela faz detrimento, ela faz julgamento, Então a fé cristã ela julga e infelizmente o julgamento gera estereótipos, gera juízo de valores, valores que não são compreendidos como saberes, e elas se julgam neutras, elas se julgam soberanas, existe um lugar só pra elas, esse lugar do céu, roupa só pra elas vestirem e na verdade tudo isso é fruto do patriarcado e do capital. É fruto de uma prisão que foi construída desde a nossa desde a colonialidade (Participante 04).

(...) Bom, a primeira análise que eu faço é perguntar da onde essas críticas vem. Elas partem de quem? Estão embasadas no que? Isso é tão importante para mim, principalmente pra gente desmontar os achismos relacionados ao conhecimento sobre feminismo. Posso até estar enganada, mas, vejo que muitas críticas ao feminismo se dão em razão da falta de conhecimento sobre o mesmo. Feminismo não é sobre mulheres serem melhores que os homens, como a gente ouve por aí... É sobre um mundo mais justo e igualitário para mulheres e, conseqüentemente, para homens também (Participante 03).

A Participante 04 afirma que, na verdade, as críticas não são críticas, mas sim um contra-ataque à visão de desconstrução do combate às opressões. Percebe-se que, ao descrever e analisar as críticas recebidas, elas fazem referência ao que foi denominado críticas do cotidiano, ou seja, comentários, falas e clichês oriundos do senso comum.

Outro argumento levantado, foi que o feminismo causa medo, pois, segundo a Participante 07, é difícil as pessoas admitirem que não são donas de si e que são levadas por uma organização que as aprisiona:

Acho que feminismo de modo geral causa muito medo né? (...) É um processo tão forte de auto conhecimento e de conhecimento da estrutura social da qual a gente é criado que é muito doloroso (...) é difícil as pessoas admitirem que não são donas de si, né? Que a gente é levada por uma estrutura, por uma organização social e histórica que nos aprisiona (...) (Participante 07).

Nessa assertiva, percebe-se a presença da argumentação pelo vínculo causal (PERELMAN, 2005), ou seja, as conseqüências de um fato valoram as suas causas. Dessa forma, ratifica-se a fala da Participante 07, pois, compreende-se que a estrutura patriarcal e machista que sustenta a discriminação, a violência e o silenciamento de mulheres, feministas ou não, mostra-se como uma teia que aprisiona os indivíduos e os mantém ligados a um sistema de repetições de padrões violentos.

Ao final da dinâmica proposta às Participantes, verificou-se que estas aceitaram a provocação da autoavaliação e responderam ao item com tranquilidade descrevendo suas angústias com os aspectos negativos e certo contentamento com os aspectos positivos.

3. PROVOCAÇÃO E ANÁLISE.

Nesta seção, serão apresentados os dados coletados e as análises desenvolvidas na terceira e quarta fase das entrevistas realizadas com as participantes da pesquisa. Denominadas, respectivamente, Fase de Provação e Fase de Análise. As entrevistas/provações foram realizadas em novembro de 2022 e, a última fase dos procedimentos metodológicos, denominada Análise, ocorreu em fevereiro de 2023, nas quais as participantes foram convidadas à leitura/releitura e à análise do texto produzido a partir de suas falas.

As entrevistas, em ambas as etapas, ocorreram na modalidade virtual seguindo a trajetória já percorrida na segunda fase, quando ocorrera a primeira entrevista. Foram encaminhadas mensagens de texto via WhatsApp e E-mail para as participantes esclarecendo-se e justificando-se as características das atividades propostas, além de sugerir encontros presenciais ou virtuais. Entretanto, todas optaram pela modalidade virtual.

As provocações foram elaboradas e direcionadas individualmente, de forma personalizada, com o objetivo de possibilitar uma autoavaliação das participantes em face das críticas recebidas e percepções delas sobre os argumentos apresentados na segunda fase do estudo. As atividades da terceira fase possuíam um breve texto sobre o tema central do estudo qual seja, práxis educativa e uma imagem/charge extraída dos canais virtuais: Instagram Facebook e sites de busca, contendo críticas direcionadas à atuação feminista.

Já, a quarta fase caracterizou-se pelo envio às participantes, por meio de canais virtuais, do texto elaborado pela pesquisadora com base no material coletado. E, além deste, foi encaminhado também as falas por elas produzidas informando a identificação de cada uma delas na elaboração do texto. O objetivo desta fase foi de possibilitar a leitura, reflexão e debate das Participantes com a pesquisadora, ratificando ou corrigindo ideias e argumentos levantados.

É importante ressaltar que para a análise dos dados coletados, na terceira e quarta fase, lançou-se mão novamente da análise temática e, guiado pela hermenêutica, buscou-se organizar as entrevistas por temas, a fim de compreender as narrativas apresentadas pelas Participantes. Esta subseção divide-se em 03 (três) itens. Primeiro, Antecedentes das Provações; segundo, Respostas às Provações e, por último, Releitura das Produções (Análise das Produções).

3.1 ANTECEDENTES DAS PROVOCAÇÕES

Desde as primeiras entrevistas, realizadas em maio de 2022, até a última ocorrida em fevereiro de 2023, oito meses se passaram o que se considera um lapso temporal significativo para a pesquisa. Por esse motivo, buscou-se estabelecer contato com as participantes com o objetivo de manter “vivo” o envolvimento delas com o presente estudo. No dia 27 de junho de 2022, ocorrera a qualificação, assim, foi encaminhado convite para todas as participantes, a fim de que pudessem participar e acompanhar esta etapa da pesquisa.

Além disso, com vistas a não perder o vínculo com as participantes manteve-se contato virtual com elas, apresentando informações relativas à pesquisa e ações desenvolvidas pela pesquisadora. Em 10 de agosto de 2022, foram encaminhadas mensagens apresentando brevemente algumas alterações que o texto tinha sofrido, em face das observações estabelecidas pela banca de qualificação e foi explicado que as alterações não atingiam a essência do estudo e suas categorias de análise.

Em 08 de setembro de 2022, encaminhou-se para todas as Participantes, via WhatsApp, o projeto desenvolvido pela pesquisadora com adolescentes, com idade entre quinze e dezoito anos, com o tema: “Namoro e violência, enfrentamento à violência contra mulheres na adolescência”. Explicou-se que tal projeto, embora não tenha ligação direta com os procedimentos da pesquisa, foi pensado e executado, no ambiente de trabalho da própria pesquisadora, inspirado nas ações por elas desenvolvidas. Nessa ocasião, uma das participantes, chamada Participante 02, respondeu demonstrando contentamento ao afirmar. *“Que maravilha. Amei. Eles precisam tanto disso”*. Em treze de outubro de 2022, foi encaminhado texto, via WhatsApp e E-mail, informando as características da terceira fase, denominada fase de provocação, onde explicou-se como aconteceria essa etapa do estudo, a qual veio a ocorrer, em novembro de 2022.

É oportuno ressaltar, por último, que a comunicação com as Participantes ocorreu porque se buscou manter, como elemento da Formativapesquisa (CARIACÁS, 2011), uma ligação e envolvimento com as participantes. No entanto, para os diálogos acima descritos não foi solicitado respostas ou comentários vinculados às entrevistas. Dessa forma, depreende-se que a confiança é um elemento indispensável no processo dialógico que se busca construir (FREIRE, 2018), por isso, o esforço de manter as participantes ligadas ao processo que integra todas as etapas do estudo.

3.2 RESPOSTAS ÀS PROVOCAÇÕES

Sobre a terceira fase dos procedimentos metodológicos do estudo, denominada de Provação, foi realizado novo encontro com as participantes e, com base nas informações coletadas na segunda fase e no aporte teórico, foram apresentadas provocações reflexivas utilizando-se o recurso criativos das charges e breve texto sobre a temática abordada. As provocações foram elaboradas sempre relacionando a narrativa anteriormente apresentada ao referencial utilizado. Esta fase objetivou provocar possível deslocamento de consciência das envolvidas no estudo e revisão - ou não - dos argumentos apresentados inicialmente.

Na fase de provocações, buscou-se possibilitar às colaboradoras uma reflexão sobre suas práxis, tendo como ponto de partida as narrativas e argumentos apresentados na primeira entrevista. Com intuito de definir o conceito de provação, tomou-se emprestado da Psicologia a sua definição, qual seja: provação, ativação de uma impulsão por circunstâncias internas ou externas ou, mais usualmente, pela combinação das duas (CHAPLIN, 1981).

De forma que, no presente estudo, utilizou-se a ideia de provação como um elemento da lógica da experiência hermenêutica, lógica de perguntas e respostas (GADAMER, 1999). Transitando entre os saberes, baseou-se também na filosofia, visto que, inspirado na dialética socrática³, por meio de questionamentos direcionados, baseado em perguntas e ideias visou-se provocar uma reflexão sobre o que as participantes haviam afirmado anteriormente e a possibilidade de repensar sobre suas narrativas.

Urge destacar que, com o objetivo de se manter um diálogo interpretativo com as participantes do estudo, lançou-se mão da fusão de horizontes com fundamento em Gadamer. Portanto, partiu-se da compreensão de horizontes como um conjunto de experiências e conhecimentos adquiridos por meio da linguagem que possibilita ao indivíduo uma leitura e perspectiva sobre determinada realidade (GADAMER, 1999). Segundo o referido autor, o horizonte não é fixo, ele está constantemente mudando e se modificando por um processo de expansão. Desse modo, a perspectiva de mundo do indivíduo é fundamental no processo de compreensão de outras perspectivas.

Sendo assim, compreende-se a fusão de horizontes como possibilidade de entendimento das narrativas das Participantes da pesquisa, utilizando o diálogo para um

³ Platão em *Fedón* apresenta os diálogos socráticos, descreve as falas de Sócrates, nas quais se procurou apoiar para identificar a dialética socrática e a ideia de provação no diálogo (PLATÃO, 1983).

engajamento e fusão das ideias previamente adquiridas pela pesquisadora com as ideias apresentadas pelas mulheres participantes do estudo.

As entrevistas desta fase ocorreram na modalidade virtual (via WhatsApp), pois, após dialogar com as participantes, elas optaram por permanecer na modalidade virtual. Todas as entrevistas foram realizadas, em novembro de 2022, tiveram uma duração média de 30 (trinta) minutos e todas foram transcritas para posterior análise.

Ao se elaborar as provocações procurou-se, *a priori*, permitir que elas livremente pensassem e repensassem suas práxis utilizando a autoavaliação/autocrítica como instrumento para possibilitar uma reflexão. A ausência de 03 (três) participantes nesta fase pode ser atribuída ao processo eleitoral no cenário nacional, visto que algumas delas têm envolvimento com partidos políticos e campanhas eleitorais locais e nacionais. Destaca-se, ainda, que houve diálogo com todas as Participantes, prestando-se o devido esclarecimento sobre o procedimento metodológico e que todas responderam afirmativamente sobre a participação, mas apenas 04 (quatro) enviaram respostas às provocações.

As atividades propostas apresentaram, inicialmente, breve texto a fim de possibilitar a compreensão da práxis feminista como espaço de reflexões, debates e transformações, tanto no campo da militância, entendida como toda e qualquer ação que se desenvolva para difusão do pensamento feminista (TEIXEIRA; FERREIRA, 2010), quanto em atuações específicas e inserções sociais de apoio e amparo às mulheres, possibilitando um processo educativo, fora do ambiente escolar, valorizando saberes populares e aproximando-se da educação como prática para liberdade (FREIRE, 1987).

Nesse sentido, foi possível identificar, nas entrevistas realizadas na segunda fase dos procedimentos metodológicos, que as atuações/inserções e suas didáticas aplicadas apresentam os seguintes caminhos: Atividades educativas e informativas e assistência material com doação de alimentos, roupas e outros bens de consumo.

Nas narrativas, foram percebidos dois caminhos percorridos na execução das ações: a redução de danos que visa atender as necessidades mais urgentes, por exemplo, acesso à alimentação e vestimenta, redução da violência doméstica e apoio psicológico e material para os anos iniciais da maternidade. E, também, processos educativos não formais⁴ decorrentes das intervenções com reflexão e ação das participantes junto à comunidade, além das

⁴ A educação não formal é uma área que o senso comum e a mídia usualmente não veem e não tratam como educação porque não são processos escolarizáveis. A educação não formal designa um processo com várias dimensões tais como: (...) a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas coletivos cotidianos (...) (GONH, 2009, p. 40).

inserções por meio da docência, em ambientes escolares.

Além disso, propôs-se a análise de uma figura (Charge) que direcionou críticas aos feminismos, onde se objetivou, com tal atividade, uma reflexão sobre a atuação das Participantes nas diversas inserções apresentadas na pesquisa. É interessante observar as falas das Participantes perante essas críticas, as quais serão postas a seguir.

Desse modo, destaca-se a análise apresentada pela Participante 01, ao ser questionada sobre o caráter assistencial do projeto Periferia em Ação, no qual ela atua. Na primeira provocação, foi solicitado que ela refletisse sobre ideia de práxis educativa feminista como espaço de transformação social comparando com sua atuação e argumentos que apresentou na primeira entrevista. Sua resposta foi a seguinte:

Como sabemos a educação ela não está tão acessível pra todos na periferia infelizmente ela ainda não está e quando eu falo que não está acessível não estou falando a criança não está na escola não mas aqueles pais que não tiveram oportunidade de estar numa escola numa instituição de ensino pelo fato que ele tinha que escolher entre ir pra escola ir trabalhar e é importante lembrar que muitos advindo os daqui de Macapá eles vieram da roça dos interiores eles cresceram né nessa luta com os pais deles na época então os pais sempre quer o melhor pros filhos então a gente prioriza a educação dos filhos e continuar nesse trabalho o papel justamente da entrada da periferia em ação que é meu projeto social em trabalhar justamente essa contrapartida e levar informação enquanto fala (Participante 01).

É possível perceber, portanto, na análise apresentada pela Participante 01, que ela observa a dificuldade de acesso à educação para pessoas que moram nas periferias. Ela relata, também, que o papel do seu projeto social é levar informações para estas famílias. Nesse sentido, sua análise ocorreu sobre a importância das informações levadas às comunidades assistidas pelo projeto social, além de possibilitar nas pedagogias aplicadas uma reflexão dos sujeitos sobre as temáticas discutidas.

Conforme trechos extraídos da primeira entrevista, de falas da Participante 01: “*Eu faço roda, a gente conversa ali com as mães (...) trabalha danças culturais com as crianças e mulheres (...) aula de capoeira então a gente faz o trabalho de redutor de danos dentro da periferia pra tentar resgatar o máximo (...)*”. Compreende-se que, ao conceituar sua atuação como redutora de danos⁵, a participante percebe limites da sua atuação mas, mesmo assim, se propõe a desenvolver diálogos, oficinas e debates com o objetivo de levar informações relativas aos problemas que afetam as comunidades assistidas pelo seu projeto. Compreende-

⁵ Fornaziere ao interpelar Renato Janine Ribeiro, sobre a crise da esquerda, utiliza a ideia de redução de danos como uma política da esquerda visto que não pode ir além disto. Apresenta tal conceito como parte de uma crítica aos movimentos sociais (FORNAZIERE, MUANI, 2017, p. 27).

se que a entrega de informações e orientações sobre direitos e garantias é o elo entre a atuação e intervenção da colaboradora na comunidade e a dimensão educativa das referidas ações.

Segundo Merleau-Ponty, “a realidade não é uma aparência privilegiada que permaneceria sob as outras, ela é a armação de relações às quais todas as aparências satisfazem” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 400). Nesse sentido, percebe-se, na narrativa ora analisada, que ao descrever a atuação do projeto social *Periferia em Ação*, cujas ações visam uma transformação social nas comunidades economicamente vulneráveis, a participante faz um recorte de uma realidade que compõe a percepção dela enquanto sujeito atuante naquela comunidade sobre o que se apresenta.

Ademais, observam-se diferentes posicionamentos na primeira entrevista e na segunda entrevista. Naquela, a Participante demonstrou envolvimento e empolgação na narração de sua atuação, porém, nesta etapa de autoavaliação, percebe-se que sua fala permanece direcionada à descrição de suas atividades e importância das ações desenvolvidas sem aprofundar o refletir/repensar sua práxis.

Sobre o segundo questionamento, que remete aos aspectos negativos por ela apresentados na primeira entrevista, qual seja: a crítica recebida da sociedade “que afirma que vocês defendem bandidos”. Foi solicitado, então, que, ao observar a imagem comparando-a com as críticas recebidas, ela refletisse se havia união, sororidade, ou seja, enfrentamento em conjunto (no movimento feminista que compõe seu ideário) frente às críticas recebidas. A sua resposta foi a seguinte:

Quando você tem um termo voltado a vocês defendem bandidos é porque existe um projeto que está levando informação e essa formação/informação está sendo trabalhada da periferia, e a partir do momento que ela trabalha atendendo a periferia, a classe baixa começa a produzir falas ela começa a produzir defesa e digamos que uma classe média alta não quer essa defesa principalmente as grandes fortunas (...) elas não querem essa informação ali dentro da periferia (Participante 01).

Dessa maneira, se pode perceber, em sua fala, que as críticas recebidas são compreendidas como uma resposta negativa da sociedade, especialmente das classes economicamente privilegiadas, ao trabalho de orientação e informação por elas desenvolvidos nas periferias da cidade.

Nessa perspectiva, a Participante 01 reafirma sua narrativa na primeira entrevista realizada, quando afirmou que “*lida normalmente com as críticas recebidas*”, porém, apresenta certa contradição ao utilizar o argumento causal (PERELMAN, 2005), afirmando, na primeira entrevista, que a falta de informação provoca as críticas e, na segunda entrevista,

afirma que acredita que a classe média alta não quer informação sendo ofertada “*ali dentro da periferia*”, o que pressupõe informação e articulação daqueles que lançam as críticas.

No momento em que foi apresentada a charge como recurso didático para reflexão das participantes, buscou-se aproximar de um jogo pelo qual, sem a pretensão de uma descrição de regras e estéticas da atividade, possibilitasse uma análise da experiência e percepções das participantes. Assim, o jogo como fio condutor da explicação (GADAMER, 1999). A seguir será apresentada a atividade de provocação encaminhada para a Participante 01:

Figura 1 - Atividade 3ª Fase - Provocação

PROPOSTA DE ATIVIDADES PARA FASE DA PROVOCÇÃO

(colaboradora 01)

A atividade será encaminhada individualmente a cada uma das colaboradoras as quais serão identificadas pela numeração atribuída na segunda fase do procedimento metodológico.

3º fase / Provocações

1º neste bloco serão apresentadas, com base no aporte teórico e nas narrativas obtidas com as entrevistas realizadas na segunda fase do procedimento metodológico, questionamentos sobre a atuação das colaboradoras e a práxis educativa feminista sobre os quais elas poderão refletir e opinar livremente:

a). Partirmos da compreensão de práxis feminista como espaço de reflexões, debates e transformações tanto no campo da militância, entendida como toda e qualquer ação que se desenvolva para difusão do pensamento feminista (TEIXEIRA; FERREIRA, 2010) quanto em atuações específicas e inserções sociais de apoio e amparo a mulheres possibilitando um processo educativo, fora do ambiente escolar, valorizando saberes populares e aproximando-se da educação como prática para liberdade (FREIRE, 1987). Neste sentido foi possível identificar nas entrevistas realizadas que as atuações/inserções e suas didáticas aplicadas apresentam os seguintes caminhos: Atividades educativas e informativas e assistência material com doação de alimentos, roupas e outros bens de consumo. Nas narrativas percebemos dois caminhos percorridos na execução das ações : a redução de danos que visa atender necessidades mais urgentes, por exemplo acesso a alimentação e vestimentas, redução da violência doméstica e apoio psicológico e material para os anos iniciais da maternidade. E a práxis educativa que visa informar os grupos assistidos sobre temas específicos tais como violência contra mulheres, filosofia feminista, maternidade, discriminação racial e de gênero, autocuidado entre outros utilizando a afetividade como instrumento para sensibilização dos sujeitos envolvidos.

1. Na entrevista realizada foi possível identificar em sua narrativa que as ações desenvolvidas têm um caráter assistencialista e visa reduzir os danos abordados. A partir da ideia de práxis educativa feminista como espaço de transformação social e individual analise se sua atuação efetiva uma práxis educativa com teoria/reflexão e ação.

2. Na narrativa apresentada na entrevista você destacou como aspecto negativos de sua atuação as críticas recebidas da sociedade “ que afirma que vocês defendem bandidos”. Com base na imagem e em sua afirmativa você considera que há união , sororidade e enfrentamento em conjunto (no movimento feminista) frente as críticas recebidas?

Fonte: Autora da Pesquisa.

Ao interpelar a Participante 02 sobre a afirmativa apresentada, na primeira entrevista,

de que uma das dificuldades enfrentadas em sua atuação são as “intercorrências internas no movimento, os conflitos e lidar com as diferenças” e se estes conflitos representam uma fragilidade do feminismo, ela afirmou: “*acredito que os conflitos não demonstram a fragilidade, mas sim a pluralidade de vertentes e pensamentos, bem como a possibilidade de discutir e divergir internamente*”. Identifica-se em sua fala, ao apontar possibilidade de discutir/divergir internamente, a reafirmação dos argumentos apontados na primeira entrevista. Nesse aspecto, seu posicionamento se aproxima da Participante 01, que afirma lidar normalmente com as críticas recebidas.

Entende-se que a referida participante analisa com otimismo a provocação da suposta fragilidade em seu grupo, haja vista que o sentido perceptivo representa o ponto de vista atual do observador sobre ele (MERLEAU-PONTY, 1999). Percebe-se, na análise da percepção dela, que as diferenças de pensamento podem ser aspecto positivo, vez que provocam reflexão. E, nesse sentido, concorda-se com sua argumentação, pois, também se compreende as diferentes opiniões e posicionamentos como processo normal inerente às atividades sociais.

Além do que, a práxis aqui ocorre, também, nesta possibilidade de discutir e divergir internamente, como apresentado pela colaboradora, visto que a reflexão interna que ocorre, a partir das divergências, podem indicar um processo contínuo de amadurecimento das ideias do grupo. O ato reflexivo é uma característica humana na permanente atividade de criar/recriar e transformar (FREIRE, 1987). Em Langnor, compreende-se que as categorias gênero, sexo e raça são construídas e delimitadas historicamente, por isso, entende-se que críticas , internas e externas, fazem parte deste processo de construção e desconstrução (LANGNOR; LISBOA, 2016).

Outro questionamento, lançado à Participante 02 foi: “Quando as críticas e diferenças ocorrem dentro do próprio movimento partindo de sujeitos que conhecem o feminismo e sua história, como você pode avaliar a postura de mulheres, que mesmo conhecedoras da história do feminismo, tecem críticas a este?”. A resposta foi a seguinte:

Me pergunto se essa pessoa realmente entende o que é o movimento, se se dá conta do que abrange e das possíveis consequências. Penso que a crítica muitas vezes parte de desentendimentos e ocorrências particulares que não deveriam invalidar o movimento como um todo. Por exemplo, quando dizem que não no Brasil há leis específicas que punam mulheres que agridem homens, então me pergunto qual seria a necessidade disso e se essa pessoa tem em mente as estatísticas ou se fala a partir de um caso específico que na verdade teria como ser amparado (Participante 02).

A Participante 02 afirmou que a crítica muitas vezes parte dos desentendimentos e ocorrências particulares que não deveriam invalidar o movimento como um todo. Tiburi (2018) assevera que a autocrítica do feminismo o salva de modismos. Ao questionar a ordem

dada como natural e não se submeter à lógica mercadológica sofre severas críticas e, nesse contexto, percebe-se que, embora cause desconforto, as críticas provocam também reflexões, ajustes e mudanças. Percebe-se, em sua fala, um movimento que visa desqualificar os fundamentos das críticas, ao questionar se o indivíduo que lança críticas conhece a abrangência e as consequências do movimento.

Ao se elaborar essa provocação, pautou-se nos conflitos internos e nas intercorrências que a Participante, na primeira entrevista, alegou ocorrer no interior do grupo ao qual ela estava ligada. Parte das críticas direcionadas aos movimentos identitários alegam fragmentação dos movimentos sociais e ausência de uma referência unitária (FORNAZIERE, MUANIS, 2017).

Observa-se, na análise elaborada pela Participante 02, certa tranquilidade em atender à provocação, pois ela se propõe a repensar as críticas recebidas e as críticas que ocorrem dentro do projeto social, como parte de um processo de transformação das ideias e não de invalidação do projeto. Embora demonstre insatisfação com parte das críticas e questione os fundamentos destas. Nesse quesito, a avaliação dela se aproxima da Participante 01, pois ambas identificam aspectos externos que influenciam os grupos que as criticam e afirmam ser um problema de ordem social de manutenção de privilégios.

Nesse viés, as falas são notadamente convergentes com os argumentos anteriormente apresentados, pois compreendem as críticas como resultantes de uma sociedade patriarcal e machista, utilizando também do argumento causal (PERELMAN, 2005), que apontam as críticas como decorrentes de uma realidade social que não aceita a igualdade de gênero.

Figura 2 - Atividade - Fase da Provocação

PROPOSTA DE ATIVIDADES PARA FASE DA PROVOCAÇÃO

(colaboradora 02)

A atividade será encaminhada individualmente a cada uma das colaboradoras as quais serão identificadas pela numeração atribuída na segunda fase do procedimento metodológico.

3º fase / Provocações

1º neste bloco serão apresentadas, com base no aporte teórico e nas narrativas obtidas com as entrevistas realizadas na segunda fase do procedimento metodológico, questionamentos sobre a atuação das colaboradoras e as críticas direcionadas ao feminismo sobre os quais elas poderão refletir e opinar livremente.

Tiburi nos apresenta o feminismo como desejo por democracia radical voltada à luta por direitos daqueles/daquelas que padecem sob injustiças que foram armadas sistematicamente pelo patriarcado. O feminismo enquanto movimento social organizado e sistematizado surgiu aproximadamente em meados do século XIX e já apresentava aspectos plurais e acenava para diversidade de feminismos que futuramente abarcariam diferentes grupos de mulheres e suas especificidades dando origem as vertentes do feminismo e experimentando conflitos e tensões internas que muitas vezes são utilizados pelos críticos do feminismo como argumento para demonstrar “fragilidades” do movimento feminista.

a) Na primeira entrevista concedida você afirmou que uma das dificuldades enfrentadas em sua atuação são as “intercorrências internas no movimento, os conflitos e lidar com as diferenças”, seriam estes conflitos uma fragilidade do feminismo conforme texto acima?

b. Quando as críticas e diferenças ocorrem dentro do próprio movimento partindo de sujeitos que conhecem o feminismo e sua história, como você pode avaliar a postura de mulheres que mesmo conhecedoras da história do feminismo tecem críticas a este.



(fonte) <https://minilua.net/essas-charges-controversas-revelam-o-que-voce-realmente-esta-dizendo-quando-afirma-que-apoia-igualdade-de-genero-mas-nao-o-feminismo>

Fonte: Autora da Pesquisa.

Acima foi apresentada a atividade proposta a participante 02 e as análises por ela desenvolvidas.

No que se refere às atividades pedagógicas, quando questionada sobre quais as didáticas utilizadas em sala de aula e a práxis educativa, a Participante 03 afirmou que faz a “revisão do planejamento e do currículo, debates e seminários sobre o tema em sala de aula”; entretanto, ela também demonstra insegurança quanto ao resultado ou não de sua atuação, como se observa a seguir:

(...) Sendo sincera, acredito que, nem sempre, essa práxis aconteça da forma que eu imagino, ou espero das minhas turmas. Penso que tudo depende do contexto, da condução e da resposta dos estudantes daquele momento. Entretanto, de um modo geral, as trocas têm sido bem significativas, principalmente se levarmos em consideração o público alvo em questão (Participante 03).

Vê-se que a Participante 03 afirma que nem sempre o resultado acontece da forma que imaginou, porque depende do contexto e da condução das atividades propostas, bem como das respostas dos estudantes. Aqui, é identificada uma reafirmação das ideias apresentadas na primeira entrevista, qual seja: “A educação emancipadora e crítica é o único meio que nos tira da nossa própria alienação. Nos faz ver e questionar as injustiças, a desigualdade, e esses são um dos pontos positivos” (Participante 03).

É importante elucidar que a práxis educativa em Freire (1987) funda-se na criatividade, no diálogo, na reflexão e na conscientização dos sujeitos sobre a sua realidade, ao refletir e questionar-se sobre suas ações e resultados delas. A participante demonstrou desenvolver em sala de aula o seu papel, nesse processo educativo.

Percebe-se, portanto, na narrativa da colaboradora que ao planejar, elaborar e

executar as atividades pedagógicas cria-se expectativa de resultado sobre a posição dos estudantes em face ao que foi proposto, mas, ao mesmo tempo, ela compreende que nem sempre o resultado efetivará uma práxis educativa. Compreende-se tal reflexão como uma autocrítica sobre suas didáticas e o processo educativo em sala de aula. Observa-se que a participante consegue fazer o exercício proposto de pensar /repensar sua atuação.

Quanto às críticas e diferenças que ocorrem dentro do próprio movimento partindo de sujeitos que conhecem o feminismo e sua história, foi questionado como a participante avalia os resultados de suas inserções e pedagogia aplicada em face das críticas recebidas e, em seguida, se propôs que, ao desenvolver sua análise, observasse a imagem a fim de compreender as críticas direcionadas a sua atuação. Sua resposta foi no seguinte sentido:

Bem, primeiro a gente precisa delimitar em que se fundamentam essas críticas. Para mim, existem críticas e críticas, e uma das coisas que eu considero é de onde e de quem essas críticas partem, já que todo discurso possui uma origem. (...)penso que, quando as críticas não são fundamentadas na realidade, e não apontam um horizonte de melhora, de contribuição, elas só servem para causar confusão e dispersarem o foco que é uma sociedade mais justa, no que diz respeito ao equilíbrio de gênero. Em minhas aulas, procuro trazer aos estudantes um debate que reforce essa ideia, da equidade de gênero e dos direitos assegurados das mulheres, sempre “quebrando” essa ideia de que o feminismo quer, por exemplo, “mulheres acima de homens”, como o senso comum (e a extrema direita) propagam, mas sim reafirmando que uma sociedade justa colabora para a melhora de todos os sujeitos (Participante 03).

Verifica-se um ponto de aproximação entre as falas da Participante 02 e a Participante 03, pois ambas, em suas narrativas, buscam desqualificar as críticas, afirmando que estas não se fundamentam na realidade e não apontam horizontes de melhorias e, neste caso só provocam confusão. Além disso, a Participante 03 afirmou que primeiro é preciso delimitar em que contexto acontecem as críticas. Segundo ela, quando as críticas não são fundamentadas na realidade não apontam um horizonte de melhoras de contribuição e só servem para causar confusão e dispersarem o foco que é uma sociedade mais justa, no que diz respeito ao equilíbrio de gênero.

Portanto, a Participante 03 não identifica aspectos positivos nestas críticas. Dessa forma, identifica-se certa contradição em suas narrativas, visto que os argumentos apresentados, na primeira entrevista, afirmam que a educação emancipadora e crítica é um meio de retirar o indivíduo da alienação, possibilitando ver e questionar as injustiças sociais, mas, ao mesmo tempo, não compreende as críticas recebidas como possibilidade de uma atividade dialógica e reflexiva.

A seguir será apresentada a atividade proposta a esta colaboradora, Participante 03:

Figura 3 - Atividade - Fase da Provocação

PROPOSTA DE ATIVIDADES PARA FASE DA PROVOCAÇÃO

(colaboradora 03)

A atividade será encaminhada individualmente a cada uma das colaboradoras as quais serão identificadas pela numeração atribuída na segunda fase do procedimento metodológico.

3º fase / Provocações

1º neste bloco serão apresentadas, com base no aporte teórico e nas narrativas obtidas com as entrevistas realizadas na segunda fase do procedimento metodológico, questionamentos sobre a atuação das colaboradoras e as didáticas aplicadas nas inserções sociais, sobre os quais elas poderão refletir e opinar livremente:

Breve texto sobre o tema . "Questionar os ideais nos quais acreditamos,(...),serve para nos situar no mundo... perguntar se praticamos o feminismo como uma crença ou se ele é um instrumento de transformação da sociedade muda tudo" (TIBURI,2018). Podemos compreender a autocrítica como componente da reflexão consciente presente na práxis. Assim a práxis pedagógica feminista adotada possibilita um processo educativo, fora do ambiente escolar, valorizando saberes populares e aproximando-se da educação como prática para liberdade (FREIRE, 1987). Neste sentido a práxis feminista caracteriza-se como processo consciente reflexivo e transformador.

a. Na entrevista narrativa concedida você apontou como atividades pedagógicas " revisão do planejamento e do currículo, debates e seminários sobre o tema em sala de aula"; A partir da leitura do texto acima você considera que ocorre efetivamente a práxis educativa nas inserções por você desenvolvidas?

b. Quando as críticas e diferenças ocorrem dentro do próprio movimento partindo de sujeitos que conhecem o feminismo e sua história, como você pode avaliar os resultados de suas inserções e pedagogia aplicada em face das críticas recebidas, observe a imagem.

(fonte)<https://www.nsetotal.com.br/noticias/charge-do-ze-dasilva-dia-da-mulher>



Fonte: Autora da Pesquisa.

Foi proposta à Participante 07 uma reflexão sobre a ideia de práxis educativa feminista como espaço de transformação social e individual. Além disso, foi sugerido uma análise da práxis educativa em sua atuação, considerando aspectos percebidos, na primeira entrevista, que demonstram caráter de assistência psicológica de sua atuação. Sua resposta foi a seguinte:

Como eu te expliquei, a minha atuação e a atuação da FREA em si durante o período da pandemia foi um atendimento de suporte, apoio, acompanhamento (...) esse ano de dois mil e vinte e um a gente teve um pouco de dificuldade de dar conta dos nossos planos né? De conseguir efetivar os nossos planos porque foi um ano de retomada de trabalho, de estudos então as coisas ficaram um pouco complicadas pra gente. Mas a gente tem como premissa trabalhar na comunidade. Trabalhar com essas mulheres e criar grupos, criar ações, criar trabalhos, ações em conjunto que visem uma reflexão que usem uma ação. Que promovam uma ação. Eu não saberia te dizer se nesse momento e o trabalho que até então a FREA fez enquanto coletivo que atua na área da violência domésticas e a gente de fato conseguiu uma transformação social e individual. A nossa ideia é que sim (...) Que os nossos atendimentos, que as nossas intervenções, que o cuidado que a gente pode proporcionar nesse período de atuação tenha modificado a vida dessas mulheres de alguma forma mas acho que como conceito, como estrutura de trabalho, como concepção de de atuação a nossa práxis é sim educativa porque a gente tem essa base teórica que nos faz entender que a ação social, que a construção coletiva que o estar com as outras pessoas pensando as nossas realidades. é isso que nos que nos baseia, que nos norteia. Essas concepções

e isso está alicerçado em teoria e concepções teóricas. E a gente quer com o nosso trabalho promover sim a reflexão e a ação dessas pessoas. Mas eu não consigo, eu estaria sendo até talvez ingênua se eu te desse certeza de que a gente conseguiu chegar, até então, nosso trabalho é de fato numa práxis educativa (...) (Participante 07).

Lança-se mão, nesse ponto, de Gadamer. Este afirma que a linguagem apresentada carrega sua própria verdade, ou seja, revela, transparece algo que desde o momento é (GARCÍA-BARÓ, 2015). Dessa forma, verifica-se, a partir da fala da Participante 07, que há uma dimensão educativa nas ações de apoio às mulheres vítimas de violência, embora, durante certo período de 2021, elas não tenham conseguido desenvolver ações presenciais em razão da Pandemia da COVID-19.

Observa-se, na reflexão da referida participante que, embora ela não consiga apresentar de forma precisa as transformações ocorridas nas vidas das mulheres assistidas pelo projeto FREA, ela afirma com segurança que os atendimentos, as intervenções e o cuidado proporcionado, nesse período de atuação, tenha modificado de alguma forma a vida das mulheres assistidas.

Também foi apresentado para Participante 07 o segundo questionamento, a saber: “Na narrativa apresentada na entrevista, você destacou como aspectos negativos de sua atuação o seguinte fato; ‘aparente agressividade nos posicionamentos, às vezes, assusta as pessoas...’, além deste, apontou a interdependência entre os fatos (objeto das inserções) como aspecto que dificulta as ações. Com base na imagem e em sua afirmativa você considera que há união, sororidade e enfrentamento em conjunto (no movimento feminista) frente às críticas recebidas?” Sua resposta foi na seguinte direção:

(...) movimento feminista ele é muito amplo. Ele tem várias frentes, digamos assim, de batalha. E existem várias concepções de feminismo eu penso que a união no sentido de que por mais que as linhas de pensamento, as estruturas de intervenção, os modos de ação sejam distintos entre cada linha. Cada grupo que compõe o feminismo eu penso que todos eles querem que a mulher tenha que sair desse lugar de subjugação. Sair desse lugar de objeto que tenha de fato um protagonismo social e que consiga ter seus direitos respeitados e possa de fato como sujeito. Acho que nesse sentido eu acho que sim sororidade eu penso que é um conceito muito complicado que no sentido de que se a gente for assim de modo bem rasteiro (...)a gente se une, como eu falei ainda agora, pelo objetivo. Mas diverge pela na forma. No entendimento de como a gente deve se posicionar. Eu penso por exemplo que eu tenho uma tendência (...) interseccional. Mas às vezes eu me identifico com algumas linhas do do feminismo radical. Entendo o posicionamento delas. Mas talvez elas julguem mas a gente que não é (...) E não há essa questão de sororidade entre todas as mulheres porque mulher é parceira. Saíndo um pouco mais essa questão do feminismo porque e trazendo mais para questão do contexto das mulheres em geral. Toda mulher é feminista. E as feministas precisam, a gente tem um pouco mais de alerta pra essas mulheres que não são feministas ou que tem ainda um posicionamento meio dúbio, né e aí não dá para respeitar, não dá para pegar na mão e dizer vamos caminhar juntas porque os valores e a forma de chegar o mundo de fato muito e às vezes até totalmente. Mas, eu acho

que enquanto o movimento... eu acho que a gente consegue sabe? Seguir juntas, respeitando as diferenças e as especificidades, né? pra você se sentir mais humano (...) Mas dentro da minha atuação eu ando com mulheres dentro do meu grupo ...
Dentro da freia e junto com as minhas amigas nós temos similaridades muito fortes (...) (Participante 07).

No que diz respeito à sororidade, esta demonstra uma contradição, uma vez que, ao mesmo tempo que afirma “*toda mulher é feminista*”, ela entende que nem todas as mulheres assumem os mesmos valores, que as formas de encarar o mundo são diferentes e, por isso, nem sempre vão caminhar juntas nas lutas sociais, políticas e econômicas, mas, enquanto movimento de mulheres e movimento para mulheres, conseguem seguir juntas respeitando as diferenças e especificidades.

E, ao destacar que “*enquanto movimento... eu acho que a gente consegue seguir juntas, respeitando as diferenças e as especificidades*”, ela reafirma sua fala apresentada, na primeira entrevista, na qual apresenta as diferenças, como uma força de crescimento e uma potência de transformação via processos educativos. “Você entender o movimento de cada um (...) Que você não consegue fazer nada sozinho (...) Isso aí te dá um limite, mas também te dá uma potência ao mesmo tempo” (Participante 07). Dessa forma, o feminismo presente em suas ações visa uma justiça social e democracia que quebre a força das injustiças armadas sistematicamente pelo patriarcado (TIBURI, 2018).

Segue abaixo a atividade de provocação encaminhada à participante 07:

Figura 2 - Fase de Provocação – Imagem (Charge) – Participante 07

**PROPOSTA DE ATIVIDADES PARA FASE DA PROVOCAÇÃO
(colaboradora 07)**

A atividade será encaminhada individualmente a cada uma das colaboradoras as quais serão identificadas pela numeração atribuída na segunda fase do procedimento metodológico.

3º fase / Provocações

1º neste bloco serão apresentadas, com base no aporte teórico e nas narrativas obtidas com as entrevistas realizadas na segunda fase do procedimento metodológico, questionamentos sobre a atuação das colaboradoras e a práxis educativa feminista sobre os quais elas poderão refletir e opinar livremente:

a). Partirmos da compreensão de práxis feminista como espaço de reflexões, debates e transformações tanto no campo da militância, entendida como toda e qualquer ação que se desenvolva para difusão do pensamento feminista (TEIXEIRA; FERREIRA, 2010) quanto em atuações específicas e inserções sociais de apoio e amparo a mulheres possibilitando um processo educativo, fora do ambiente escolar, valorizando saberes populares e aproximando-se da educação como prática para liberdade (FREIRE, 1987). Neste sentido foi possível identificar nas entrevistas realizadas que as atuações/inserções e suas didáticas aplicadas apresentam os seguintes caminhos: Atividades educativas e informativas e assistência material com doação de alimentos, roupas e outros bens de consumo. Nas narrativas percebemos dois caminhos percorridos na execução das ações : a redução de danos que visa atender necessidades mais urgentes, por exemplo acesso a alimentação e vestimentas, redução da violência doméstica e apoio psicológico e material para os anos iniciais da maternidade. E a práxis educativa que visa informar os grupos assistidos sobre temas específicos tais como violência contra mulheres, filosofia feminista, maternidade, discriminação racial e de gênero, autocuidado entre outros utilizando a afetividade como instrumento para sensibilização dos sujeitos envolvidos.

1. Na entrevista realizada foi possível identificar em sua narrativa que as ações desenvolvidas têm um caráter assistência psicológica e visa reduzir os danos causados pela violência doméstica na vida das mulheres. A partir da ideia de práxis educativa feminista como espaço de transformação social e individual analise se sua atuação efetiva uma práxis educativa com teoria/reflexão e ação.

2. Na narrativa apresentada na entrevista você destacou como aspecto negativos de sua atuação o seguinte fato: “aparente agressividade nos posicionamentos, às vezes , assusta as pessoas...”além deste, apontou a interdependência entre os fatos (objeto das inserções) como aspecto que dificulta as ações . Com base na imagem e em sua afirmativa você considera que há união , sororidade e enfrentamento em conjunto (no movimento feminista) frente as críticas recebidas?



(fonte) <https://anecumeno.wordpress.com/2015/09/28/voce-e-feminista-ou-sabe-o-que-e-feminismo-faca-o-teste/>

Fonte: Autora da Pesquisa.

Conclui-se, esta etapa, observando que embora as colaboradoras não afirmem quantitativamente os resultados de suas ações/intervenções, o que é compreensível dada à subjetividade do tema. Contudo, é possível visualizar a amplitude das pautas levantadas e possibilidades de transformações nas vidas dos sujeitos participantes das ações por elas desenvolvidas.

Percebe-se que a autocrítica presente no movimento feminista apresenta-se como uma disposição para mudar de direção e é uma fonte de vitalidade essencial para qualquer processo de transformação (HOOKS, 2018). Nesse sentido, a autoavaliação proposta foi bem aceita pelas colaboradoras que analisaram as atividades sugeridas e responderam conforme seu entendimento.

Além disso, foi possível observar que o ideário de feminismo, que atravessa as participantes, carrega uma ideia de justiça social e igualdade de gênero. Ademais, percebe-se que as críticas direcionadas à atuação das participantes têm provocado reflexões que, em certa medida, contribuem para a compreensão e ampliação dos processos educativos por elas dirigidos.

Foi possível, também, identificar que a práxis educativa presente nas inserções das participantes não ocorre segundo os regramentos da educação formal ou a sistemática aplicada à pedagogia feminista, entendida como a união de proposições ativistas com teorias aplicadas e preocupações que normatizam a aplicação dessas teorias ao ensino (LAGNOR; LISBOA,

2016). Contudo, as ações desenvolvidas por elas tais como: rodas de conversa, oficinas de dança, seminários, palestras, atendimento terapêutico entre outros são realizadas a partir de pautas que levam em consideração o as demandas femininas e feministas. Percebe-se, por fim, que as participantes atuam como educadoras e o ideário feminista, que as orienta alimenta e impulsiona as inquietações, giram em torno do cuidado e afetividades direcionadas aos sujeitos receptores das ações, especialmente as mulheres.

3.3 RELEITURA DAS PROVOCAÇÕES

A quarta fase foi realizada, em fevereiro de 2023, com a finalidade de apontar as reformulações do ideário das feministas envolvidas na pesquisa. Por isso, foi encaminhado para as participantes o resumo do trabalho, a quarta seção, na qual consta a análise das entrevistas concedidas nas fases do estudo e a proposta de considerações finais, a fim de permitir que as participantes pudessem rever/reler as ideias e narrativas apresentadas, além de opinar sobre as análises desenvolvidas.

Dessa forma, foi enviado via WhatsApp e E-mail as orientações sobre a atividade proposta com o seguinte texto e esclarecimentos: Atividades de Análise e Reflexão desenvolvida como parte da proposta de estudo do Mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação-PPGED, Guiados pela Formativapesquisa. Também foi informado que as atividades poderiam ser resolvidas e encaminhadas à pesquisadora por E-mail ou WhatsApp (E-mail: florgranito@gmail.com).

Ademais, destacou-se que em virtude de já estar na última fase do presente estudo seria encaminhado o texto produzido a partir das entrevistas concedidas nas etapas anteriores, o qual integra a segunda e a terceira seção da dissertação, fruto desta pesquisa. Assim, as Participantes foram convidadas a opinar sobre as interpretações e reflexões realizadas pela pesquisadora, bem como rever/repensar seus posicionamentos e/ou destacar algum aspecto considerado relevante. Esclareceu-se, ainda, que, em cumprimento ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os nomes das participantes foram mantidos em sigilo e para garantir a identificação das participantes foi atribuído um número a cada uma delas.

Como sugestão para avaliação/reflexão, foram encaminhados os seguintes questionamentos: 1) Como você avalia sua atuação e os aspectos educativos desta em face das críticas recebidas?; e, 2) Como você avalia a análise desenvolvida pela pesquisadora sobre as

narrativas por você apresentadas nas fases anteriores? Esclareceu-se que os questionamentos apresentados serviriam como guia para análise. Entretanto, cada uma delas poderia discorrer livremente sobre suas percepções acerca do que foi apresentado.

Nessa etapa, somente 03 (três) participantes responderam, duas enviaram textos via WhatsApp e 01 (uma) enviou áudio também por meio do WhatsApp com duração aproximada de três minutos, o qual foi transcrito para análise. É preciso ressaltar que o material foi encaminhado a todas as participantes do estudo. Além do que, acredita-se que o espaço de tempo entre as entrevistas foi um fator negativo que provocou a ausência da maioria delas, nessa última etapa.

Sobre a atividade proposta à Participante 01, esta destacou a importância de se discutir a diversidade do que ela denomina de lutas de mulheres e afirmou “*além de mulheres nós somos diversas*”, outrossim, destacou outras pautas que, por vezes, se associam ao feminismo como a luta das mulheres trans:

(...) achei de suma importância. Cheguei a falar mais cedo pra ti que eu achei incrível a forma que tu colocou a tua escrita e principalmente aquilo que eu já esperava eu tive que é a visão... A visão das vertentes feministas. Cada feminista cada luta feminista ela tem a sua luta também particular. Porque existe uma coisa chamada mulheridiedade. Nós somos mulheres. Só que além de mulheres nós somos diversas. Nós temos dores diversas, sentimentos diversos, vivências diversas. E tu conseguiu trazer isso no teu trabalho de forma muito importante. A dor da mulher em situação de rua, por exemplo, ela é uma dor real, é uma dor que precisa, né? Não só da luta do feminismo e sim da união do SUS. Ah, mas aí a gente tem a dor da mulher quilombola. A dor da mulher preta que é uma dor diferente daquela mulher branca que porque a dor da mulher preta ela já vem com uma adoção dela ser preta só de ter ali uma vertente racial a dor da mulher branca ela é uma dor mas se difere Porque eu não vou sofrer com mulher branca por ser uma pessoa preta. Então a sociedade ela tem as suas várias vertentes de dificuldades de entender e compreender o que é. Por exemplo, muito pouco se fala na verdade, muito pouco se fala sobre a dor da mulher trans A mulher trans é uma mulher. Ela está ali com dificuldade. Sofre por ser uma mulher trans.(...) Pessoas LGBTs e pouco se fala sobre essa luta, sobre ser uma mulher trans numa sociedade transfóbica como o nosso país não é verdade? Então tu conseguiu trazer assim de forma maravilhosa eu realmente fiquei encantada (...) (Participante 01).

A referida participante reafirmou a importância de suas pautas e destacou a necessidade de dar visibilidade às pautas envolvendo o que ela denominou de dores das mulheres. Demonstra estar contente com o que foi produzido no estudo. Como pesquisadora, é possível observar que a educação é um processo contínuo e dinâmico, que extrapola espaços escolares e se percebe nas pautas, por ela apresentadas, uma dimensão de produção e valorização de saberes buscando dar visibilidade a grupos historicamente desassistidos, tais como pessoas em situação de rua e mulheres trans.

A Participante 02 observa aspectos, que ela denominou de “doloridos”, e ressalta a

importância de humanizar o atendimento às mulheres. Conforme se observa em sua análise:

Essa reflexão é dolorida muitas vezes dolorida mesmo, pq ao final a gente quer mudar/melhorar uma realidade para todas nós, mas sempre acabamos nos deparando com dificuldades que se repetem como a falta de respeito aos processos da mulher. Pensando na questão da humanização do parto, da violência obstétrica, é um movimento que não pode parar e vai além de informar o que é, temos que mobilizar para transformar a assistência/saúde à mulher nesse período e daí realmente minimizar os índices de violência.

Elemento que se destacou na análise dos dados do presente estudo foi o aspecto das emoções demonstrado pelas colaboradoras impressos nas ações desenvolvidas nas inserções que atuam. Identificamos o valor epistêmico das emoções na atuação das colaboradoras que vai além de impulsos irracionais como construções sociais com sua linguagem própria e demonstra um envolvimento ético com a pauta defendida em sua jornada. Obrigada por isso (Participante 02).

Infere-se, portanto, que a Participante 02, também, compreende a reflexão proposta como necessária. Na sua atuação, ela destaca que é importante ir além da informação e ressalta a importância de uma mobilização para transformação. Além disso, ela traz trecho do que foi afirmado no estudo e agradece pela afirmativa ratificando as análises desenvolvidas. Percebe-se que, na análise final da participante, sua fala corrobora o que tem sido afirmado no estudo, que não basta informar para que o processo educativo ocorra, é necessário um movimento contínuo e dinâmico de reflexões, debates e ações voltadas para tal fim.

Agora, destaca-se abaixo, a narrativa da Participante 03, que assim discorre:

Bem, o primeiro ponto que eu quero destacar é que eu gostei muito da forma como você intercalou a fala das professoras com as categorias que você pesquisa: a práxis, o gênero, feminismo e educação. Penso que você foi fiel as falas das colaboradoras, o que enriqueceu a fase de interpretação dos dados. Por fim, concordo com o que você colocou nas considerações finais. Penso que, mesmo com as limitações do local aonde atuamos, é muito necessário incluir os debates feministas e as reflexões sobre igualdade/equidade de gênero dentro da nossa prática pedagógica, criando um espaço de diálogo, conforme a filosofia da educação de Paulo Freire, para assim termos a possibilidade de vislumbrar um futuro em que essas diferenças possam ser equilibradas ou, até mesmo, superadas. Agradeço muito por ter feito parte desse momento (Participante 03).

Verifica-se que a participante destacou de forma positiva aspectos metodológicos do estudo e ratificou as informações disponibilizadas no texto a ela encaminhado. Observa-se, ainda, que seus argumentos mantêm coerência com as narrativas das fases anteriores, ao reafirmarem a importância de diálogos e reflexões para uma prática pedagógica libertadora (FREIRE, 1987).

Nesta fase, encerra-se o ciclo de entrevistas e diálogos com as participantes e, é possível perceber que, apesar das ausências ocorridas na terceira e quarta fase, houve uma participação significativa das mulheres. Compreende-se que tais ausências fazem parte da “arte de pesquisar”, considerando que se trabalhou com processos dinâmicos e subjetivos que

podem sofrer alterações.

No presente estudo, objetivou-se possibilitar às mulheres, participantes da pesquisa, um espaço de reflexão, por isso, buscou-se pautar na Formativapesquisa, nas fases dos procedimentos metodológicos, para que elas, por meio de provocações e exercícios de autoavaliação, pudessem tranquilamente descrever características de suas jornadas e, em momento posterior, analisá-las, repensá-las e, por fim, refletir sobre a sua atuação como elemento da práxis educativa e relatar suas percepções do que foi abordado e interpretado.

Posto isso, compreende-se que as falas, apresentadas na quarta fase dos procedimentos metodológicos, ratificam o que foi descrito nas fases anteriores, ou seja, reafirmam o envolvimento afetivo das participantes nas inserções e projetos sociais que atuam fundindo o ser e o saber na pedagogia que elas aplicam e na própria conduta de cada uma delas no seu cotidiano.

Como aspectos positivos do estudo, destaca-se a possibilidade de desenvolver as entrevistas e diálogos pelos canais virtuais. Pois, as primeiras fases do estudo iniciaram em período pandêmico, em virtude da COVID-19. E os meios digitais garantiram a continuação do estudo e aplicação das entrevistas. Além disso, observou-se que o procedimento metodológico adotado, a formativapesquisa, permitiu elaborar e aplicar 03 (três) entrevistas, ampliando a possibilidade de diálogos com as participantes.

Sobre aspectos negativos ou dificuldades encontradas no decorrer das fases, ressalta-se o lapso temporal entre a primeira entrevista, ocorrida em maio de 2022, e a última entrevista, ocorrida em fevereiro de 2023, visto que tal distância pode ter provocado um desânimo nas participantes, o que justificaria a ausência de algumas delas nas últimas etapas do estudo. O período eleitoral, em outubro de 2022, também foi um fator desfavorável ao estudo, pois, 03 (três) participantes estavam envolvidas em campanhas eleitorais. Acredita-se que, esse fato, também justifica ausência de algumas delas nas derradeiras fases.

O contato virtual, ao mesmo tempo que agilizou o andamento dos procedimentos e a organização do tempo da pesquisadora para coleta de dados, possibilitou inclusive realizar entrevistas mesmo as participantes estando em seus ambientes de trabalho ou em outras cidades. Facilitou, também, a organização do tempo pessoal da pesquisadora que precisou conciliar trabalho de docência, com 40 horas semanais, cuidados com a sua filha de dois anos sem rede de apoio e atividades da pesquisa, incluindo leituras, eventos, coletas, transcrições e análise de dados.

Entretanto, como ponto negativo, avalia-se, também, que o contato virtual restringiu, de certa forma, a recepção e percepção de informações nas entrevistas, haja vista que reações,

como sorrisos, choros, expressões faciais desconforto físico e, enfim, as informações ambientais, ficaram comprometidas pela ausência de encontros presenciais. Nesse sentido, avalia-se que os canais virtuais podem ter comprometido a qualidade da coleta e conseqüentemente a análise dos dados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente análise buscou interpretar a autoavaliação da práxis educativa elaborada por mulheres, atravessadas pelo feminismo, atuantes em projetos sociais em Macapá/Amapá. Partiu-se do princípio de que a autocrítica presente no movimento feminista demonstra uma disposição para mudar de direção e é uma fonte de vitalidade essencial para qualquer processo de transformação. Além disso, compreendemos que a atuação das participantes contribui significativamente para uma formação cidadã dos sujeitos envolvidos.

O caminho percorrido até esta etapa se guiou pelo seguinte questionamento: Como mulheres atravessadas pelo feminismo que desenvolvem práxis educativas em diferentes projetos sociais avaliam suas atuações em face das críticas recebidas? A partir desse ponto, seguiu-se a seguinte hipótese: A atuação de mulheres, guiadas pelo ideário feminista, em projetos sociais está imbuída de uma dimensão educativa na qual se identifica a práxis sendo a autoavaliação/autocrítica um instrumento para reflexão das colaboradoras sobre a referida práxis.

Notadamente, compreender a atuação das referidas mulheres exige analisar e descrever a práxis educativa presente nas inserções e projetos sociais nos quais elas atuam. Compreende-se a práxis como uma atividade transformadora e ajustada a objetivos. Nessa perspectiva, utilizou-se a autoavaliação/autocrítica como instrumentos para reflexão das ações/reflexões das participantes.

Fundamentamo-nos na ideia de que a educação é uma prática para liberdade e para tanto requer uma ação/reflexão e, nesse processo, o diálogo é imprescindível para a transformação social almejada. Sendo assim, compreende-se que as didáticas aplicadas nos projetos, por elas desenvolvidos, integram a pedagogia feminista, visto que apresentam discussões teóricas sobre o tema e utilizam didáticas que visam informar e conscientizar os sujeitos sobre seu papel na sociedade e torná-los agentes de transformação da sua própria história.

A pedagogia feminista, entendida como elemento teórico pautado na perspectiva relacional do gênero e suas produções de desigualdades e quanto ao feminismo na academia integra a práxis feminista, enquanto reflexão e discussão teórica. Aqui, dois aspectos se destacam: primeiro o envolvimento afetivo das participantes com as práticas educativas desenvolvidas e a valorização da mulher enquanto sujeito, posto que o público alvo das ações é majoritariamente feminino.

Um elemento que se destacou na análise dos dados do presente estudo foi o aspecto das emoções demonstrado pelas colaboradoras impressos nas ações desenvolvidas nas inserções que atuam. Identificou-se o valor epistêmico das emoções na atuação das colaboradoras que vai além de impulsos irracionais como construções sociais com sua linguagem própria e demonstra um envolvimento ético com a pauta defendida em sua jornada.

Nota-se que a práxis feminista ora analisada segue duas linhas principais, quais sejam, atividades de redução de danos, especialmente quanto às mulheres vítimas de violência, mulheres em situação de rua e mulheres em vulnerabilidade econômica e social. Além do caráter de cuidado e autocuidado com temas como maternidade, auto-imagem, terapia em grupo, entre outras atividades, as quais integram o segmento da ação e tem como ponto de partida as vivências, experiências e saberes das próprias mulheres, propiciando um processo reflexivo de autoconscientização, a partir da qual acredita-se ser possível transformar a realidade.

É possível perceber que as didáticas aplicadas pelas participantes, guiadas pelo feminismo, ao qual estão filiadas, são dotadas das ideias de cuidado e afetividade. Tal fato não descaracteriza o aspecto reflexivo, educativo e político que antecede suas ações e, é nesta fusão, que ocorre a práxis feminista, ora estudada. Ressalta-se que o aspecto afetivo, que fora destacado, não deve ser confundido com o papel historicamente atribuído ao feminino de pacífico, manso, que tudo suporta, mas, deve ser observado como movimento de entrega envolvimento das participantes nas suas referidas atividades.

À luz da hermenêutica, optou-se em seguir a trilha da Formativapesquisa, nos procedimentos metodológicos, com intuito de promover a participação e envolvimento das mulheres a fim de incluí-las nas etapas do estudo e, ao mesmo tempo, possibilitar um sentimento de pertencimento à pesquisa. Dessa maneira, foi possível observar dois aspectos, inicialmente, houve uma adesão à proposta de participação e, em suas narrativas e posturas, demonstraram vontade de participar do estudo e divulgar suas ações. No segundo momento, fase de provocação, foi possível identificar uma certa inquietação em continuar dialogando e repensando o que foi anteriormente afirmado. Entende-se que, tal fato pode ser explicado pela característica reflexiva da autoavaliação/autocrítica, a depender do contexto, pode causar incomôdo naquele que a executa.

Ademais, nas narrativas das participantes, foi possível observar que elas desenvolvem atividades/didáticas de acompanhamento e suporte aos sujeitos destinatários das inserções e ações por elas aplicadas. Ao analisarem o desempenho individual ou coletivo de suas atividades demonstraram compreender que o conceito, a estrutura de trabalho e a atuação se

harmoniza com a práxis educativa, pois, ao mesmo tempo que utilizam uma base teórica visam também pensar/repensar as realidades e construções coletivas, com alicerces em teorias e concepções teóricas que fundamentam as lutas de mulheres e das várias vertentes do feminismo.

Convém frisar que na práxis educativa feminista ocorre um duplo movimento de reflexão, primeiro na formação crítica das mulheres atuantes e, em segundo lugar, nos indivíduos mulheres/homens, independente de classificação de gênero, que recepcionam as atividades propostas e desenvolvidas. Na atuação feminista ocorre reconhecimento, valorização e produção de saberes. Nesse sentido, é que se identificou a práxis feminista, contida na pedagogia feminista, resultante da fusão de teoria e prática com caráter de reflexão e ação sobre determinada realidade. Dessa maneira, a ação educativa é compreendida como uma prática capaz de interferir direta ou indiretamente na realidade de um indivíduo, bem como na sua coletividade.

Além disso, foi possível perceber que, embora todas elas utilizem um discurso político, as atividades por elas desenvolvidas focam em ações que visam sanar problemas, conflitos e necessidades imediatas dos grupos assistidos e, por isso, em alguns momentos adquire um caráter assistencialista e de redução de danos.

Sobre as críticas recebidas, a maioria delas compreende que estas são fruto de uma sociedade machista e patriarcal e que representam uma reação às lutas e conquistas das mulheres e do movimento feminista. Algumas delas afirmaram que as críticas fazem parte do processo de amadurecimento do grupo e, em certa medida, auxiliam as transformações que elas experimentam individualmente e nos coletivos que integram.

Outro aspecto observado nas narrativas das colaboradoras, foi a existência de distanciamentos entre grupos de mulheres atuantes, mulheres feministas e mulheres envolvidas em movimentos sociais diversos que não se reconhecem como feministas. Dentre as colaboradoras, foi observado que há pouco diálogo entre os grupos e as ações não são lineares e gradativas com um eixo comum. Tal fato, reforça a ideia de que existem tensões internas embora as pautas levantadas tenham coerência entre si.

Ressalta-se que tais divergências são parte do processo e não invalidam a relevância da atuação delas e a possibilidade de transformação social almejada por elas em suas inserções. Demonstram desafios na atuação das colaboradoras que ultrapassam seus objetivos primeiros, ou seja, o desafio de compor uma jornada coletiva a partir da atuação individual de cada uma delas.

Como considerações finais para o estudo, entende-se que a atuação de mulheres e

especialmente a práxis educativa por elas desenvolvidas, mesmo com limitações, externas e internas, que lhes são impostas, têm contribuído para uma realidade de combate às desigualdades sociais e de gênero. Além de possibilitar mudanças nas próprias colaboradoras, o que restou demonstrado nas autoavaliações e reflexões por elas desenvolvidas, nas etapas do presente estudo.

REFERÊNCIAS

- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**, f. 258. 2007. 516 p.
- BEAUD, ESTÉPHANE. WEBER, FLORENCE. Guia para Pesquisa de Campo: produzir e analisar dados etnográficos. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo**, f. 468. 2008. 935 p.
- BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia: consultoria da Edição brasileira: Danilo Marcondes**. Tradução Desidério Murcho. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- CHAPLIN, James P. **Dicionário de psicologia**. Tradução Antônio Luís Marques Matias. ed. Publicações Dom Quixote, 1981.
- BUTLER, Judith. Sujeito do sexo/gênero/desejo: Mulheres como sujeitos do feminismo. *In*: BUTLER, Judith. **Problemas do Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 21 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. 287 p, p. 17-56. Tradução de: Problemas do Gênero.
- CARIACÁS, Carlos. Parte 2: Hermenêuticas do Sensível: o compromisso com a formativapesquisa em cultura da educação. *In*: SARDINHA, Antônio Carlos (Org.); COUTO, Dilnéia Rochana Tavares do (Org.); DUTRA, Delamar José Volpato (Org.). **Política, Deliberação Pública e organizações sociais na Contemporaneidade**. 1 ed. Macapá: Universidade Federal do Amapá, 2021. cap. 2. 156 a 185 p.
- CARMO, Iris Nery do. **O perigo das dobras: iconografias e corporalidades no feminismo contemporâneo**. Plataforma scielo. Campinas, 2018. Disponível em: Acesso em: 10 mai. 2022.
- CARNEIRO, Sueli. Estudos Avançados. Mulheres em movimento. São Paulo. Sept/Dec, vol. 17, nº 49, nº 03, 15 de novembro de 2003.
- COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa; SOMMER, Luis Henrique. **Estudos Culturais, Educação E Pedagogia**. Revista brasileira de educação, f. 14, 2003. 28 p.
- CARONE, Renata Rodrigues. **A atuação do movimento feminista no legislativo Federal: Caso da Lei Maria da Penha**. Plataforma scielo. Departamento de Estudos de Gênero da Universidade Estadual de Lisboa. Lisboa, 2018. Disponível em: <http://www.plataformascielo.com>. Acesso em: 27 abr. 2021.
- CARVALHO-SILVA, Hamilton Harley de. **A dimensão educativa da luta de mulheres por moradia no Movimento dos Trabalhadores Sem Teto de São Paulo**. PLATAFORMA SCIELLO. SÃO PAULO, 2018. Disponível em: Acesso em: 7 fev. 2023.
- CASSETARI, Nathalia. **Avaliação de professores: uma questão de escolhas**. Plataforma Scielo. São Paulo, v.25, 2016. Disponível em: <https://www.plataforma.scielo.com.br>. Acesso em: 2 fev. 2023.
- CIRANDA MATERNA. Macapá, 7 fev. 2023. Facebook: [cirandamaternamacapa](https://www.facebook.com/cirandamaternamacapa). Macapá. Disponível em: <https://www.facebook.com/cirandamaternamacapa>. Acesso em: 21 mai. 2022.

COELHO, Beatriz. **Introdução:** aprenda como fazer para seu trabalho acadêmico. Blog Mettzer. Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/introducao-tcc/>. Acesso em: 10 mai. 2021.

CRUZ, Maria Helena Santana; NASCIMENTO, Ana Paula Leite. **Feminismos, transfeminismos e práxis sociopolítica na marcha mundial das mulheres/Brasil.** Práxis Educacional. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8952>. Acesso em: 7 fev. 2023.

CUFA-CENTRAL ÚNICA DAS FAVELAS AMAPÁ. **CUFA-Central Única das Favelas AMAPÁ.** Macapá, 7 fev. 2023. Facebook: @cufaamapa. Macapá. Disponível em: <https://www.facebook.com/cufaamapa/>. Acesso em: 7 fev. 2023.

DA SILVA, R. C. **A auto-avaliação como instrumento de conscientização de alunos de um curso de especialização lato sensu.** Olhar de Professor. 2009. Disponível em: <http://www.uepg.br/olhardeprofessor>. Acesso em: 29 mar. 2022.

DMITRUK, Hilda Beatriz (Org.). **Cadernos metodológicos:** diretrizes da metodologia científica. 5 ed. Chapecó: Argos, 2001. 123 p.

FÁVERO, Maria Helena. **Psicologia do gênero:** psicobiografia, sociocultura e transformações. 1 ed. Curitiba: UFPR, 2010.

FERREIRA, Carlos Alberto; OLIVEIRA, cristina. Auto-avaliação docente e melhoria das práticas pedagógicas: percepções de professores portugueses. <http://educa.fcc.org.br/scielo.php>. Sao Paulo, 2015. 63 p. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php>. Acesso em: 2 fev. 2023.

FERREIRA, Ana Paula de Medeiros. **Mulheres camponesas:** processos educativos em meio ao trabalho. Brasília, 2018 Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: Acesso em: 7 fev. 2023.

FORNAZIERI, Aldo; MUANIS, Carlos. **A crise das esquerdas.** 1 ed. 1º Ed. Rio de Janeiro: 2017: Editora José Olympio, v. 3, f. 133, 2017. 266 p. Disponível em: kindle. Acesso em: 28 fev. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** (Edição especial): Saberes necessários à prática Educativa. 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, f. 109, 1987. (não paginado) p.

FREIRE, Paulo; ANA MARIA ARAÚJO, Freire (Coord.). **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, f. 123, 1992. (não paginado) p.

FREITAS, Maria Auxiliadora S. **Práxis pedagógica e professores intelectuais:** refletindo as tensões e concepções da formação/prática docente. Práxis Educacional. 2020, p. 135-150. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/485>. Acesso em: 7 fev. 2023.

FÁVERO, Maria Helena. **Psicologia do gênero**: psicobiografia, sociocultura e transformações. Curitiba: UFPR, f. 218, 2010.

FORECHI, Marcilene. **Identidades femininas em Comentários no Facebook**. Porto Alegre, 2018 Tese (Programa de pós-graduação em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <http://www.plataformacapes.com>. Acesso em: 15 abr. 2023.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes, f. 316, 1999. 631 p. Tradução de: warheit and method.

GARCÍA-BARÓ, Miguel. **Husserl y Gadamer**: fenomenología y hermenéutica. Tradução Filipa Veloso. São paulo: salvat do Brasil ltda, 2015. Tradução de: fenomenología y hermenéutica.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, maio -agosto 2011.

GOHN, Maria da Gloria. **Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social**. Meta: Avaliação | n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.plataformascielo.com>. Acesso em: 4 abr. 2023.

GOHN, Maria da Glória. Desafios dos movimentos sociais hoje no Brasil. **SER, social**, Brasília, v. 15, n. 33, jul/dez 2013.

HENN, Leonardo Guedes; SCHERER, Jociléia; ALVES, Gláucia do Amaral. **Movimento feminista**: Mulheres na Universidade- GEEUM. RELACult-Revista Latino Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, 2018. Disponível em: <http://www.relacult.claec.org>. Acesso em: 3 mai. 2022.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Editora Elefante, v. 3, f. 190, 2019.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: Políticas arrebatadoras. Tradução Ana Luíza Libânio. 1 ed. RJ: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista**: da margem ao centro. Tradução Rainer Patriota. 1ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., v. 3, 2019. 256 p. Disponível em: kindle (não paginado). Acesso em: 7 fev. 2023.

HOUAISS, Antônio. **Michaelis dicionário prático da língua portuguesa**. Melhoramentos, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 7 fev.2023.

IMENA. **Imena Amapá**. Macapa/ap, 7 fev. 2023. Macapa/ap. Disponível em: https://www.facebook.com/imena.amapa/about_details. Acesso em: 7 fev. 2023.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia**: Guia prático da linguagem

sociológica. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 3, 1997.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LANGNOR, Carolina; LISBOA, Sousa. **Da pedagogia feminista aos estudos de gênero: desdobramentos das teorizações feministas para a educação**. *In*: reunião científica regional da anped. Educação, movimentos sociais e políticas governamentais. 2016, Curitiba, Paraná, 2016.

LANGNOR, Carolina; LISBOA, Sousa Lisboa. **DA PEDAGOGIA FEMINISTA AOS ESTUDOS DE GÊNERO: DESDOBRAMENTOS DAS TEORIZAÇÕES FEMINISTAS PARA A EDUCAÇÃO**. Disponível em: <http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/eixo18>. Acesso em: 7 fev. 2023.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Tradução Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Belo Horizonte: Artmed-UFMG, 1999.

LILLA, Mark. **O progressista de ontem e o do amanhã: Desafios da democracia liberal no mundo pós-políticas identitárias**. Editora Companhia das Letras, v. 2, f. 60, 2018. 120 p. Disponível em: kindler. Acesso em: 7 fev. 2023.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de Pesquisa: Uma Introdução**. São Paulo: EDUC, 1996.

MACEDO, Eunice. **Pedagogia Freiriana e pedagogias feministas: (des)encontros e diálogos (im)possíveis?**. Plataforma scielo. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2021. Disponível em: Acesso em: 2 mai. 2022.

MARTINEZ, Fabiana Jordão Martinez. **Militantes e radicais da quarta onda: o feminismo na era digital**. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, 2021. Disponível em: <http://www.plataforma.scielo.com>. Acesso em: 4 abr. 2023.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo (Tópicos): Martins Fontes, 1999. Tradução de: Phénoménologie de la perception.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. *In*: LOURO, Guacira Lopes (Org.); FELIPE, Jane (Org.); GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9ed. Petrópolis RJ: Editora vozes, 2013. cap. 1, p. 11-29.

PERELMAN, Chaïm. Terceiro Capítulo: As ligações que fundamentam a estrutura do real.

In: PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica.** Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado. 2 ed. São Paulo: Martins fontes, 2005. cap. 3, p. 399-459. Tradução de: *Traité da l' argumentation.*

PERIFERIA EM AÇÃO. **Instituição beneficente.** Macapá, 7 fev. 2023. Facebook: @periferiaemacao. Macapá. Disponível em: <https://www.facebook.com/periferiaemacao>. Acesso em: 19 abr. 2022.

PLATÃO. Segundo capítulo: Fédon. *In:* PLATÃO, Platão. **Diálogos: O Banquete; Fédon; Sofista; Político.** Tradução José Américo Motta Pessanha. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 261 p. cap. 2, p. 57-126.

PINTO, Céli Regina Jardim. **FEMINISMO, HISTÓRIA E PODER.** Rev. Sociol.polít. Curitiba, 2010. 11 p. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em: 7 fev. 2023.

RIBEIRO, Djamila; CARNEIRO, Sueli (Org.). **Lugar de Fala.** São Paulo: Editora Jandaíra, v. 3, f. 64, 2020. 128 p.

SANTOS, Hellen Thaís dos; GARMS, Gilza Maria Zauhy. **Método autobiográfico e metodologia de narrativas:** contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. *In:* CONGRESSO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, n. Anais 2. 2011, São Paulo: unesp/prograd. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/11449/141766>. Acesso em: 7 fev. 2023.

SARDENBERG, Cecilia M. B.; COSTA, Ana Alice Alcântara Costa. **Feminismos no Brasil:** enunciando e canalizando demandas das mulheres em sua diversidade. Labrys, études féministes/ estudos feministas juillet, junho 2012.

SILVA, Laryssa da Costa; FREITAS, Lúcia Gonçalves de. **Pedagogia feminista:** o que é, quem pratica? Disponível em: <https://www.anais.ueg.br>. Acesso em: 7 fev. 2023.

SILVA, Márcia Alves da; GODINHO, Eliane. **A construção de uma pedagogia feminista latinoamericana na perspectiva da Educação popular.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos). Florianópolis, 2017. Disponível em: <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/149934478>. Acesso em: 7 fev. 2023.

SILVA, Hamilton Harley de Carvalho. **A dimensão Educativa da luta de mulheres por moradia:** o caso do movimento dos trabalhadores sem teto de São Paulo. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. Disponível em: <http://www.plataformascielo.com>. Acesso em: 15 abr. 2023.

SOUSA, Taize Borges; MALHEIRO, João Manoel da Silva. **Análise das Técnicas Argumentativas da Teoria da Argumentação a Partir da Aprendizagem Baseada em problemas em um Curso de Férias.** Ensaio • Pesquisa em Educação em Ciência, Belo Horizonte, v. 21, 2019.

SOUZA, Herbert José de. **Como se faz análise de conjuntura.** 27 ed. Petrópolis. RJ: Editora Vozes, f. 27, 1984. 54 p.

TEIXEIRA, Marcella Barbosa Miranda; LOPES, Fernanda Tarabal; GOMES JÚNIOR, Admardo Bonifácio Gomes Júnior. **Gênero e Feminismos: conceitos e perspectivas.** Caderno Espaço Feminino. Uberlândia, MG, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/CEF-v32n1>. Acesso em: 7 fev. 2023.

TEIXEIRA, Simone; FERREIRA, Sílvia Lúcia. **Teoria e praxis do feminismo acadêmico.** *in: fazendo gênero diásporas, diversidades, deslocamentos.* 2010.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios:** São paulo: Brasiliense, v. 3, f. 152, 1999. 304 p.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum:** Para todas, todes e todos. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, v. 3, f. 63, 2018.

VASQUEZ, Adolfo Sanchez. **Filosofia da praxis.** Tradução Luiz Fernando Cardoso. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, f. 222, 1977. 454 p. Tradução de: Filosofía de la praxis.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de Pesquisa.** 2 ed. Florianópolis:reimp. Departamento de Ciências da administração UFSC, 2013.

APÊNDICE A — ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Roteiro de Entrevista Narrativa

Código do questionário: Data: // _ Local:

Horário:

Nome:

Idade _____ (opcional) filhos _____ Estado civil _____

Movimento social no qual atua _____

Tempo de militância em movimentos sociais _____

Grau de escolaridade Formação _____

Vertente do feminismo que guia sua atuação _____

Prezada Colaboradora,

Você está sendo convidada, como voluntária, a participar da pesquisa “Autoavaliação do ideário feminista em contraste com as críticas identitárias e os posicionamentos neofascistas.” que tem o objetivo, através da escuta sensível, de analisar a autoavaliação da práxis educativa elaborada por mulheres feministas atuantes em movimentos sociais em Macapá/AP. O estudo refere-se à Dissertação da Mestranda: Cristiana Rodrigues de Oliveira do Programa de Pós-graduação em Educação PPGED/UNIFAP, orientada pelo Prof. Dr. José Carlos Cariacás Romão dos Santos. O instrumento de pesquisa a seguir é um roteiro de entrevista narrativa. Desde já agradecemos por sua contribuição.

1. Fale um pouco da sua história nos movimentos sociais.
2. Quando e como você se percebeu como uma mulher feminista?
3. Como você concilia suas atividades pessoais (filhos, família, amigos, trabalho) e a atuação nos movimentos sociais?
4. Apresente em linhas gerais quais atividades você desenvolve no movimento social que integra e qual a didática/pedagogia utilizada para as ações?
5. A vertente feminista que você integra é mais acadêmica ou é um feminismo da vivência do cotidiano?
6. Fale um pouco sobre o que considera mais relevante em sua atuação junto a sociedade? Cite aspectos positivos e negativos das intervenções que você realiza.
7. Que autores/autoras ou figuras públicas influenciam sua atuação?
8. O que você pensa sobre críticas direcionadas ao feminismo?
9. É Possível que a entrevista ocorra por canais virtuais tal como Whatsap ou outra plataforma virtual que seja mais agradável e acessível para as colaboradoras? (caso a resposta seja positiva informe seu telefone para contato (____))

APÊNDICE B - ENTREVISTAS (TRANSCRIÇÕES) SEGUNDA FASE DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1. PRIMEIRA ENTREVISTA 01 - PARTICIPANTE 01

a. Primeiro Vídeo

Olá, eu me chamo Karine Silva eu sou psicóloga e também eu sou ativista das lutas sociais e que lutas são essas eu faço parte da luta manicomial aqui do estado to nessa luta a vários anos antes mesmo de me formar como psicóloga e atuo já de uma forma bem ativa com a pandemia que agentedeu uma pausa porem as lutas estão voltando agora então assim a minha historia nos projetos sociais ele se inicia pela saúde mental deu inicio la em 2014 quando eu conheci o que era a luta de manicomial na verdade em 2013 em 2014 eu conheci ela aqui em Macapá e eu conheci a luta de manicomial foi la em são paulo ai... eu comecei a me apaixonar por essa luta que cuida diretamente das pessoas em situação prisional em situação de vulnerabilidade social e que são higienizadas socialmente é uma luta que eu tenho muito apreço afeto e não é atoa que hoje eu trabalho no consultório e na rua que eu cuido diretamente agora dessas pessoas com uma equipe multiprofissional rodando pela cidade então uma das minhas lutas mesmo é essa é a bandeira da saúde mental o meu trabalho de ativismo é desse cuidado porque quando agente fala sobre mulheres a gente ressignifica uma mulheriaridade é.. digamos assim única são mulheres héteros Cis que sofrem claro cotidiano mas existem também outras mulheres as mulheres trans em situação de rua as mulheres hétero Cis em situação de rua e quem cuida dessas mulheres quem briga por elas aonde elas podem buscar os direitos então é... esse olhar voltado a mulher em situação de rua é muito delicado pois existe muitas dores por ai seja do abandono na gravidez a falta do pré-natal nessa gravidez como os cuidados pós parto após a saída delas digamos assim da maternidade o que é também a pobreza menstrual como essas mulheres lidam com a menstruação durante é..esse periodo é muito complicado é... agente tem relatos que mulheres usam por exemplo miolos de pão as vezes uma sacola como... é.. o substitui..é..substituidor do absorvente.. interno então a minha luta hoje ela a minha historia de luta na verdade é por eu ser mulher e já ter uma dificuldade mesmo tendo todo o afeto o lar que eu fui criada e não ter tanta dificuldade do meu período menstrual não ter a dificuldade da situação de rua da minha gravidez então olhar na outra mulher tem que ser mais delicado.

b. Segundo Vídeo

Bem eu me percebi como uma mulher ativista quando as minhas dores elas passaram a ser

tratadas como frescuras quando a dor duma outra mulher passou a ser também tratada como frescura quando coloca quando eu me percebi que a sociedade ela coloca uma mulher contra a outra em questão de disputar um relacionamento quando eu percebi que entre uma disputa numa vaga de emprego eu perderia facilmente pra um homem por eu ser mãe principalmente né porque as perguntas pro homem numa entrevista de emprego nunca vai ser sobre quem vai ficar com teu filho não mais pra mim vai ter essas perguntas então eu me percebi num poder de lutar eu me percebi quando agente sofre abusos constantemente as pessoas tratam como frescura porque o abuso ele começa num toque ele começa na fala ele começa numa pequena ameaça talvez ele vai lá na droga colocada na sua bebida quando você tá tentando se divertir numa balada então eu me percebi como uma mulher ativista quando só pelo fato de ser mulher eu viver em constante perigo então pra eu não sofrer..é..não virar mais uma estatística pra eu não morrer nesse Brasil que mata muitas mulheres por dia eu precisei levantar eu precisei gritar eu precisei ser tratada como uma pessoa louca como uma pessoa..q..é agressiva porque quando a mulher levanta a voz quando a mulher reage ela é tratada como agressiva então quando eu me percebi nessa posição que se eu ficar o tempo todo acuada eu poderia virar uma estatística eu poderia ser uma vítima de feminicídio eu poderia ser uma vítima de abuso eu poderia ser várias vítimas d..de tantas mulheres que agente já perdeu de tantas mulheres que não conseguiram reagir não conseguiram falar não foram consideradas loucas mais hoje estão infelizmente de baixo da terra então pra que eu sobreviva eu preciso lutar pra que a minha amiga sobreviva eu preciso lutar por ela por mim e agente juntas.

c. Terceiro Vídeo

Bem é..eu sempre tento mostrar pro Lucas o meu filho o quanto é importante as minhas lutas hoje em dia como ele já tem 9 anos hoje em dia eu consigo levar eles pros locais só que assim eu sempre tento participar das reuniões que tá tendo principalmente do movimento da luta manicomial mas só que como eu trabalho muito as vezes fica complicado a..é..estar num horário que eles podem se encontrar só que como eu atuo no consultório e na rua eu também posso passar com a rota do consultório lá justamente representando o órgão também só que é bastante complicado pra quem é mulher pra quem trabalha pra quem..é..dona de casa pra quem é tudo só num corpinho é muito cansativo ai você tem que lutar você tem que trabalhar você tem que criar você tem que cuidar então são vários adjetivos num ponto só né só que eu consigo conciliar bem eu consigo participar..até onde eu posso agora é...de reuniões de encontros e...e..conseguir fazer com que tudo funcione aos poucos só que é

complicado só que eu não diria que é impossível hoje em dia eu..., lidero junto com o Jeremias Ferreira o projeto periferia em ação onde agente cuida de mães da periferia onde agente cuida de pessoas na verdade da periferia que são as crianças as famílias eu faço roda agente conversa ali com as mães tem a Daniela Uchoa aquela trabalha danças culturais com as crianças e mulheres o Jeremias ele da aula de capoeira então agente faz uma redução o trabalho de reductor de danos dentro da periferia pra tentar resgatar o máximo que agente conseguir então ai agente funciona os finais de semana o meu trabalho é só semanal então os finais de semana agente tá ali agente faz pedidos de doação de alimentos porque não tem como agente só chegar né e oferecer um trabalho se não tem o alimento até porque a dona Maria que tem 5 filhos ela tá preocupada no que seus filhos vão comer agora e não..é... numa roda de conversa por exemplo então agente tenta pensar em tudo pra conseguir fazer com que a dona Maria fique numa roda de conversa sem pensar que seu filho vai passar fome por ela perder um dia de trabalho então é agente tenta organizar as coisas assim dessa forma eu também é...sou idealizadora do projeto joga na roda aqui no estado e eu faço rodas de conversa sobre saúde mental nas praças de Macapá de Santana de outros municípios também e levo dores é..sociais nessas dores eu sempre chamo convidados profissionais e a população em si eles..eles interagem é muito legal ou seja o joga na roda é um projeto o periferia em ação é outro e ai agente consegue também juntar esses dois quando agente quer fazer um grande evento também ou seja o meu trabalho como ativista ele vai funcionando dessa forma.

d. Quarto Vídeo

eu acho que...a vertente do meu feminismo ele é tanto acadêmica quanto cotidiana porque porque o feminismo a gente se vive agente se sente a mulher que é feminista ela..provavelmente passou por N situações num grupo de 5 mulheres 4 já sofreram algum tipo de abuso por exemplo é muito difícil você encontrar uma mulher que não tenha vivido uma situação é...de abuso...da sua infância até sua fase adulta do que ela está hoje então assim quando eu falo sobre didática é porque hoje em dia eu do palestra eu faço roda de conversa eu consigo interagir no dinamismo de tratar a...as dores femininas dessa forma e conseguir dialogar com elas e trazer né agente tentar trazer essas dores essa violência e conseguir ali naquele meio daquela roda de conversa fazer um acolhimento e..é...e de vivencia por eu ser mulher por eu ter sofrido dores por eu ter se...é...de também já ser sido assediada ter sofrido só pelo meu gênero ser feminino então eu costumo falar que é tanto

didática quanto vivencial.

e. Quinto vídeo

Dentro da..duma sociedade o que é importante no meu trabalho é porque eu lido diretamente com a população de situação de rua é uma população higienizada socialmente ela é esquecida ela...não tem políticas públicas ativas pra essa população porque não é uma...po...população em que as pessoas vão querer lutar por ela não é uma população em que as pessoas vão dizer nossa né vamos criar um albergue um local pra que..a..as pessoas em situação de rua possam dormir tranquilo e não ser violentada durante a noite não isso não vai existir isso não é uma discussão em que a sociedade vai entrar e vai lutar é por isso que o número de pessoas em situação de rua continua a crescer e..essa..parte...e a parte negativa desse meu trabalho é porque nós somos muito julgados porque tratam a gente como defensores de bandidos tratam agente como defensores de drogados tratam agente como defensores de pessoas que não merecem um olhar num merecem o acolhimento não merecem um afeto é muito triste porque imagina assim aquela pessoa que está em situação de rua ela não está em situação de rua porque ela quer foi porque inúmeros acontecimentos falharam com aquela pessoa e ela ficou em situação de rua falhou família falhou sociedade falhou políticas públicas falhou estado falhou SUS falhou tudo tudo falhou com aquela pessoa e ela se encontra em situação de rua então aquela pessoa ela já sofreu muito com a violência ela tá cansada ela não quer lutar até o porque o cansaço mental o cansaço físico o..quando ele pega agente de uma forma tão...é...forte não tem como você sair daquela corrente né e é meio complicado porque é muito fácil agente julgar não estando naquela posição é muito fácil agente julgar não passando pelo...pelo que aquela pessoa passou pra chegar nessa situação ai é muito triste então a sociedade ela vê com mal olho como.. digamos desculpa com mais olhos a pessoa que luta por uma...população higienizada pela mulher que tá em situação de rua ela tá ali naquela situação porque ela quer e quando agente luta por ela agente também fala sobre as profissionais do sexo que são extremamente violentadas socialmente são extremamente é...marginalizadas são...mulheres que...não que...a sociedade não permite voltar ao seu contexto social e é bastante complicado então imagina uma profissional do sexo dentro de uma faculdade o quanto ela é olhada de maus olhos...é..maus...é...como ela é julgada ali pelos seus colegas quando eles descobrem a sua profissão né então é por essa sociedade que agente vem por essas mulheres que agente vem .

f. Sexto Vídeo

Sobre as críticas direcionada ao feminismo eu acho que é o que..fi...ou quando é uma mulher que crítica eu acredito que falta a informação porque aquela mulher é feminista todas nós somos principalmente quando ela fala assim eu tenho o meu trabalho eu tenho a minha casa eu não preciso feminismo eu disse nossa né se você tem o seu trabalho se você pode trabalhar hoje se você pode ter sua casa é graças ao feminismo se não você taria fazendo bolo lá pro seu marido e não poderia dizer não só que tirando essas brincadeiras eu sempre falo que é muita falta de informação é...hoje em dia nós temos a internet a internet ela é assim...um massacre digamos...existe Ns fotos que agente pode espalhar e falar assim olha fui num encontro feminista que é a famosa mulher colocando o crucifixo no ânus aquilo ali é um absurdo ...pras mulheres da alta classe pras mulheres que seguem o padrão pras mulheres que estão ali né é...as mulheres da casa branca então ali é horrível aquela cena e nem se trata de um movimento femi...e...não e nem se trata digamos assim de uma movimentação feminista era uma outra situação aquilo e aí o que o que eu coloco é que é falta de informação pra mulher o homem o homem ele tá numa parte confortável pra ele é muito fácil criticar o feminismo e ao mesmo tempo favorecer o feminismo e como seria isso pro homem ele criticar o feminismo ele mantém numa posição ali em que a mulher tem que servi-lo em que a mulher tem que cuidar da casa em que a mulher tem que tá ali viver pra ele cuidar dos filhos e pronto ou seja ele vai passar o dia todo no sofá vai trabalhar fora as vezes no seu escritório e volta a casa tá...tá toda arrumada tá bonitinha os filhos tão cuidados ele não tem que se preocupar com nada então pra ele é confortável e o homem também que defende o feminismo é aquele um...q...as vezes agente tem que tomar um cuidado né porque tem muitos homens que usam a causa pra se aproximar de mulheres porque nós vivemos de uma vivência fragilizada e se aproximar dessas mulheres as vezes com...más intenções ai então é bom desconfiar infelizmente nós somos um um sexo que...fg...é...bastante oprimido então desconfiar eu sempre costumo falar que o nosso instinto de desconfiança agente sempre precisa ouvi-lo então assim eu...eu lido com as críticas normalmente hoje em dia eu já me estressei muito antes mas hoje em dia eu não ligo muito não não eu tento não entrar em discussão e é isso muito obrigada mais uma vez eu sou psicóloga Karine Silva e eu atuo no consultório na rua e também...eu trabalho no AMA LGBTI eu cuido de mulheres LBTIS do estado então...é...pra quem quiser indicar uma amiga que seja LGBTI que precise de atendimento psicológico eu to aqui aguardando queria agradecer né a Cris né por te me convidado é...pra esse momento muito importante esse trabalho e parabéns.

2. ENTREVISTA (SEGUNDA FASE DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS) PARTICIPANTE 02

--Cris--:Olá, a formativapesquisa é o procedimento metodológico adotado pelo grupo de estudo hermenêuticas do sensível, é uma proposta de buscar fazer um estudo acadêmico por meio de um trabalho de pesquisa que não seja apenas extrativista o que denominamos de extrativismoque segue apenas a coleta de informações das colaboradoras e depois não dar nenhum retorno então a ideia é acompanhar mulheres que assim como você é tem uma atuação, muitas delas profissional outras conciliam o profissional com o pessoal e outras só no campo pessoal em movimentos sociais ou projetos sociais. É importante que a mulher seja feminista esse é um critério de inclusão. Desde já esclarecer que nós vamos fazer outros encontros mas, assim, as participantes que serão ao todo 07 mulheres serão livres para continuar ou desistir, e você é livre, fique a vontade de participar comigo enquanto você puder quando você não puder, se acontecer, você pode me informar não tem problema me comunicar qual que é a dificuldade se surgir ou ficar conosco até o fim que serão ao todo 3 encontros os encontros devem ocorrer sempre com bastante tranquilidade dessa forma o ideal é que aconteça assim na verdade eu gostaria que fosse presencial mas é...boa parte das mulheres e..eu confesso que pra mim também é bem mais prático esse contato virtual a...em função da questão de tempo mesmo eu tenho tido bastante dificuldade nesse contato com as mulheres e compreendo essa dificuldade porque são mulheres vocês são mulheres que atuam né quemilitam então a questão tempo é difícil encontrar um tempo né se..der um tempo das suas atividadesou da sua família então esse nosso primeiro encontro eu vou conduzir as...a entrevista eu fiz um roteiro que foi aquele mesmo que eu te mandei a...mas você pode ficar a vontade pra fugir desse roteiro ou seguir falar um pouco mais sobre algo que te chame mais atenção o roteiro é na verdade apenas um guia pra nós conduzirmos e termos as principais informações é importante também que você deixe claro a...liberdade em participar né você assinou o termo de consentimento ahm...e a nós seguiremos desta forma nesse nosso primeiro encontro realizado hoje dia 18 do 5 de 2022 eu vou fazendo uma pergunta você vai respondendo ou se você achar melhor eu posso fazer todas ler todas e ai você fala livremente você acha melhor ir uma a uma ?

--participante --:Acho que pode ser em uma a uma se não eu acabo me perdendo eu falo muito

--Cris--:Sim Sim Tranquilo.

--participante :ai acho que fica mais tranquilo assim

--Cris--:então podemos começar até pra agilizar o seu tempo também inicialmente eu gostaria

que você me...me descrevesse assim...essas informações é...pessoais né o seu nome sua idade se você tem filhos se...é...qual o movimento que você atua em qual frente de militância é...a sua escolaridade e se você atua numa vertente específica do feminismo por exemplo o feminismo é...negro o feminismo indígena se tem alguma vertente que te prende mais tá bem?

--Participante :Tá bem a...

--Cris--:Podemos começar por esse e em seguida eu faço então a primeira pergunta

--Participante--:Tá bom é...o meu nome é Adriana Baldez Lima eu sou psicóloga de formação atuo como psicóloga e...atualmente no...no tribunal de justiça no Juizado de Violência Doméstica e...eu tenho 40 anos e eu tenho 2 filhos o meu mais velho tem 6 (som do windows) anos é o Benjamin e o meu caçula acabou de fazer 3 anos Thomas é...eu...sempre vivi como feminista mas na verdade já num...desde da faculdade mais ou menos quando é que é...que é quando agente começa a ter contatocom essas questões mas na verdade naquela época ainda era muito teórico só...e...pouco prático...me formei em 2004 então naquela época não se discutia assim como se discute hoje não se falava como se fala hoje para uma realidade bem distante e...hoje eu..eu atuo no Ciranda Materna que é um grupo...é...informal de apoio a mulheres que tão no período de...gestação mas o próprio grupo desde o inicio ele foi se transformando foi mudando algumas...algumas questões algumas formas de atuação e ampliando a própria questão do...do parto da gestação pra questões femininas,feministas de mulher da questão da mulher na sociedade então não tem assim um feminismo específico com...com que eu me identifique é...mas eu..eu lido muito mais com essa questão da mulher da maternidade é...é questão da maternidade que o grupo é mais voltado pra isso é...mas também...não...abordamos especificamente isso dentro do do movimento né dentro das...das...das nossas atuações agente acaba deixando isso mais é...no teórico do que na atuação prática ou mesmo na fala declarada que agente faz sobre isso.

--Cris--:Ok...

--Participante:é isso...

--Cris--:É...ai eu gostaria que...que...esse pós apresentação você falasse um pouco sobre a sua história nos movimentos sociais assim como você ingressou como você passou a...atuar nesse movimento

--Participante :Então quando eu é...comecei a trabalhar no tribunal eu trabalhava com questões de família infância e...e dai acaba que agente se liga questão social aos movimentos mas o que realmente me fez despertar foi quando eu entrei na vara de violência doméstica que eu vi o quanto o sistema era opressor em relação a mulher e o quanto era difícil pras

mulheres fazerem a denúncia manterem a denúncia é...lidar com os preconceitos institucionais sobre isso saído ciclo da violência e...se...se restabelecer ou se estabelecer de fato né e...ai com 1 ano e meio 2 anos de adoção e contatos com alguns movimentos eu engravidei e foi quando eu engravidei que eu senti o peso de tudo aquilo em mim é...eu...eu sempre fui eu já engravidei com uma certa idade eu já tinha 34 anos então estável financeiramente eu sempre fui é...muito independente e...e ai parece que quando eu fui percebendo toda a carga que a maternidade trás a responsabilidade sobre um ser humano quem eu vou criar eu comecei a pesquisar e...como é que eu vou ser mãe como é que vai ser esse parto como é que como é que tudo isso acontece e ai eu conheci o grupo ciranda materna tinha acabado de...acho que eles já tinham alguns meses de existência 3 4 meses de encontros foi é...uma...uma mulher que...que...que eu não me lembro era ela socióloga não é socióloga aCamila Dente e ela...buscando ela tava grávida buscando por um parto respeitoso ela entro nessa questão do parto humanizado de buscar outras vias de nascimento de...pesquisar sobre tudo isso e ela viu o quanto era difícil pra mulher ter um parto de respeito no sistema que agente tinha e ai comecei a fazer parte do...do movimento como...é...como ouvinte né e aprendendo com todas aquelas mulheres a Camila também já tinha tido a filha outras mulheres também que estavam desde o começo do grupo então fui convivendo com aquelas maternidades algumas já tinham filhos de 1 23 anos mas participavam falando das suas experiências e sempre é...(barulho de mensagem) alguns se viam o quanto estávamos todas nós né permeados de...de violência de desrespeito de invisibilização e ai eu fui relacionando essa...essa vivencia das mulheres na

maternidade com a vivencia geral das mulheres que sofrem violência o quanto agente sofre violência em todos os contextos né o quanto o papel da mulher renegado ao cuidar e...e...e ainda que seja um cuidarquem cuida da mulheres enfim foram várias questões que foram despertando e ai eu digo que ai simeu fui ver o que que era o feminismo o que era sororidade oque que (risadas) o que era umaestrutura de patriarcado fui viver na pele né da...do o médico que diz que eu não tenho que me preocupar com o parto porque quem faz o parto é ele eu tenho que me preocupar com o enxagal sendo que quem tá grávida sou eu que o filho é meu que o parto é meu pro médico (risadas) ai...eudisse que eu fui uma grávida muito aguerrida (risadas) as vezes foi um pouco mais calma tranquila mas depois que eu engravidei depois que eu tive filhos eu fiquei mais brigona mais chata mais...na verdade eu passei a ver mais as coisas e entender que eu tinha que questionar aquelas coisas pra poder ter controle algum tipo de controle sobre elas né quando agente entra nessa...nessa...questão

de infância na verdade agente escolhe que coisas vão ter controle sobre agente que o controle nosso ele nunca é possível (risadas) mas eu vou escolher aquilo que vai me controlar aquela que vai ser a minha luta e...e isso torna as coisas mais leves né enfim de uma certa forma mais fáceis de enfrentar porque se você vê as coisas como elas são você percebe o que motiva a acontecer numtem como não ter um pouco de depressão (risadas e mariana de fundo) o que é extremamente é... adoecedor e...e...enfim toda essa estrutura que aqui nos compele a isso a maternidade que é compulsória ainda que você escolha maternidade foram vários (não identifiquei) se abrindo com essa vivência.

--Cris--:Falas.

--Participante:Eu tenho a sorte de ter um trabalho que...que assim é de meio período então eu consigoter um trabalho regular que me sustenta que...que me possibilita pagar uma escola pros meus filhos né é...nesse...nesse no período que eu to trabalhando e também tem um companheiro que...que meajuda nessa criação deles que tá presente e ai agente vai se dividindo vai se organizando é...pra...a noite depois que todo mundo dorme vamo ler vamo ver o que tá acontecendo vamo organizar ás reuniões tem hoje o...o ciranda já teve 8 coordenadoras assim de uma vez então que agente movimentava fazia as passeatas na frente da maternidade hoje somos duas e estamos mais ou menosdesde o começo a Priscila tá desde o começo e...e...eu confesso que é bem dificil porque é o trabalho são os filhos são as próprias intercorrências do movimento de...discrepância de... discordância de...assim é...é um trabalho voluntário né mas é um trabalho então como é que agente fazia esse trabalho eu quero divulgar algumas informações sobre o nascimento então eu vou entrar em contato com alguém que fale disso eu vou encontrar entrar em contato com o profissional vo agendar com esse profissional um encontro com mulheres vo chamar essas mulheres pelas redes ao vivo aquelas que agente conhece então é um trabalhinho bem (risadas) bem forte e ai eu é e... enquanto as crianças foram crescendo e agente ia discutindo ainda temas de gestação de parto agente também foi incluindo outros temas que incluíam os nossos filhos agente fez falando de introdução alimentar por exemplo chamando nutricionistas agente chamou...é...teve um encontro que foi sobre fitoterapia na infância e...tem...tem assim os temas foram variando a disciplina positiva a educação positiva já trouxemos psicólogos que falavam sobre depressão pós partopuerpério sobre a disciplina positiva é...educação dos filhos os terríveis ou não terríveis 2 anos também são fases que as crianças vão passando então agente foi tentando encaixar é aquilo que agente vivenciou né da questão do parto da gestação né da violência obstétrica que é sempre um tema presente com a questão da educação da criação dos filhos e os nossos filhos foram crescendo eo Ciranda foi crescendo

também nos temas então de forma egoísta (risadas) e também pra incluir outras mães é nos fomos fazendo essa transformação já tivemos encontros com...com...uma professora artesã que ensinou agente a fazer brinquedo de sucata que foi muito divertido já tivemos contação de histórias então as vezes o...o encontro é assim é pra gente levar as crianças pra brincare pra gente conversar as mães.

--Cris--:Falas

--Participante ;Serve de apoio e acolhimento também né que as vezes agente tem dificuldade enquanto mãe tem um isolamento então a própria família agente não consegue dizer assim ai isso não é tá táai a família diz a porque não tá botando limite ai porque...então quando agente conversa com outras mães que vivenciam o mesmo que agente acaba sendo mais tranquilo aceitar né...e...lidar comalgumas questões ai se ia perguntar.

--Participante--:Assim ,essencialmente o que agente faz são rodas de conversas então agente escolhe umtema aqui que chega através dos pedidos pelas redes ou pessoalmente um tema de algo que tá acontecendo e...e ai agente faz rodas de conversa em torno daquele tema e muitas vezes agente chama um profissional, por exemplo, vamos falar de puerpério então agente procura chamar uma psicóloga que trabalhe com...com mulheres que...que tiveram filhos que...que...é...tiveram essa questão ou vamos falar de amamentação também já fizemos vários encontros sobre amamentação que é algo que em geral quando agente tá grávida nem pensa né amamentação agente vai botar o bebê pra mamar e ele vai mamar olha que coisa mas ai quando agente começa a estudar quando agente começa a lidar com essa realidade e de ver que 20% das mulheres conseguem amamentar sem intercorrências imagine só 20% isso significa que todo mundo que conhece (incompreensível) de amamentação e ai agente conta com apoio é...de muitas enfermeiras e...também elas...elas... algumas delas já fizeram parte caso em parte do banco de leite humano da maternidade e...e super participam, as vezes, as pessoas não tem muito conhecimento mesmo então quando eu falo disso pra gestante eu (incompreensível e mariana lá de fundo) diminui a (incompreensível) probabilidade de que elas enfrentem essa problemática ou caso (incompreensível) agente sai e procura ajuda né de banco de leite então a didática geralmente é essa é uma roda de conversas que muitas vezes tema participação de um especialista e os temas são escolhidos também assim (barulhos alto) perguntam o que que pedem a...o último encontro por exemplo é...uma...uma...uma...amiga nossa que já fez parte do ciranda ela é artista é pintora (incompreensível) e...ela tem uma casa da família dela e essa casa também é um

espaço de eventos culturais de artes então nós já fizemos eventos lá com...com o do ciranda o ciranda não tem um local próprio então agente já fez no Sacaca na praça Floriano (risadas) na casa da gente e já variou demais na universidade na UNIFAP já fizemos vários encontros lá então varia muito é...e ai nós...é essa casa se chama Casa Viva então ela convidou agente em Abril pra gente fazer algo relacionado a maternidade né o mês de maio é (incompreensível) a maternidade e ai agente fez uma...roda de conversa que foi sobre o potencial criativo feminino e ai agente falou assim mas tá porque agente não faz um potencial criativo da mãe não vamos fazer feminino da mulher porque ai agente inclui mulheres não mães e agente discuti essa questão de será que a mulher é uma potência criativa e ai ela cria no momento em que ela gesta que ela pari uma criança e também no momento em que ela gesta pari um projeto e...e isso partiu de uma...uma leitura sobre feminismo negro que nós estávamos fazendo em que uma...uma professora Quilombola falou justamente isso sobre é essa esse potencial da mulher não necessariamente só como mãe mas como cuidadora de sua comunidade nesse espaço uma...uma potencia criadora me escapou agora o nome da professora mas depois eu tenho o texto ai eu te falo então agente vai...vai fazendo de acordo com a com o que surge né e a ide...fizemos esse encontro foi uma roda de conversa muito...muito bacana e até...é...é...uma das participantes tinha acabado de lançar um livro e ai foi muito legal da gente pensar que o...patriarcado nos quer mulheres cuidadoras de filhos dentro de casa mas agente consegue também ficar fora de casa transformar esse mundo trazer um...um conforto né um bem-estar e uma mudança pra todas nós então isso estimula demais quem fala digamos num puerpério pesado e saber que olha tem um filho pequeno mais eu to aqui produzindo no mundo eu sou do mundo também eu sou mulher eu sou né e que a maternidade ela...ela apreende mas ela também ensina e ela pode virar essa força de transformação que foi por exemplo o que aconteceu comigo eu (incompreensível) do movimento mas nunca participei diretamente e ai quando eu vivi mãe eu vi essa necessidade e hoje eu não largo por nada assim apesar das dificuldades tem que sempre tá criando e movimentando e porque eu sei o quanto é bom fazer parte disso pra mim como pessoa me estimula mas também pra sociedade como um todo pra mulheres com quem eu convivo que eu converso e é isso.

Participante: Mais do cotidiano com certeza.

--Participante--: O feminismo que agente pratica é mais do cotidiano e assim é...quando eu falei que ele já se transformou já mudou já teve divergências dentro foi muito (risadas) porque

como eu disse agente não bem era um movimento de apoio as mães e tal mas muita gente já olhou o movimento que (incompreensível) olha essas mãezinhas e agente odeia esse termo mãezinhas por que coloca a mulher naquele lugar que agente percebe que querem que agente esteja de não questionamento e apenas obediência e ai veio a eleição de 2000 e...17 né 2018 e quando agente se coloco contra a os fascistas (risadas) (incompreensível) saiu sei lá 30% das mulheres por que achavam que...e homenstambém que seguiam a maioria mais mulheres mas ai porque não tem que misturar as coisas mas a minha maternidade política a nossa maternidade política agente tá aqui pra isso pra transformar o mundo pra ser um lugar melhor pra gente pros nossos filhos pros nossos netos então a nossa maternidade é política e politicamente agente se colocou no lugar de não quero pessoas quetripudiem da mulher que ache que a mulher merece menos por que ela passa 9 meses gestando porque ela passa tantos meses de licença maternidade e desconsidera em toda a...a...a...o potencial todo o trabalho que a mulher tem historicamente é...enfim então agente se colocou contra isso e ai perdeu vários seguidores várias pessoas deixaram de seguir outras pessoas já achavam que...que agente tinha que mudar tudo e olha vocês tem que fazer e assim é engraçado que a maioria das pessoas que diziam olha eu acho que tu tem que fazer isso e aquilo eram pessoas que não faziam com (incompreensível) como...como eu disse é um trabalho voluntário então quem achou legal eu fazer uma roda pras crianças e agente fazer uma...uma coleta e botar um pula-pula tá mas nem sempre é vai dar e não é que isso vai acontecer sempre que muita coisa pode ocorrer (incompreensível) entre as possibilidades e...e já teve por exemplo é farmácia procurando agente e agente achou que não deveria se ligar a isso por que (incompreensível) muitas vezes também vem assim a então comunista radicais e querem parir na água por que não sei oque uma...uma...uma noção totalmente assim é estereotipada de quem quer um parto respeitoso eu nem falo mais parto humanizado porque esse termo já tá tão acho que enalhado que agente prefere falar em parto com respeito e o parto com respeito ele pode ser da via que agente quer e da via que é necessária mas da via que acabou sendo então agente tem informações sobre aquilo não simplesmente alguémdizendo ai por que queres sentir dor a dor existe e vai existir enfim em vários contextos mas o queeu posso fazer pra evitar essa dor o que eu posso fazer pra aliviar essa dor (incompreensível) por exemplo eu tenho uma cesária não vai doer claro que vai então as mulheres são muito enganadas nesse sentido e é isso que importa (incompreensível) a informação sobre todos os processos e deu dizer também que...que dentro desses processos é...é negativo pra mulher não é recomendável agora uma luta que agente vai ainda organizar pra fazer uma discussão em termo da nova caderneta da gestante a nova caderneta da gestante não fala em respeito a mulher no parto ela

não fala em dor (incompreensível) e é uma profissional que pode te ajudar muito nesse processo de conseguir um parto respeitoso um parto com respeito informação (incompreensível) ela eles não falam...elesfalam eu até terminei de ler a cartinha da gestante hoje né é...eles falam em procedimentos que não são indicados pela OMS e que são colocados lá como olha o médico vai dizer se isso pode não podetipo episiotomia corte na perínea que dizem que facilita a saída da criança não o que facilita a saída da criança no parto normal é o movimento que a mulher tá fazendo é...a (incompreensível) que a mulher tá fazendo é a espera pelo tempo da mulher e da criança é a presença de uma doula por exemplo ajudando a minimizar as dores aplicando forças naquele processo é você respeitar a posição que ela quer parir pode ser de cócoras pode ser no chão pode ser sabe e episiotomia não é recomendado tem vários obstetras respeitados pós doutores que estão a anos sem fazer episiotomia porque não tem necessidade nem uma e ai vem uma caderneta com a gestão criada em 2022 falandouma coisa que a décadas já que indicam que não é feita a mais é o médico que vai dizer na hora não nessas questões da gente conversar com várias gestantes já teve relato de gestante que pariu criança de 2 quilos e a médica fez episiotomia por que ela achava que a criança era grande e agente sabeque o tamanho médio é 3 quilos né e que tem crianças que nasceu recentemente inclusive teve uma...uma das mulheres que participam do grupo que teve um bebê gig que é aquele bebê muito grande 5 quilos o menino nasceu nasceu com 5 quilos e ela não fez episiotomia ela teve um parto normal ela teve a presença de uma enfermeira que ajudou que acompanhou o processo que acompanhou em tudo e teve um médico que a respeitou naquele momento teve liberdade demovimento e o bebê nasceu e ela teve uma laceração leve que não precisou nem de ponto e ela...elaé uma grávida também que teve ele é o segundo filho o primeiro filho nasceu de parto cesariano também foi um bebê grande e ai pergunta pra ela qual foi a diferença de um pro outro informação apoio é e ai e qual foi o mais confortável qual foi o mais prazeroso pra ela o parto normal a mas nãoé a melhor pra todo mundo não não é mas se a mulher tem a possibilidade de escolher isso de ter informações reais sobre isso e não o terrorismo que costuma ser feito em relação aos partos enfim e...e ai quando você coloca numa caderneta num documento oficial que vai ser dado a todas as gestantes que episiotomia é uma coisa que pode acontecer se o médico achar que deve isso é um absurdo isso é um absurdo todos os médicos que trabalham com evidências científicas os obstetras bem formados e informados sabem que não é nunca necessário enfim ai essa é uma luta né que infelizmente quando agente teve a primeira dissensão lá no inicio se mostrou (risadas)

enfim vamos

--Cris--:Falas

--Participante: eu gosto muito da Bell Hooks assim é os livros dela são extremamente acessíveis e reflexivos e ela escreve baseado na realidade que ela viveu claro mas o que acaba sendo a realidade de todas as mulheres então eu gosto muito da Bel Hanks é aqui no Brasil tem uma médica obstetra feminista é lá de João Pessoa da Paraíba incrível que é a Melânia Amorim e ela é a médica obstetra Phd professora pesquisadora que fala por exemplo que faz que trabalha que atua acompanhando partos não fazendo porque ela mesmo diz quem faz o parto é a mulher se eu faço uma cesárea não é um parto é uma cesárea que teve que ser feita mas quem faz o parto é a mulher agente só acompanha e ela diz fala sobre a episiotomia ela tem estudos sobre a des...sobre a não necessidade como não é necessário realmente ela tá a anos sem fazer então a Melânia Amorim é uma médica que tem realmente acompanha mas de escritora feminista a Bel Han...tinha a Amanda também nós já num dos encontros nós falamos também é como educar crianças feministas né aquele livro dela nós conversamos sobre isso foi muito interessante foi muito legal porque agente tem essa possibilidade de com os nossos filhos tentar né mudar as consciências mudar os pensamentos trazer mais reflexões pras ações.

--Cris--:Falas

--Participante:Eu sempre fico triste assim por que é eu percebo que se usa muito de uma...deixa eu ver como é a palavra é muito...desonesto assim o pensamento de dizer assim a essas mulheres feministas mas olha as mulheres e...eles usam uma arma que é do patriarcado que agente sabe de colocar mulheres contra mulheres olha essa mulher é feminista mas olha como o feminismo não existe por que não existe sororidade dentro do feminismo tem várias vertentes e elas é discutem entre si que é uma verdade mas tudo também é se agente for esticar mulheres são pessoas e pessoas são flexíveis pessoas não são iguais entre si cada uma tem seu pensamento tem a sua (incompreensível) então essa divergência ela é extremamente fundável e isso (incompreensível) complica (incompreensível) sim ou não mas em que cada realidade uma coisa vaise aplicar ou não (incompreensível) já foi criticada por uma vertente do feminismo mais liberal mas ela também tem outros posicionamentos que são sempre é...muito interessantes merecem reflexão então eu acho que o feminismo ele sempre conversa entre si e...se você estuda e vivência e realmente por exemplo (incompreensível) vamos ter diferentes mulheres em diferentes contextos é por isso que eu digo que acaba achando que o feminismo na prática ele é muito mais rico o feminismo teórico as vezes se perde (incompreensível) acaba é por

(incompreensível) as diferenças e não lutando pelas (incompreensível) pra que então (incompreensível) das mulheres (incompreensível) é já aconteceu de nós conversarmos e participarmos com políticos na câmara na assembleia de partidos de direita ai mas como assim apoiadores dele (risadas) talvez sim mas agente tá ali em busca de por exemplo é de melhores estruturas pra maternidade mulheres estruturando o trabalho pra mulheres que tem filhos mulheres mulheres em condições de vida pras crianças que pedindo (incompreensível) então agente tá ali na luta pra que que as mulheres todas tenham tenham melhores condições de vida né principalmente as mães que tem que trabalhar tem que colocar os filhos na escola precisam de creches que precisam de hospitais então se o...o político x é de direita e fala sobre isso eu vou la conversar com ele vou participar junto com ele né e ai isso eu acho que o que eu percebo é que sempre ha mais no movimento mais teórico nos de universidade acabam se colocando contra não mas eu não vou por que fulano não é de direita não é de esquerda e isso e não tem ideias é neo-liberais e tudo mais concordo com tudo isso mas hoje a ideia é pra gente buscar melhores condições pras mulheres então nós vamos lá então nesse sentido que eu acho que que na prática a teoria se desconstrói de algumas formas e precisa né (risadas) (incompreensível) tem um construto e ele vai se transformando de acordo com o que as evidências fazem (oi gatinha falando com a mariana) e ai vai se transformando.

--Participante .Despedidas

--Participante .Eu acho que um crítica por exemplo acho que eu não (incompreensível) eu vejo tanta coisa boa no ciranda eu sei que por exemplo é...falta ainda pra gente uma organização melhor que é um movimento que agente tá tentando fazer de transformar em ONG mas ainda não conseguiu por que eu tenho que escrever todo o projeto a missão e encontrar realmente quem vai tá a frente disso e...e isso agente não conseguiu e...enfim organizar por exemplo dados sobre violência obstétrica coletar os relatos isso sempre fica é...fica faltando mas é...é um sonho que agente tem (incompreensível) tem umas jornalistas que entrevistam agente ai eu tenho vontade olha tu não quer fazer um trabalho (risadas) por que são dados que sempre faltam e que eu acho que daria uma seriedade maior pro movimento pra quando por exemplo agente participa de audiência pública de trazer dados tinha uma ouvidoria no hospital da maternidade pra coletar os relatos (incompreensível) essa ouvidoria não existe foi retirada de la na última audiência pública agente pediu o retorno não retornou e ai ficou parado ai ficou parado esse processo infelizmente quem sofre violência obstétrica tem muita dificuldade de denunciar porque tá com dor do recém nascido enfim por vários coisas e ai muitas vezes eles chegam a afirmar na cara de pau pra gente que não existe por que ninguém fala (risadas) (falando com a mariana) pois é e ai assim a política e o que agente tem muito a melhorar é isso basicamente

isso.

3. PRIMEIRA ENTREVISTA 01. SEGUNDA FASE DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARTICIPANTE 03:

Iniciei minha trajetória, na escola, no ano de 2013. Mas, na verdade, eu já trabalho na área da educação desde 2009, ano em que fui professora de reforço escolar. Penso que sempre tive esse incentivo em razão da minha família ser, consideravelmente, uma família de professores. Tenho muitas recordações da minha mãe de criação, que é professora, e da dedicação que ela tinha com seus alunos e, já na graduação, eu a tinha como uma das referências de profissional que eu queria ser.

Na verdade, penso que tive uma criação feminista, mesmo sem eu saber. Fui criada pela minha avó e tia paternas. Então, elas sempre frisavam a questão da independência da mulher. Tinha uma frase que minha avó dizia, mais ou menos assim: teu marido é teu emprego. Minha tia, professora, sempre dizia que o conhecimento era a única coisa que ninguém poderia tomar de mim. Foi nesse contexto que cresci, de buscar minha liberdade e emancipação, pois era para isso que eu era aconselhada. Quando cheguei na graduação e na especialização, onde tive contato com as leituras feministas, pude confirmar e me reconhecer mais como uma mulher feminista.

Bem, eu me percebo uma mulher com certos privilégios, em relação a minha realidade, se comparada a de outras mulheres. Não sou casada, não tenho filhos, e por aí a gente já vê que, no que se refere a tempo, eu posso me dedicar ao trabalho e a dar continuidade aos meus estudos com mais tranquilidade. Uma mulher que é mãe, por exemplo, já temo tempo muito mais comprometido, pois a gente sabe que a carga, para a mulher, é sempre mais pesada.

Bom, acredito que a primeira ação que busco tomar é reavaliar o currículo da minha própria disciplina. Como sou professora de filosofia, me pergunto: Existem filósofas nele? Essas mulheres são de qual geografia? Pq só se fala em filósofos, homens, brancos, europeus? Essas indagações são recorrentes pra mim, principalmente se a gente considerar que, na filosofia, as mulheres também sofreram um processo de silenciamento. Então, eu busco trazer essas mulheres filósofas para a sala de aula, para que meus alunos e alunas as conheçam. E, não somente isso, a filosofia é um campo de conhecimento muito vasto e dinâmico. Sabendo conduzir, a gente pode trazer discussões feministas para a sala de aula, e eu percebo que os

alunos gostam disso.

Penso que um pouco dos dois. Pela minha trajetória pessoal, tudo começou no cotidiano, na criação, nos conselhos da minha avó e das mulheres da minha família. Mas, eu considero de extrema importância tudo que aprendi sobre feminismo na universidade. Esse conhecimento expande a nossa mente e nos faz ver a sociedade de uma outra forma.

Eu sou um pouco suspeita pra falar da atuação docente. Sou apaixonada pela minha profissão, não numa visão romântica, mas na perspectiva social da educação. Só o fato de ensinar algo a alguém, já torna a mim e meus colegas pessoas de relevância pra sociedade. A educação emancipadora e crítica é o único meio que nos tira da nossa própria alienação. Nos faz ver e questionar as injustiças, a desigualdade, e esses são um dos pontos positivos do ato de ensinar. Para mim, o maior ponto negativo é ver como a educação é tratada como último plano, principalmente no contexto atual, onde a gente vê um governo voltado ao desmonte da educação pública.

Gosto muito da Simone de Beauvoir, pelo seu viés existencialista e feminista, principalmente quando ela questiona o “eterno feminino”. Também, autoras como Silvia Federici, Evelyn Reed, a professora Viviane Mosé, e a Márcia Tiburi, pela formadidática com a qual elas falam de filosofia e feminismo.

Bom, a primeira análise que eu faço é perguntar da onde essas críticas vem. Elas partem de quem? Estão embasadas no que? Isso é tão importante para mim, principalmente pra gente desmontar os achismos relacionados ao conhecimento sobre feminismo. Posso até estar enganada, mas, vejo que muitas críticas ao feminismo se dão em razão da falta de conhecimento sobre o mesmo. Feminismo não é sobre mulheres serem melhores que os homens, como a gente ouve por aí.. É sobre um mundo mais justo e igualitário para mulheres e, conseqüentemente, para homens também. Entretanto, se eu fosse pontuar uma crítica, com muito cuidado, é em relação a algumas discussões feministas estarem afastadas da realidade das mulheres cotidianas. Da mulher pobre, preta, periférica, da assalariada, da que vive de auxílios, da que está no trabalho informal. Será que as discussões feministas estão incluindo essas mulheres? Será que o “empoderamento” chega até elas? A discussão feminista tem que atingir essas mulheres, pq elas representam a grande maioria, e o feminismo não pode estar restringido, apenas, ao ambiente acadêmico e a mulheres de certo grau de escolaridade.

4. PRIMEIRA ENTREVISTA 01. (SEGUNDA FASE DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS) PARTICIPANTE 04:

a. Primeiro Vídeo

Boa tarde, eh vou fazer uma breve apresentação a fim de esclarecer algumas informações. Eu sou Cristiana Rodrigues de Oliveira, sou mestranda do programa de pós-graduação em educação da UNIFAP, orientanda do professor Carlos Cariácas, que faço parte de um grupo de pesquisa denominado hermenêuticas do sensível, utilizamos a formativapesquisa que é a metodologia que nós trabalhamos nesse nosso estudo. Ah eu tenho desenvolvido um estudo sobre mulheres feministas atuantes em movimentos sociais aqui em Macapá. A fim de localizar a dimensão educativa dessa atuação demulher feministas.O meu o meu objetivo principal é analisar a autoavaliação desenvolvidapor vocês feministas, atuantes em movimentos sociais e a práxis educativa que vocês desenvolvem nesses movimentos sociais. E tentar compreender como é esse processo, como vocês atuam e acompanhá-las eh nesses encontros. A ideia é encontrá-la ao menosquatro vezes, os encontros podem ocorrer virtual ou presencial. Esse nosso primeiro momento vai ser nesse modelo de entrevista, segundo aquele roteiro que eu te mandei e WhatsApp e os outros poderão ser também via WhatsApp com algumas atividades que eu vou enviar e você pode me responder por lá mesmo ou podemos fazer também aqui nesse nesse nessa plataforma. daí nesse nosso primeiro encontro de hoje eu vou tentar ser objetiva pra não tomar muito do teu tempo, seu trabalho daqui a pouco, mas se você quiser, falar algo mais, acrescentar algo mais daquilo que eu coloquei no roteiro, você pode acrescentar perguntas que eu vou fazer ou mesmo mandar mensagem no WhatsApp, tá bem? Depois se você quiser complementar, lembrar alguma coisa. Pra iniciarmos, eu gostaria que você me falasse o seu nome Oi. Meu nome é Suane Brasão. Oi Suane. Que eu tive um um aqui pensei que tivesse caído a sua internet. Que eu vou botar o áudio. Fone pra garanti no seu áudio. Tá vendo, que eu tô na área externa da minha casa cê tá me ouvindo? Sim, ouço bem Cê pode falar alguma coisa? Sim.Você, qual sua idade? Eu tenho trinta e oito. Você tem filhos? Não. você é solteira, casada? Eu sou casada. Você atua em algum movimento social específico? Está em algum coletivo? Você faz parte principalmente de algum movimento social? Eu faço parte de

alguns coletivos. sou uma das fundadoras do grupo de jovens Inda que hoje a Zimba e é um grupo de jovens que existe desde mil novecentos e noventa e três, noventa e quatro, nos primeiros registros que a gente temdo coletivo e surgiu aqui no Brasil Novo, a medida em que a gente teve esse impacto de vir morar pra uma pra uma área de periferia, uma área de invasão e e aí a gente começou a reunir essa juventude do entorno do bairro e começamos a desenvolver os projetos e de arte e cultura. Também faço parte do também faço parte do coletivo do Mama que é Movimento Articular de Mulheres da Amazônia onde a gente discute eh várias perspectivas a partir da soberania das mulheres amazônidas e eu faço parte do claro do Mamá Amapá né? E a gente discute em rede com toda a Amazônia brasileira eu também faço parte coletivo Amazonizando que é um coletivo que nasce em São Paulo a partir da necessidade eh de externalizarmos e de falarmos sobre essas trocas identitárias da Amazônia esse Brasil. E da nossa maior expressão, o nosso ponto de partida eh enquanto coletivo amazonizando é a partir do Amapá, do lugar de fala do Amapá como outras eh outras companheiras que estão eh com residência eh em São Paulo ou em alguma outra região sudestina eh e que são da Amazônia trazem o seu ponto de vista o seu lugar de fala seu ponto de nascimento, não o seu ponto de atuação de moradia. Então por estar um tempo em São Paulo eh acabamos fundando esse coletivo que tem como maior expressão as tradições artísticas, culturais do Amapá, no caso Marabaixo, Matheus e e a partir dessa dessa perspectiva a gente desenvolve outros trabalhos de de de educação amazônica, de de aproximação eh do Brasil com o nosso território com pertencimento amazônico. Eh também faço parte da Associação Recreativa e Cultural de Menino Deus que é a associação aqui que a gente discute tradições marabaixeiiras a partir eh da cidade de Macapá ali do Pacoval da tradição da Tia Zefa que é minha avó Também faço parte da associação. Até amanhã de manhã, amiga, mas eu vou parar por aqui. Também faço parte da Associação Quilombola da Associação de Moradores Quilombolas de Ilha Redonda, a ANCI que é a primeira associação de moradores fundadapela minha bisavó que é Mariana Maria Máxima. E que é a matriarca da comunidade e a comunidade quilombola de Campina Grande as duas comunidades em que eu mais vi e identifico. Né? Embora tenha a trajetória quilombola orienta de todos os meus ancestrais, de todos os meus avós, de todos os meus avós vendiam um quilombo diferente Isso me fortalece enquanto quilombola, mas as duas que eu participo mais ativamente é Ilha Redonda e Campina Grande do qual faço

parte das duas associações. Vou parar por aí nesse momento. Muito bom, excelente eh porque quanto tempo de militância você tem movimentos sociais? Olha algo que marca a minha história é que em aproximadamente noventa e dois eu não sei precisar exatamente a data nesse momento se não mefalhando a memória. Mas vamos colocar aí noventa e cinco. O que me vem à memória é e que já faz parte também da história que eu já pude ver esse registro a fundação da Associação de Mulheres Profissionais do Sexo. Detalhe, eu era uma criança, mas a minha mãe e eu sempre na barra da saia da minha mãe, né? Odiava ficar em casa tirando o horário da escola eu tava com a minha mãe e nesse momento eles estavam eh fundando a fêmea, a Federação de Mulheres do Estado do Amapá, do qual também faço parte e não não acabei não trazendo aqui, mas faço parte por intermeio da AMUVE que de mulheres unidas para vencer que é a primeira associação de mulheres aqui eh eh de Macapá, não sei se do estado, não tem esse registro, mas do de Macapá tenho certeza que foi quem deu o pontapé inicial para a fundação da fêmea, Federação de estado do Amapá e aí várias associações foram sendo criadas pras mulheres poderem discutir sua autonomia social, discutirem eh a violência doméstica que na época era muito grande, emprego e renda, entre entre outras políticas, né? Afirmativas. E e aí, esse meu, esse algo que eu sempre sinto, porque é algo que me vem de registra. Eu faço parte, eu assinei a ata de fundação eh dessa associação, Associação de Mulheres Profissionais do sexo, da beiradeira de Santana. Então, essa associação ainda existe e recentemente eu estive com as fundadoras pra gente falar sobre qual seria o caminho da associação não parte dessas nunca fiz parte ativamente da associação, mas estou lá no seu registro. Isso me faz pensar que a minha a minha formação social, a minha formação política efeminista ela vem desde a barra da saia da minha desde o quanto que eu olho pra trajetória de minha mãe, de minhas tias e de minhas avós que são que são eh chefes de família e a movimentação dela já me fez pensar em ser uma mulher autônoma, em ser uma mulher que constrói, que constrói políticas públicas e será uma mulher que que fazeh que produz para além de si. Que produz para o outro, que produz coletivamente o meu tempo de militância eu falo que é de berço desde a casa da minha mãe para além de qualquer outro curso, de qualquer outra formação acadêmica que eu possa ter adquirido antes. Então eu digo que desde os nove anos de idade considerando que eu tenho trinta e oito são Trinta e sete. Muito bem. Vinte e nove na verdade, qual a sua escolaridade e a a

sua formação? Já vou fazer observações que aí você já fica tranquila pra falar a vontade e convertendo o feminismo que você se identifica e que você atua se se é que tem alguma específica. Bom eh a minha formação eu sou docente no ensino superior, sou professora e antes da minha formação eh artística antes da minha formaçãoeh científica acadêmica eu me identifico enquanto artista, eu eu sou artista de múltiplas linguagens, dentre elas teatro, dança, música e cultura popular dos quais eu mais tenho trabalhos desenvolvidos e a cultura popular é minha primeira formação não é uma formação acadêmica mas ela é minha primeira forma de berço de raiz por ser a tradição do mar abaixo, por ser a tradição do batuque, a tradição da organização social dentro dos quilombos para para receber, para manifestar a fé empreender e para muitos outros, muitos outros motivos de prática cultural mesmo e ancestral de nossas comunidades. E e desde então eu passei por várias várias outras formações muita coisa na vida profissional porque definir muito cedo na minha vida que eu não ia arrumar um emprego e que eu nãoqueria ser empregada de ninguém e isso me fez trilhar a minha a minha formação muito de forma empreendedora sabe? Muito de forma autônoma. E e hoje enquanto feminista eu acho que eu sigo muito mais essa prática mulherista.

O mulherismo pensa tradições africana, pensa a mulher e a sociedade a partir dos princípios e das tradições africanas, mas também sinto que já fui, sinto que já me me identifiquei com com uma ala também que é chamada de feministas radicais que trabalha com de forma muito reativa, de forma muito combativa, de forma muito hoje não sei como dizer uma outra palavra sem ser eu vou ficar com essas duas características porque eu não consigo me lembrar uma terceira sem rotular. Então e aí quando eu falo de forma muito radical porque pra mim poucas ideias conversa zero e e resolver tudo isso muito do ponto de vista da lei, do ponto de vista da da sem sem análise, sem fazer uma análise da temporalidade, mas muito no sentido de da punição, muitos no sentido de é preciso pagar e é preciso pagar da forma máxima da lei Só que quando a gente vai olhar pra esse princípio a gente desconsidera toda a formação histórica, a gente desconsidera se aquele cidadão já teve outros crimes ou outros outros problemas com o que levou o que levou eh determinado determinado agressor, determinado eh pessoa que está, está em contraposição aos marcos legais, a lei, a desenvolver, a chegar até ali. Então, eu sinto que hoje a ala radical em que eu participava, ela é muito, muito muito punitiva. E hoje eu não acredito mais na punição

como o único rigor de mudança de transformação social. Então eu parto do princípio hoje de que eu me identifico muito mais com a formação, com a identificação do ponto de vista feminista do mulherismo que são o que é a partir do olhar e do pertencimento das mulheres africanas que identificam que toda sociedade ela vai se movimentar a partir da movimentação dessa mulher. Então o mulherismo ele também entende que eh É preciso olhar pros nossos homens a partir de uma de uma busca da temporalidade considerando todas essas práticas raciais, todos esses todo esse embate qual o papel desse homem na sociedade, quer que o patriarcado fez também, entendendo esse homem muitas das vezes também como vítima de um processo social. Então antes de perceber o homem como o maior culpado pelo agressor, pela pelas agressões que comete é preciso perceber o homem também como vítima. Porque se nós enquanto mulheres também estamos num lugar de também ocupamos, não estamos. Também ocupamos um lugar devítima, ora sim, ora não. É por de todo o processo social que construiu a nossa estada nesse lugar. Então se é assim pra mim quanto mulher, por que que não é assim enquanto homem? Eu não estou dizendo que que hoje a gente não deva considerar as punições. Não não deva considerar a a gente não não não deva considerar que vários atos podem ser inclusive criminosos, mas eu acho que a forma de tratar, a forma de olhar precisa ser mudada Bom, eh aí agora eu vou passar pras perguntas que essas eram informações iniciais, eu vou fazer blocos de duas porque aí você vai narrando bem tranquila, bem à vontade, tá bem ahm o primeiro é o seguinte, é pra você falar um pouco sobre a sua história nos momentos sociais, né? Que de certa maneira você até já já contemplou na sua fala anterior, mas cê pode completar e como que você consegue conciliar suas atividades pessoais eh com a sua atuação nos movimentos sociais, como que você faz essa esse acho que é muito cedo na vida eu percebi que um ato não está deslocado do outro como como já te disse pensando essa lógica da minha formação social, da minha formação feminista, da minha formação política, eu entendo que enquanto a minha vó está na roça ela está fazendo política Porque o ato dela de pegar os produtos dela enquanto agricultora, trazer pra cidade, levar pra feira, vender, pegar esse recurso, voltar pra casa e fazer a sua partilha Quando a minha vó partilha o recurso que ela mesma adquiriu, com a forma como ela partilhava, ela está fazendo política. Então eu não sinto que que exista um deslocamento, um ah nesse momento eu vou ser política, eu vou ser ativista. Não pra mim isso tá tudo dentro de uma coisa, uma harmonia, de uma cosmologia

social que é cultural da forma como vivemos. E acredito que isso esteja presente nas minhas avós e acredito que isso esteja presente na forma como eu atuo hoje porque não existe na hora de empreender, eu nos separo, o meu empreendimento da minha forma de educar em sala de aula. Não tem o momento em que eu vista essa roupa de ativista ai agora eu estou ativista e agora eu estou economista. Não existe isso. Na minha formação. Então eu acredito que essa lógica ela está presente, presente, presente. Desde quando eu lido, de quando eu falo, de quando eu atuo com os meus sobrinhos com as crianças que tão próximas de mim, porque eu não deixo de ser exemplo a forma como eles tão me vendo também a forma como eles podem reproduzir. Eles não ficam vendo só exemplos de pai e mãe, ele vê, eles veem o exemplo de todos os adultos que estão em torno dele então pensando essa lógica eu entendo que a minha minha atividade enquanto ativista ela está presente em tudo que eu faço desde a forma como eu movo e arrumo a minha casa até a forma como eu me posiciono na rua como eu me posiciono pra falar aqui com você. Né? Então é uma escolha política a forma como eu coloco a minha cozinha por quê? Porque eu quero que a minha cozinha seja parecida com a imagem tradicional da cozinha de minha vó. Que também tem a ver com a forma como eu quero preservar a minha tradição.

Eu podia ter vários móveis na cozinha, eu podia mas eu prefiro ter prateleiras. Então pra mim , eu não vejo deslocamento, a minha vida acadêmica, a minha vida profissional, a minha vida social, a minha vida cultural toda ela está permeada pelas minhas formações ideológicas. Isso me faz também te dizer que não existe neutralidade, por quê? Ah, pra eu ser neutra em uma escolha, eu vou considerar toda a minha sabedoria, toda a minha sabença, todo o meu estudo anterior logo eu vou considerar as minhas raízes pra tomar qualquer decisão. Então, não existe neutralidade no meu fazer, não existe, agora eu vou fazer a roupa disso, agora eu vou ser aquilo. Não, a minha vida política, a minha social, ela tá muito engajada desde as minhas escolhas do que comer. Quando eu prefiro comer frango de quintal comprado no quilombo ao invés de ir aqui na Nutriama e comprar um frango daqui, eu estou fazendo uma escolha política de onde de onde eu coloco o meu dinheiro. Então, eu não sinto, não sinto que pra mim esse deslocamento aconteça. Não sei se eu respondi as duas perguntas, querido Sim, sim, respondeu, perfeito. Eu não quero atrapalhar, por isso que eu te deixo. Se contemplar já outra pergunta eu já vou organizando

aqui. As outras duas são as seguintes, ahm pra você falar de maneira, claro, de forma geral pra ah talvez não tenhamos tempo pra detalhar, mas de maneira em linhas gerais quais as atividades didáticas pedagógicas que você desenvolve nesses movimentos sociais se possível dar alguns exemplos e qual a vertente do feminismo, de certa maneira também você já respondeu isso lá no início, mas falar um pouco também. Ah você integra a sua atuação, é um feminismo mais acadêmico, é mais do cotidiano se acho que o meu feminismo é muito mais do cotidiano, muito mais do cotidiano, muito mais da troca. Eh com certeza a forma como eu recebo é alguém na minha casa isso já está marcado, né? A minha casa costuma ser didática, toda cheia de coisas, de frases e descritas na parede eh então acho que que não que eu queira ser esse lugar do exemplo mas eu acho que eu tento eu tento ser aquilo que eu aquilo que eu falo né? E o terceiro que se a gente ser e ser o que a gente é, existe uma grande distância, porque a gente normalmente, a gente é o que pode e não o que a gente quer ser e não o que a gente pensa ser. Considerando isso, eu procuro eh ser bem parecida com aquilo praticar na palavra. Que como a palavra pra mim tem muita importância, como a palavra ela tem muito poder. Eu procuro usar a palavra pra fazer a diferença Então no Coletivo Amazonizando eh a gente atua muito no sentido de amplificar as narrativas.

Durante 2020, durante o processo de pandemia a gente fez várias lives. Eh ainda com o coletivo amazonizando na época do apagão, a gente várias vaquinhas solidárias, a gente participou de vaquinhas de outras instituições afim de dar conta de trazer alimento e de trazer água pra com o coletivo amazonizando a gente desenvolve várias atividades de Marabacho e de práticas culturais que a gente possa fortalecer outras pessoas que são da Amazônia e que estão morando em outros territórios fora da Amazônia e que por sim e por necessidade de não sofrer tantas violências elas a sua amazonismo, a sua a sua identidade amazônica. Exatamente pra garantir que não sejam mal. Então eh com o Coletivo Amazonizando a gente trabalha muito no fortalecimento da identidade de cada pessoa que é a Amazônia e daí que tem território. Eh com o Grupo Zimba só assim. Tudo bem. Oi querida ó oi querida tu pode abrir lá eh eu vou chegar a dezesseis e trinta tá bom Então, com o Coletivo Amazonizando, cada jovem que chega, a gente faz um trabalho de busca da identidade desse jovem. Então, a gente, o primeiro exercício da pessoa que chega no grupo Zimba, é fazer a investigação, quem é teu pai, quem é tua mãe, quem é tua avó, quem

são teus ancestrais, por que você chegou até aqui assim a pessoa consegue perceber que ciclo de violência que ela está vivendo, da onde vem esse ciclo de violência? Porque quando ela entende o quadro social sobretudo o quadro histórico ela vai entender o que que ela está vivendo hoje Ela vai entender o porquê que ela está reproduzindo eh questões sociais que vem das ancestrais dela. Que vem dos mais velhos dela. Então a gente entende que quando você sabe o caminho oposto o caminho de trás você vai entender como é que você quer seguir. Porque todo mundo tem todo mundo tem herança. Seja ela boa ou seja ela ruim. Então quando você entende qual é a sua herança, qual é os ciclos viciosos que você está repetindo você consegue pra desconstruir esse patriarcado, você consegue atuar pra destravar as tuas questões econômicas, pra destravar o porquê que tu não gosta de estudar. Se nenhum dos teus ancestrais estudaram, se você não viu nenhum dos teus ancestrais falarem sobre educação sobre essa questão eh científica. Então é muito difícil que você consiga.. É muito difícil que você consiga eh romper os seus ciclos sociais de agora se você não identificar qual é a origem desse ciclo então sempre a gente se pergunta em nossos coletivos eh de que forma que a gente pode contribuir? Na ilha redonda por exemplo a gente tá se perguntando hoje como que a gente pode perpetuar a tradição mas ainda assim torna ela mais contemporânea, porque na Ilha Redonda, na tradição do nosso Marabaixo, eh pensando essa perspectiva também do Quilombo, os maridos eles nunca poderiam ser festeiros Filhos e netos e bisnetos. Só que hoje a gente vê tantos os maridos quanto as esposas, né? Os cônjuges. Eu falo. E aí a gente fica se perguntando, mas será que hoje a gente repetindo a tradição dessa a gente também não enfraquece porque quantos nós somos, né? Então, na hora de contribuir o nosso cônjuge também paga, mas na hora de ser festeiro ele não pode manifestar a fé dele manifestar dele através de mim só que por que que eu vou carregar a fé e a promessa do meu cônjuge sea promessa é dele e se ele sente de fazer a promessa aqui? Então a gente tem feito essas discussões essas narrativas de como é que a gente pode ampliar, tornar isso mais contemporâneo, sem perder o eixo da nossa tradição. Mantendo, salvaguardando a tradição daquilo que a gente traz no quilombo. Então como é que a gente entende que parte do que parte do território hoje não é mais mas a gente tem uma escola que tá ali e essa escola não pode aceitar só nós quilombolas precisa aceitar também as pessoas que tão naquele território que não são quilombolas. E logo elas vão lidar com outro tipo de religião, com religião cristã eh e aí a

gente quanto ativista social é que a gente vai ter que poder dizer, olha, vamos ter que conversar. Sem radicalizar, sem entender que o o que a tua congregação lá vai saltanizar o mar abaixo filho tá na mesma escola e meu filho vai encontrar com com o filho de um pastor e a gente vai a gente vai ter que resolver isso porque sim sim no a escola do Quilombo ela vai continuar a tradição do Marabaixo ela ela precisa trabalhar as questões de matriz africana, elas precisa trabalhar. Então a gente precisa entender enquanto ativista social, como é que a gente vai desenvolver dentro da escola a nossa atuação pra que essa tradição continue sem que a gente precise ofender, sem que a gente precise radicalizar com as crianças que não são do Quilombo e que os pais dela vão dizer que é aquilo é coisa do demônio e que elas vão querer se retirar da aula quando a gente estiver falando e fazendo o nosso marabaixo acontecer Então a gente entende que a nossa atuação ela é de extrema importância porque o papel do diretor, o papel das da da dos professores, dos pedagogos está muito limitada ao que diz o marco legal institucional para uma escola pública. Mas eles não tem eles não tem o dever de salvaguardar a nossa tradição. Nós é quem temos. Então nós é que precisamos pensar que tipo de atuação teremos e dentro da nossa comunidade quilombola sendo vizinha estando nas mesmas terras do Quilombo mas que não querem ser quilombolas ea gente precisa respeitar a tradição dele então a gente hoje passa por esse dilema de se perguntar enquanto Quilombo qual é essa atuação a gente vai ter na comunidade Quilombola de Campina Grande a gente tem eh hoje eu faço parte da Associação de Agricultores e a gente precisa lidar que quem está na Associação Quilombola é uma mulher branca e quem quer trabalhar de forma restritiva ela quer trabalhar de formaradical então ela discorda de quem está indo em torno da comunidade que não é Quilombo e a precisa fazer essa ponte de conversa. Então eu sinto que cada atividade, cada organização que a gente participa tem uma particularidade específica específica de de conflito. De conflito. E aí a gente entende que se você não tem uma formação pensadaa partir eh de entender os marcos legais e de entender essa prática social de ter esse acúmulo social, você vai pra dentro da instituição e você só consegue trazer mais conflito. Então, a gente entende a importância dos agentes culturais, dos agentes sociais, dos agentes políticos que são os ativistas sejam ela mulheres, homens, crianças, eh jovens, mas a gente entende que é muito importante esse terceiro setor estar presente. Então sobrepensar como é essa nossa atuação com aí a gente volta pra esse lugar de pensar é a

nossa atuação dentro dessa ala. É pensar toda a sociedade. É pensar que quando eu movido me movimento é um movimento todo mundo que está em torno de mim. E se eu me movimento do ponto vista da agressão. Muitos levantarão a mão pra agredir junto comigo e outros levantaram a mão pra agredir contra mim. Então é pensar que essa movimentação feminista ela está sempre circular, sempre aldeada porque não estamos sós. Não estamos sós então eh uma voz ela algo que eu fale aqui ela não vai ecoar sozinha mas ela vai ecoar porque muitos vão repetir. Então é sempre pensar que não importa que decisão individual eu tome, essa decisão vai ser olhada e vai ser no futuro deixada como registro pra alguém. Então é pensar sempre no ponto de vista da coletividade. Desde o uso das coisas dentro da minha casa até as nossas opiniões políticas como elas vão se dar. Porque qualquer coisa que eu vá usar na minha casa eu tenho que entender que outra pessoa vai usar depois. Porque eu não moro só. Então eh quando eu penso que as decisões que a gente vai tomar dentro da comunidade a gente tem que entender que essa decisão ela pode ser o melhor pra agora no que ela vai ser o melhor pra depois, porque ela seria melhor se tivesse sido tomada antes. Então, é sempre pensar qual que toda e qualquer ação a partir do ponto de vista do coletivo. Embora essa decisão seja tomada sozinha que tu diz? Eu queria te deixar falando aqui pelo que nós temos,. Ele pintado. Então, eu tenho as as o bloco, as outras mais duas outras perguntas é pra você falar um pouco sobre o que você considera mais relevante.

O que você considera mais relevante em sua atuação junto a sociedade e pra você citar aspectos positivos e negativos pelo seu ponto de vista das intervenções que vocês realizam né? Você realiza movimentos sociais e a outra é se você tem autores, autoras ou mesmo figuras públicas que influenciam na sua atuação como feminista. OK. Deixa eu medar um segundinho. Sim Vou começar aqui pelos autores, né? Eu entendo que Lélia González é absolutamente necessário. Eh Só um segundo. Eu entendo que com cita Maia é absolutamente necessário, Concita Maia é uma líder acreana. Eu entendo que mais importante do que pensar as as influências literárias zele amador do Pará tem um grande legado, trazido, estabelecido pra nós, mas e é também uma ativista que está entre a sua vida pública, enquanto enquanto trajetória de enquanto vida acadêmica. Não não não me é uma referência de leituras acadêmicas mas me é uma referência de de vida, de prática, de gestão e eu entendo todas as minhas referências elas são pensadas a partir de práticas porque pra mim uma das coisas que é mais importante é você praticar aquilo que você é, aquilo que

você vive. Sabe? É estar entre, não é parecer. É ser. Tenta parecer alguma coisa? Eu prefiro e aí quem quiser ver que veja e o resultado, quem quiser criticar, que critique e toda essa prática, ela acontece dessa nesse círculo. Porque daí eu posso ter a prerrogativa de mudar e quando eu mudo nos meus atos, nos meus hábitos, na minha trajetória, eu vou mudar a aparência e a imagem que as pessoas têm sobre mim. Então, é muito mais sobre o ser do que o sobre o parecer. E a vida acadêmica ela não é ser ela é parecer. Inclusive ela é parecer de parecerista. Eles querem que pra que o meu texto seja compreendido eles precisam eu preciso ter parecer e esse são eh eu repeti as coisas que outras pessoas disseram. Então o processo universitário ele não é e pra mim ele não é legítimo do ponto de vista do ativismo porque eu preciso, ele impede que eu consiga dizer sobre os meus próprios pensamentos e sobre a minha forma de dizer, eu preciso sempre ter o parecer de alguém que já escreveu sobre aquilo. Então eu acho que ele desconsidera as práticas empírica desconsidera os espaços, não como chama, não formais de educação. Enquanto isso for prioridade pra academia, Ela não ganha meu louvor. Embora seja isso que me enquanto referência. Eu prefiro muito mais continuar escrevendo artigos e publicar a eles entre os meus e transformar esses artigos em palestras como falo, como é uma de práticas em pegar, olhar essa trajetória de minha avó, trajetória de minhas ancestrais e transformar isso em sistematizar isso academicamente, mas não necessariamente eu preciso, eu preciso dessa academia pra chancelar, porque ela não vai chancelar a minha ela não respeita a minha ancestralidade porque ela não foi construída sobre os meus pilares. Porque a extensão dela não funciona quando a extensão dela funciona é muito pra eu estar dentro do campus levando a minha trajetória, o meu ensinamento, o meu saber e lá isso é transformado do que a própria academia vir aqui dentro do quilombo e vim ocupar esse quilombo e vim entender esse quilombo Então, enquanto a extensão da academia significar eu estar dentro da academia e não a academia estar dentro do nosso território, essa extensão ela não é legítima pra mim. E esse é um dos aspectos que faz desconsidera, eu canso demais de estar dentro da academia gente, canso demais, mas eu vou estar, eu vou eu prometo que eu vou, eu num vou dar um pé na bunda desse mestrado eu vou pra esse lugar, bora, bora, uma hora sabedoria chega e a gente vai lá. Fazer esse mestrado. Compreendo você. Enquanto isso, num me faz sentido ter que chancelar. Então, as minha eu sou artista de múltiplas linguagens, dentre elas teatro, dança, música e cultura popular dos quais eu mais tenho

trabalhos desenvolvidos e a cultura popular é minha primeira formação não é uma formação acadêmica mas ela é minha primeira forma de berço de raiz por ser a tradição do mar abaixo, por ser a tradição do batuque, a tradição da organização social dentro dos quilombos para para receber, para manifestar a fé empreender e para muitos outros, muitos outros motivos de prática cultural mesmo e ancestral de nossas comunidades. E e desde então eu passei por várias várias outras formações muita coisa na vida profissional porque definir muito cedo na minha vida que eu não ia arrumar um emprego e que eu não queria ser empregada de ninguém e isso me fez trilhar a minha a minha formação muito de forma empreendedora sabe? Muito de forma autônoma. E ehoje enquanto feminista eu acho que eu sigo muito mais essa prática mulherista. O mulherismo pensa tradições africana, pensa a mulher e a sociedade a partir dos princípios das tradições africanas, mas também sinto que já fui, sinto que já me me identifiquei com uma ala também que é chamada de feministas radicais delas é ligado a sua trajetória. Tá? É muito como fez. É muito como Zélia é amador, né? Que eu já citei aqui em festa claro que vai dialogar com outros objetos, mas sobretudo vai pensar a sua população, vai pensar o seu fazer local, vai pensar sua trajetória, sua ancestralidade, sua identidade, pra trazer isso como arcabouço faz e inventar palavras que a academia também não reconhece. Isso nos faz falar e escrever de uma forma que a academia não reconhece. Então o que eu entendo como mais importante é o ser, é o fazer. Parecer é escrito conselho, ser é escrito com S. Então, isso é o que eu tenho de mais importante e as nossa o que a gente tem de mais importante é esse legado que a gente vai deixando na nossa trajetória eh a forma como a gente atua, como a gente ocupa espaços que mais do que não na verdade tão importante quanto o ser é ser ocupando espaços que nunca ocupamos antes pra que a gente possa seguir pra frente. E sim, o que eu tenho de relevante e o que já voltou pra mim, que as pessoas tem como me deram como de mais relevante essa força da palavra. É a força como a gente diz, é a força como como a gente fala, é a força como a gente é, aquilo que prega, aquilo que tá falando, sabe maninha Então o que já me voltou de de algo que é muito importante no que eu faço é essa força física, essa energia vital, física que nos acompanha nesse falar, nessa escrita Tão e essa energia vital ela vem do lugar da onde a gente é oreano. Esse corpo que que é visto e que é entendido como ele é um corpo que traz os hábitos, movimentação das minhas avós e dos meus ancestrais É bonita? Então esse corpo cênico ele também é esse corpo que

também é cênico pro outro, que horas pra mim também é tudo quando eu estou determinando a minha arte, quando eu estou fazendo a minha arte, quando estou dando a minha aula esse corpo ele é cênico e ele é importante pra fazer pra se fazer entender. Então tão importante quanto dizer quanto ser É mapear também como eu quero ser vista. Muito bom, muito bom. E para concluir Sônia eu pergunto a ti o seguinte, o que que você pensa sobre as críticas que são direcionadas ao ao feminismo. Qual a sua a sua opinião sobre essas críticas? Eu penso que as pessoas não sabem o que eles estão dizendo. Então eu ia pedir pra pra axé, pra Olorum, cuidar da cabeça deles, porque uma hora eles vão entender o que tá sendo dito, eh colocar eh arte, colocar caminhos, colocar eh ainda que seja pela fé deles, meus queridos possam compreender de alguma forma o que é que está sendo dito porque é muito difícil você tirar as pessoas do ciclo vicioso patriarcado da fé que elas exercitam. E a fé ela é uma das poucas formas idealistas que limitam as pessoas. A fé. Então enquanto as pessoas exercerem a fé como um lugar de salvação, delas próprias, é aí que mora o perigo. Porque eu com a minha fé, quanto mais fé eu tenho mais diferença eu quero ver mar de coisas eu quero aprender, o mais eu quero escutar os outro, mais eu quero falar pra outros e aí a fé colocada do ponto de vista do cristianismo ela faz detrimento, ela faz julgamento, Então a fé cristã ela julga e infelizmente o julgamento gera estereótipos, gera juízo de valores, valores que não são compreendidos como saberes, e elas se julgam neutras, elas se julgam soberanas, existe um lugar só pra elas, esse lugar do céu, roupa só pra elas vestirem e na verdade tudoisso é fruto do patriarcado e do capital. É fruto de uma prisão que foi construída desde a nossa desde a colonialidade né? E Então hoje a nossa luta sobretudo ela também é de colonial. Ela é decolonial. As pessoas nem sabem o que significa o de colonial que aindaé uma palavra nova que a gente ainda está descobrindo conceitos sobre ela mas toda vezque eu vejo uma feminista em atuação eu vejo ela completamente decolonialista e que elaestá com certeza desconstruindo saberes que foram colocados não por nossa cabeça própria mas por por colonizadores. É por isso que eu também as vezes eu evito conversarcom porque não está pronto pra ouvir Porque até eu até quando você fala sobre eu não sou muito carinhosa não e a forma como como se diz às vezes ela é meio ofensiva. Até dentro de casa porque a verdade dói, não importa se você faz é com carinho, se fale com raiva ou com porrada. Verdade dói. Aí a pessoa diz que você não soube falar, entendeu? Ela ah mas porque você falou e foi grossa. Se fulano me falar,

fulano fala melhor. A verdade é que a palavra já foi dita a verdade já foi entendida agora ela vai ser refletida e reverberada em seu corpo e até você passar por esse processo vai doer entendeu? Aí você vai aí você vai dizer não A primeira vez que tu ouve, aí a pessoa vai julgar que você foi você foi grossa. A segunda pessoa que falar já vai entender melhor, a terceira pessoa que falar também. E assim as coisas vão se arrumando aqui dentro desse corpo, né? Então pra gente, pra mim entender que o grupo é importante, o corpo ressoa, o corpo é o lugar onde a gente materializa a dor, é importante também pra aprender, pra atuar com esse nosso feminismo, que a gente também mora, leva pela cara, né? Com a nossa soberba também, de achar que o conhecimento é nosso, né no tão opassiva de disso não. Né isso mana? É isso. Mas muito bonita mana. Ô muito obrigada, eu tava aqui pensando vou mandar um áudio depois pra Suane, porque eu não quero atrapalhar o teu tempo, mas se você é fantástica, você é muito expressiva, você é maravilhosa. Infelizmente quando a mãe eu perdi a tua imagem nas duas nas três últimas perguntas, o que é o que eu gosto de te ver? Eu espero que a gente tenha a oportunidade de se conhecer pessoalmente, assim tio vai dar certo. Vai dar certo. Gostei muitíssimo muito muito mesmo. E aí só completa o que eu pensei quando eu lá o teu perfil né? Nas nas indicações eu vi que você aí lá tá especificado que você trabalha com dança, arte, eu percebo nossa essa fantástica, essa vai ser uma colaboradora ótima e de fato tô muito satisfeito, tô muito feliz com a nossa entrevista, nosso primeiro contato e quero te ouvir outras vezes e também conhecer o teu trabalho, me conhecer de perto. Pois bem, é comovocê fala, eu também penso, acredito que o importante é ser, né? Não adianta os títulos, não adianta todo da leitura que eu possa ter, que infelizmente eu não tenho tanto assim, eu quero ainda ter mais, mas se eu não conseguir ser fala isso você me possibilita também pensar coisas, você tava falando aí eu tava pensando aqui porque sou professora também, sou sou professora do estado do ensino médio e eu sempre me preocupo em ser pra os meus alunos, eu não quero parecer. Ah, essa é a professora que parece, eu quero ser, por isso a ideia de estudar mais, de conversar e de encontrar nos movimentos sociais essa dimensão educativa que não seja só a escola. E aí você falando eu fiquei pensando, nossa o que mais eu posso fazer assim pra ser também, né? Eu que agradeço muito. Mas você está me dando uma você está me dando uma ideia aqui, uma cara minhola na cabeça porque tu tu traz essa ela já é a terceira vez que eu ouço um pouco essa referência que tu tá dizendo aí e aí eu fico pensando a gente podia pensar

uma oficina entre ser e parecer né? Sim se A desconstrução do corpo parecer? Sim. Paraa construção do corpo de ser, né? Sim. E a gente molda o nosso cantar, a gente molda o nosso corpo dentro duma calça jeans, a gente molda, a gente molda muita coisa, a gente molda a nossa sobrancelha, a gente molda o nosso cabelo pra gente parecer, né

Sim, verdade. Só precisava mais respeitável, mas e quando é que tu és, né? Sim, verdade. Quando tem que ser no parecer, fantástico, muito bom te agradeço, sei que nosso tempo tá no limite que você tem compromisso agora, eh depois via WhatsApp nós vamos conversar sobre o termo que eu preciso que você assine, se for o caso eu posso te encontrar e ver Envia no WhatsApp. Vou mandar a minha assinatura dá pra gente colocar lá, não dá? Ou não? Assim, dá. Aceita? Aceito sim. Perfeito, é bem tranquilo. No mais te convido pra vim fazer uma aula comigo, não sei. Ah, quero. Quero sim aqui no açai, é uma academia só pra mulheres. Muito bom, tá bom? Muito bom. Te agradeço imensamente, desejo uma boa aula e eu vou voltar a te perturbar um pouco no WhatsApp. Tá bom Tá bom. Me manda aí então que eu vou tentar fazer essa assinatura digital pra gente ver se fica bom, tá? Se não fica bom, primeiro a gente pode se encontrar, tomar um café, sabor? Maravilha, maravilha Te dizer uma coisa que talvez eh não quero que isso venha atrapalhar tua pesquisa, tá? Só pra tu saber. Eu estou pré-candidata a Deputada Estadual. Então eh só pra só pra que isso não venha de repente eh atrapalhar tranquilo, eu que não quero atrapalhar o teu tempo, que eu sei que aí muito trabalho, né? Opa. É por isso que eu tô corrida também e às vezes no meu telefone eh Hoje é um dia de de ficar em casa, de dar uma organizada e e dar aula. Então. Sim. Eh foi mais fácil, né? Mais tranquilo a gente se vê, mas às vezes ocasionalmente tem alguém com meu telefone, tá? Respondendo o que mostrou tá? Imediatamente não foi eu que respondi sua mensagem mas eu uma hora eu vou ver. Nossa que bom, fico feliz, assim você já é o terceiro nome muito bom que eu vejo assim, tem mais uma outra mulher Aê. O outro colega que lançou o nome também, eu fico muito feliz, fico muito feliz. E quem indicou nosso nome também. Eh eu fico muito feliz de ver pessoas que são pessoas do ser se lançando, tendo essa coragem, porque esse é o universo, né? A política difícil. Ai mano, são os passos que a gente tem que ocupa ou culpa, né? É, é sim. A gente não tem outra forma de fazer uma mudança, uma mudança Eh mais efetiva, mais mais duradoura do que ocupando os espaços políticos,

espaços de legislação. Então a gente tem que ocupar esses espaços uma hora ou outra, né e agora que tem tanta gente trabalhando pra que mulheres negras estejam presentes, né? Acho que o Brasil inteiro tá com preocupação dessa pauta, a gente eu não tive nemopção amiga. Te confesso. Eu queria? Não, eu não queria então eu não queria não, Deuso livre, mas Deus nos livrou, Deus nos livrou. Eu disse não, Deus o livre, bate na madeira mas Deus nos livrou não. Então se Deus não lembrou Amanda. É isso. É seguir, tá bom? Brigada meu amor. Uma hora a gente toma um cafezinho, tá? Amém. Eu que te agradeço. Beijão, um abraço, tudo de bom. Saúde pra sua criança, tá? Amém, muito obrigada Até. Tchau. Tchau. Você já parou a gravação? Seu Zé. Não, eu não, eu não, eu vou parar agora, mas tranquilo se eu quiser sair agora faço o download Ah é tranquilo se eu sair? É é pode se interromper. Então tá bom. Se ela quiser meu bem, tchau.

5. PRIMEIRA ENTREVISTA 01 (SEGUNDA FASE DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS) PARTICIPANTE 05

Bom dia. Gostaria que você, pra iniciar a nossa entrevista, falasse algumas informações pessoais com o seu nome se é casada, tem filhos, sua formação acadêmica, movimento social que atua e vertente do feminismo ao qual você está ligada. Em seguida eu farei as perguntas. Bom, eu me chamo Ana Carolina, né? Magalhães Gonzaga, se precisar do do sobrenome. Eh eu sou de formação professora de filosofia, sou formada em licenciatura de filosofia pela Universidade do Estado do Amapá e atualmente eu ah tô na finalização de um mestrado pela Universidade de Brasília em Filosofia também na linha de filosofia política bom, sobre a questão da vertente. Bom, aliás desculpa, eu não sou casada, sou solteira, não tenho filhos, né? Eu vivo com a minha mãe, né? Eh em relação a vertente feminista, eu me identifico a vertente do feminismo negro, né? E também com um pouco com a teoria e com a linha da interseccionalidade, mas eu não me prendo tanto a essa questão da vertente, na verdade de forma geral eu tento focar num estudo e numa prática né numa práxi feminista eh de forma geral mesmo né? Abrangente mas tem essa identificação sim com as discussões étnico-raciais de classe e de gênero também.

Eu acho que assim por alto é isso assim que eu posso né? Expressar introdutoriamente. Perfeito, eu gostaria que você falasse um pouco sobre a sua história nos movimentos sociais aqui em Macapá. Bom, eu tenho vinte e nove anos, né? Lembrei de falar isso também que às vezes vai eh a minha nessa minha atividade mesmo atuação no movimento social aqui de Macapá ela começou na universidade né? Dentro da da instituição né? Da da Universidade Estadual começou através de aproximação de coletivo, de movimento estudantil. De discussões em relação a centro acadêmico, a ações em relação ao centro acadêmico. Ela nunca foi eh tão alinhadaa um determinado grupo porque eu sempre tendenciei a me focar muito numa formação mais de pesquisa acadêmica, mas também eh me aventurava e andava também a tentar uma práxis do que eu estudava.

apesar de eh me incomodar muito essas questões de alinhamento partidário e de coletivo mas ainda assim eu tentava de alguma forma. E aí como eu não acabei eu acabei mesmo aqui em Macapá iniciando um um movimento mais voltado pra o combate da do racismo estético que foi o movimento Increspa. Acho que a gente conseguiu fazer algumas edições por alguns anos mas como eu não tinha esse alinhamento de grupo de coletivo então eu não tinha tanto apoio e aí essa esse movimento ele é nacional ele é ele foi criado pela Eliane Serafim em São Paulo e aí eu aderi issoné? De forma individual, mas individual, eu fui pedindo ajudas, né? Eh, né? Conversando com as pessoas e por exemplo, dia que já tinha essa experiência de movimento social e de coletivo e aí deu pra realizar algumas algumas atividades que era voltada justamente pra discussão desse racismo estético, da naturalização do cabelo e da estética negra e etcétera. Então o meu caminho demilitância e de atuação feminista foi por esse processo, de racismo estético, de combate ao racismo estético. E paralelamente eu também me aliava a outros grupos e a outras atividades que discutiam gênero, que discutiam, né? Os feminismos, que discutiam teorias né? Relacionadas a a como eu posso dizer aí a combate de de diversas opressões. Claro que eu nunca me estabeleci de fato a um grupo. Eu tinha uma atuação mais acadêmica mesmo mas na faculdade eu participava de grupo de estudos, era bolsista de iniciação científica. Então eu sempre tive uma atuação mais teórica no processo assim mas sempre tentando uma conexão maior com a práxis. isso pode ser em algum

momento ponto de né conflito e crítica e de autocrítica também mas hoje eu já tenho um outro entendimento do que me afligia naquele momento. E eu acho que é basicamente isso aí eu fui trilhando esse processo aí depois que eu saí da graduação meio que essa vivência de você estar ligada a coletivas, está ligada a uma movimentação de combate mais radical a instituições, né? Acabou um pouco ficando de lado porque eu eu escolhi trilhar o caminho ali da pós-graduação. Então eu tive que mudar de cidade, tive que mudar de de contexto e aí eu acabei me aliando muito mais a discussão teórica que sempre foi ali no berço da minha estrutura. E está aí né? Aconteceu a pandemia e outras coisas foram deixando a gente mais eh um pouco não engessadasné? Um pouco mais impotentes do que a gente realmente seria mas assim eu sempre atuei mais com rede de apoio né? De ajuda se eu precisasse de ajuda se eu pudesse né ofertar alguma habilidade minha que ajudasse eu sempre ofertei e enfim por influência também de família da minha mãe que sempre foi né? Uma figura mais de bairro né? De atividades e de ações de bairros eu sempre tive mais essa tendência de trabalhar nas áreas mais periféricas. não com assistencialismo de fato, mas com uma ideia de uma educativa dentro dos bairros. Então acho que é um pouco um processo um pouco mixado, né? De um lado vem a teoria, depois prática, depois vem o tempo a a teoria, enfim é nessa estrutura aí. Então eu aproveito que você falou um pouco assim dessa relação já com a sua mãe já pra fazer uma segunda pergunta que dá relacionada exatamente a isso de quando começou e como você se percebeu uma mulher feminista. Houve assim um um momento ou ou isso foi gradativo na sua vida eu acho que foi gradativo porque eu sou filha né sou filha de mãe solo então eu acho que se a gente for pensar né já existiam práticas da da parte da minha mãe bastante feministas e ao mesmo tempo também não feministas, mas já existia essa discussão do papel da mulher eh dentro de casa e o que que uma mulher poderia fazer não poderia o que que significava ser uma mulher racializada em espaços públicos tanto que eu acho que meu primeiro processo de iniciação científica e pesquisa foi muito essa relação que é um tema muito caro pro feminismo que é a relação do espaço público privado.

Dentro da ideia de gênero e discussão de gênero mas por parte da filosofia mas eh eu acho que foi gradativamente mesmo não teve um momento assim passou feminista acho

que vem assim desde o processo de como vou falar Conceição Evaristo né? Descrivência então não tem o momento exato acho que até hoje a gente vai se descobrindo um pouco mais feminista e vai seguindo OK e como você concilia as suas atividades pessoais com a sua atuação como militante. Assim isso é tranquilo pra ti como você consegue conciliar. Bom, como eu tava falando, eu não tenho uma atuação de grupo de coletivo, acho que se for falar um um nas minhas maiores dificuldades é isso assim de uma aliança eh coletiva constante né? Uma aliança coletiva persistente então eu não tenho muito essa divisão da prática da vida pessoal com a prática da militância porque na verdade a minha vida pessoal é também uma militância. Então meio que o o eu falo que às vezes o combate ele é diário mas muitas vezes eu escolho não combater porque eu estou cansada ou a outras questões muitomais eh urgentes da vida né? Da vida adulta pra lidar. E então eu atualmente eu estou trabalhando né? Sou professora de filosofia e sociologia numa escola privada eu dou aula do sexto ano do fundamental até o ensino médio, vestibular. E então meio que eu tento não é centralizar, mas eu tento me empenhar aqui a minha prática feminista, o que e as minhas discussões feministas estejam presentes no meu trabalho de alguma forma. Nem sempre as tentativas são sucesso, mas eu sigo tentando de alguma forma aliar e não colocar mais fronteiras nesse processo até porque eu acho que é impossível mesmo tentar se né? Se desvencilhar ou dividir pelo menos no meu entendimento né? E também das mulheres que eu convivo acaba que outras mulheres que eu conheço do movimento feminista acaba que a gente né? Não consegue definir um uma fronteira, um limite nisso mas acredito. Que cada vivência é bem específica da pessoa.

Mas atualmente como eu atuo em sala de aula, então a minha prática ela é muito voltada dentro da sala de aula, dentro do possível, né? Porque a escola particular tem suas limitações e suas questões, mas é diário assim, eu acho que a ideia de conciliar não conciliar mas é o é no processo mesmo que você vai entendendo que é diário isso não tem como dividir assim pelo menos no meu entendimento é acho que é por aí nesse nesse aspecto e como que nessa sua prática, né? Na sua atuação profissional que você já coloca em prática o seu entendimento e a sua, digamos assim, pauta do feminino que você levanta. E quais atividades didáticas e pedagógicas você você poderia descrever pra mim

como sendo uma já uma ação relacionada com a com a ideia que você defende. Olha, antigamente eu tinha muito entendimento preciso propor atividades práticas, educativas sobrefeminismo.

Mas na atual situação que eu me encontro eu acho que o fato de eu assim todas as práticas pedagógicas que envolvem o eu preparar a aula, eu preparar a prova eu preparar conteúdo elas já inserem de certa forma uma prática educativa feminista porque eu nunca preparo algo neutro né? Eu sempre preparo algo que de alguma forma vai instigar o meu aluno, os meus alunos a pensarem a respeito, principalmente porque eu trabalho com filosofia e sociologia, então não tem muito como neutralizar esses campos de estudo e aí eu costumo dizer que a minha identidade e a minha imagem ela já diz muita coisa então eu não eh é como se não é que eu não fizesse muito esforço pra ver uma prática né clássica mas no processo deu, né? De eu deu de eu preparar do meu trabalho, da minha produção, ela já se externaliza de alguma forma. E hoje, né? Com os espaços eos espaços virtuais muito mais né? Eh muito mais fortes do que antes eh eu acho que as redes sociais elas também contribuem de alguma forma pra que a gente esteja ali de alguma forma educando ou trocando ideia ou né? Recebendo de alguma forma eh algum conhecimento. Então eu acho que nesse sentido de quais são as atividades eu costumo aliar o meu trabalho porque o mundo do trabalho também não me me permite ter tanto mais tempo do que antes. Então, Professor trabalha ali, né? Todos os dias de alguma forma. Então, eu tô aqui falando, mas já tô pensando aqui, vendo o material pra eu produzir prova, né? Reavaliação, recuperação tem as críticas ao sistema educacional, mas meio que eu vou ali no processo tentando adaptar de alguma forma. Mas claro, nem tudo é perfeito, mas eu tento ali de alguma maneira contribuir. Perfeito.

Diante de tudo isso que você já me falou, já me escreveu, como que você entende o feminismo, o seu feminismo ou no feminismo mais acadêmico ou um feminismo mais do cotidiano assim na na sua vivência feminista, como que você descreveria Você está ligado mais a um feminismo acadêmico a essas discussões ou mais do cotidiano. Eu acho que ora permeia o o Neo arcabouço acadêmico como a gente conhece, ora permeia a prática do diaa dia como eu estava te falando eu não consigo hoje com a cabeça que eu tenho estabelecer tantas fronteiras eu sei que cada espaço e cada campo tem suas limitações mas eu não consigo mais pensarem oposição eles eu já penso que existem

momentos em que a prática né? Ela se sobressai e ela se aplica melhor no processo porque antes do feminismo a gente sabe que existia já um movimento político de mulheres muito fortes e então existiam demandas pré-proto feministas e depois que foram cunhadas dessa maneira e e assim eu acho que às vezes se confunde às vezes se alie, às vezes distancia às vezes é só um só uma perspectiva, né? Da da do dia a dia da militância perspectiva mais acadêmica. Então eu já não consigo mais estabelecer diferenças, eu acho que muitas vezes essas esses processos se fundem porque muito do que eu vivencio na prática se traduz na no âmbito acadêmico ou muito do que eu vivencio no âmbito acadêmico vai ter uma melhor né? Discussão e finalização no âmbito prático que é um conflito pra muita gente que está presente na graduação ou no início ali do processo do percurso e que se depara e se sente obrigado a escolher um lado e tal mas na minha perspectiva eu acho que eles coexistem como uma metodologia e um conceito mesmo, né? De oposição e e complementação. OK. Eh e dentro da vertente que você eh segue do feminismo que aspectos você poderia descrever pra mim como ser um dos mais relevantes desta vertente e que aspectos você considera ou não, você pode dizer não não tem nenhuma como o aspectos negativos que seria aspectos positivos e negativos dessa vertente

Olha, eu não vou nomear uma vertente específica porque eu acho que muito o que a gente pode caracterizar do que ela é de fato e eu só sou só uma pessoa, né? Então eu falo aqui individualmente. Mas se a gente for falar numa, né? Numa teoria feminista, numa prática feminista o que eu costumo Cristina você pode repetir a pergunta que eu acho que eu me perdi aqui agora. Eh sim claro eu peço perdão é que eu fui ligar aqui a TV pra minha filha que nossa. Não, estou tranquila vou repetir pra ti, é porque é o seguinte, dentro desse desse da sua atuação, né? Do feminismo, eu gostaria que você pensasse ou não, você é livre, prazer não, não considero que não há nada de negativo positivos e negativos dessa vertente ou eh das ideias principais que você eh traz sobre o feminismo, né? Fala assim que algumas mulheres não se identificam exatamente com uma vertente. A ideia é que consiga falar um pouco do que que tem de positivo, o que que tem de negativo. Entendi. Olha só, eu acho que quando a gente tem contato com a teoria feminista, né? No âmbito acadêmico ela nos chama a pensar sobre a nossa ética né? A

nossa moralidade então eu acho isso interessante, eu acho isso importante quando alguma teoria seja ela feminista ou né LGBTQIA mais ou outra discussão a discussão cui, racial e tudo mais, ela te chama a pensar sobre a tua prática, a ética e a tua moral. E isso te dá uma outra dimensão de vida em coletividade. Então eu acho que um ponto positivo é que eu coloco bem entre aspas que eu acho que é um ponto que de certa forma é geral eh quando a teoria te chama a pensar a respeito da tua própria prática e dos teus próprios princípios, valores e que tudo, tuas crenças é é importante, é sensacional na verdade. Mas quando você se propõe a isso que eu acho que quando você se propõe a pensar sobre seu próprio comportamento não é fácil, né? É bem difícil. Dos pontos negativos eu acho que às vezes a gente entende que por exemplo o movimento feminista eh tanto acadêmico ou militância ele tem que agir de uma forma horizontalmente homogênea e a gente não entende que a gente está lidando com dissidentes e diferenças e que realmente muitos caminhos né? Muitas pessoas não vão se identificar ou não vão se aliar e que é o processo normal da vida da dialética da vida. Então eu acho que se eu fosse falar em ponto negativo é mais essa nossa dificuldade ainda coletivamente de lidar com o que não é né? Com com o que é diferente com o que é com o que é o radical ou não né? Dentro desse processo. Perfeito. Eh e um outro ponto aqui é que você cite que autores ou autoras ou mesmo figuras públicas ah influenciam no seu pensamento, na formação das suas ideias e na sua atuação nossas não são poucos mas acho que eu fico muito eu fico muito eu não gosto de referenciar assim porque eu acho que por exemplo de tudo que eu leio hoje em dia de alguma forma a minha cabeça extrai o que é possível viver na prática e o que pode ser violento também .

Mulheres racializadas, sejam ela negras, indígenas, asiáticas indianas elas tem me feito pensar muito a respeito dessa ideia de sujeito, racializar, do que eu. espaço político de referências públicas eu acho que não sei eu tenho muito que de referências públicas são as mulheres que eu convivi a minha vida inteira né? A vizinha da minha mãe a amiga da minha mãe a minha mãe a minha tia minha avó. Então existe um uma referência muito mais eh voltada pro dia a dia né? Da convivência de dede conseguir entender a maneira como aquelas mulheres construíram a sua prática sem saber ao mesmo ao menos o que é o feminismo mas construíram ali uma prática de autonomia e de e de combate então

eu não conseguiria me desculpa eu não conseguiria citar especificamente sabe? Porque hoje eu já acho que há uns anos atrás até poderia citar mas hoje eu acho que. Cada vivência que eu tenho a mais com com mulheres e com o feminismo e com todos esses grupos né? Que vulneráveis de certa forma me me desenha algo né? Me influencia em algo. Então não tem como assim dizer olha esse aqui foi o que eu não não tenho. Ela na verdade é sempre um arcabouço que vai crescendo né? De referência prática e teórica e vai crescendo crescendo até acho que vai crescer até o fim da minha vida né? Vai sempre ter uma referência. Perfeito, tranquilo. E para finalizar eu gostaria que você eh falasse um pouco sobre o que que você pensa em relação as críticas que são direcionadas ao feminismo, especialmente essa onda que tem crescido de críticas ao identitarismo. Qual o seu pensamento sobre isto? Olha então. Tem o âmbito teórico e tem o o âmbito que eu trago mais para um individual. Eu venho de uma estrutura, de uma linha de pesquisa, né? Enquanto pesquisadora de teoria crítica. Então a crítica pra mim ela representa um processo natural, né? De toda a nossa movimentação enquanto humanidade de relações e meios sociais. E eu estudo teoria crítica feminista. Então eventualmente a crítica ela não tem, ela não é algo que pode ser positiva ou negativa. Na verdade a crítica ela é o que é e ela segue. Mas por um âmbito mais prático eu entendo assim da vivência que existem críticas que não são críticas né? Que são mais um contra-ataque a a uma espécie de dissipação das bases do feminismo ou de qualquer tipo de combate a opressão. Tem uma expressão chamada Beth Clash que é uma expressão de uma autora norte-americana que ela estuda essa ideia de contra-ataque e desconstrução do combate as opressões tanto mas principalmente da perspectiva feminista que nada mais é do que a gente também conhece como construção de fake news pra combater um uma determinada ideia ou uma construção de combate conservador, pra poder minar aquele grupo ou aquela discussão ou aquela atuação. Isso é muito comum na verdade, sempre existiu, só que agora ela consegue ser conceituado, então pensar o que eu acho sobre isso, eu acho que isso é ocorrer naturalmente. Eu gosto de pensar é como a gente vai lidar com isso e o que a gente vai fazer, o que a gente não vai fazer o que como é que a gente vai fazer leitura dessa realidade e então eu acho que esses contra-ataques que que horas são críticas, horas não são, eles são um processo natural do que a gente vem entendendo enquanto avança. Mas é aquela ideia, né? A gente tá sempre a ponto de retroceder algo, então é

importante que a gente esteja consciente está consciente o tempo todo cansa também. Eh mas é uma perspectiva de dessa consciência e de saber até onde a gente pode lidar com que a crítica de fato que contribui pra mudanças e o que não é. Que é apenas um golpe ou uma ideia ali de desmoralização e desestruturação do que foi construído. E eu acho que é nesse sentido que a gente caminha também.

Agradeço profundamente a sua o seu tempo, a sua disponibilidade vem aqui quer dançar, meu neném quer dançar, ela adora dançar. E aí eh voltaríamos a conversar, tá? Eh te desejo boa sorte no seu dia de hoje que vai ser corrida. Ah brigada pra você também melhora aí, fique com mais saúde, que neném assim doente eu sei que deve ser bem difícil. Tá mudo, será que ah ela fechou o microfone, peço desculpas né? Por esses contratempos. Não, tranquilo. Tudo no momento eu não tenho como fazer se não for dessa forma. Te agradeço muitíssimo eh depois eu te mando mensagemdo WhatsApp pra nós combinarmos com esse encontro para assinar o termo. Certo. E aí conversarmos um pouco mais e eu gostaria de ficar horas e horas conversando contigo. Mas não dá. Muito obrigada, tchau. Bom dia.

6. PRIMEIRA ENTREVISTA 01 (SEGUNDA FASE DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS) PARTICIPANTE 06

Entreí no movimento social em 2004 no intuito de ajuda as mulheres sou fundadora de uma associação de mulheres Empreendedoras do bairro Jardim felicidade I e em 2014 fui Idealizadora da marcha das mulheres da zona norte. unidas contra a violência Sou coordenadora da Articulação de mulheres do Amapá AMA. Em 2004 e com minha luta em defesa das mulheres me descobri como uma mulher feminista

Eu organizo todas as atividades do movimento que vai acontecer no mês e de minhas atividades da minha e dar tudo certo. trabalhamos com Direitos humanos, Mobilização, formação e orientação, geração de renda, e outro... A didática: Oficinas, seminários, auto cuidado e ajudando mulheres a se organizar nas suas instituições a partir de suas peculiaridades. Meu feminismo é de vivência cotidiano.

De grande relevância foi a mobilização junto a outras instituições afins, para garantir os instrumentos da política da mulher aqui no Amapá. Considero aspectos positivos o número de mulheres que encamparam na luta a partir das nossas ações e negativos o fato de não conseguir garantir a manutenção das estruturas dos instrumentos da política da mulher. As autoras que me influenciaram são as mulheres feminista Como: Lídia Costa Melo, Joaquina Lino e outras. Quem critica o feminismo são indivíduos forjados no fundamentalismo, no machismo e no patriarcado ou alguém que não teve a oportunidade de conhecer a luta feminista.

7. PRIMEIRA ENTREVISTA 01 (SEGUNDA FASE DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS) PARTICIPANTE 07

Boa tarde. Pra iniciarmos formalmente aqui o nosso encontro, nosso diálogo, eu preciso esclarecer que eu necessito do termo de consentimento, que aquele documento que eu tive via WhatsApp eu preciso que você assine. Tá. Vou assinar Colocar a assinatura digital e me enviar, ótimo. Senão você pode assinar o físico e eu te procuro e e busco.. Eu tenho até que aprender porque eu preciso muito de fazer isso. Vira e mexe pensando assim na relatório e e é online e eu não tenho como imprimir e mandar, entendeu? Tem que resolver isso. Facilita muito a vida me explica depois como é que eu faço isso. Então, nós temos algum dois momentos na nossa entrevista. O primeiro que eu vou fazer um levantamento aqui do seu perfil, as informações mais em caráter pessoal mesmo. Em seguida por fazer sete perguntas ,eu posso fazer uma a uma e aí você vai falando eu posso fazer todas. Eu prefiro fazer uma a uma assim no geral as mulheres tem optado assim porque aí eu não atropelo também a sua fala e não corro o risco de deixar algo passar em branca. Mas se você preferir falar livre tranquilo, tá? Não, uma alma é melhor mesmo, mais se organizado.. E para o primeiro momento eu necessito que você me fale o seu nome completo, a sua idade, se tem filhos é o estado e o tempo de militância sua formação na vertente do feminismo que você atua. Aí em seguida eu farei eh está bom. sou tenho quarenta e dois anos eh tenho um garotinho de seis anos de idade , sou solteira e o que mais? Já esqueci, olha tempo de militância eu já militei eu eu também sou militante da saúde mental então se eu for considerar todo o tempo eu tenho mais de

dez anos né de de trabalho com saúde mental e na realidade quase vinte. Estou mentindo. Quase vinte porque só de juizado eu estou vou fazer dez. Então antes de eu entrar no juizado eu já trabalhava com saúde mental e eu já tinha uma militância, já tinha com grupos de luta anti-manicomial aqui no estado e depois do trabalho no Juizado aos poucos foi surgindo essa vontade de militar também na na com relação a violência doméstica .

E aí nos últimos dois anos com a pandemia que se efetivou assim verdadeiramente essa militância área da violência doméstica que quando a gente criou o coletivo posso considerar que é todo esse tempo e aí tu tu vê o que é melhor pra ti né? Não Então, eu sou psicóloga, especialista em estudos culturais e políticas públicas e também independência química. Sou mestranda do PPGP de Psicologia da UFPA. Eh meu estudo é na linha da psicanálise acho que é isso de forma de formação né? dos estudos interseccionais eu gosto muito, eu estou começando a estudar mais eh agora detidamente a questão dos estudos decoloniais. a minha especialização em estudos culturais e políticas públicas que eu fiz na UNIFAP que inclusive assim foi um divisor de águas na minha vida realmente me deu muito muito conhecimento eh muitos autores que eu nunca tinha escutado . Assim, abrir outro mundo pra mim. Então, eu eu acredito que eu possa me considerar mais, não sei nem se tem essa vertente, mas eu eh eu tento não me prender muito nisso. É porque são eu acho que quanto mais a gente se define, eu acho que é esse causa problemas, sabe eu estou aberta a conhecer eh e ler algumas coisas feminismo radical mas no que que é chamado feminismo radical algumas coisas concordo outras não enfim.

Eu tô muito pro ser humano, sabe Cristiana? Aquilo que as pessoas querem pra si, o que é melhor pra elas, aperta pra pra experiência, então eu não sei te me definir assim, sabe? Nesse sentido, eu não sei se tu te ajudando. Das mulheres também tem esse posicionamento assim, não não se define ligada. Bom, aí nesse segundo momento eu vou fazer pergunta eu vou fazer blocos de duas, porque como boa parte delas tem ligação, então você já fala sobre elas, tá? Mas você pode ficar a vontade pra extrapolar e falar sobre outras coisas mais que eu não tenha citado aqui.

Eu gostaria que você falasse um pouco da sua história nos movimentos sociais e como

você, como equando você se percebeu como uma mulher feminista. Então, acho que eu já falei um pouquinho? Quando eu que assim eh eu sou servidora pública desde sempre. Fiz faculdade , universidadea UFPA e eu sempre estava muito próxima dos movimentos sociais assim mais como expectadora. Eu não tinha ainda não me sentia à vontade pra participar, pra tomar uma posição, pra enfim e sempre achei muito importante as pessoas estarem envolvidas nas questões sociais. Sempre me afetou bastante. Só que isso foi muito devagar sendo construído dentro de mim. Então, quando eu entrei pro serviço público de fato eu fui percebendo que não era suficiente o que a gente fazia, o que eu fazia enquanto servidora, dentro de uma instituição, seguindo as regras e as normas das leis e dos trabalhos que me eram exigidos. E aí aos poucos eu fui percebendo que eu precisava estar eh junto com as pessoas que eu atendia. Também,Foi por isso que eu eu fui coordenadora de saúde de um de um de um CAPS em Santana né? E aí me envolvi muito com essa questão da saúde mental saúde mental das mulheres enfim das pessoas com dependência química foi aí que eu fui entrando no movimento de luta timonicomial. E quando eu cheguei na violência doméstica foi um eu nunca imaginei que fosse trabalhar com violência doméstica.

E esse sentimento só fez crescer eu sempre dizia eu vou fazer alguma coisa fora daqui eu vou fazer alguma coisa que de fato eh eu consiga proporcionar caminhos diferentes pra essas demandas que eu que eu vejo, que eu percebo, que eu vejo que a gente não consegue alcançar. Eu posso dizer assim que de verdade eu virei militante quando eu entrei pra pra especialização de estudos culturais e políticas públicas porque eu fui conhecendo outras pessoas, fui entendendo outros aspectos das políticas públicas né? E aí veio a pandemia e isso foi assim algo pra mim avassalador não só eh a pandemia em si porque fiquei sozinha em casa tive que deixar o meu filho com o pai porque eu fiquei com muito medo de ficar com ele aqui e de repente eu adoeci e como é que vai ficar a minha criança então eu fiz um acordo com o pai dele ele ficou seis meses longe de mim eu só falava com ele por telefone eu só falava com ele eh por vídeo.

E aí veio todos os serviços fecharam, o tribunal fechou, na época tinha aquelas histórias do grupo derisco, né? E eu sou hipertensa e a minha hipertensão é extremamente grave

assim, ela é muito muitodoida, muito descontrolada. E aí eu precisei, né? Meu médico solicitou que eu ficasse afastada do hospital, porque enfim, não tinha vacina, não tinha nada, a gente não sabia, né? Então eu fiquei em casa trabalhando remoto que eu conseguia fazer. Eu comecei a fazer grupo. Enfim, eu dou várias atividades online. E aí todos os serviços de violência doméstica fecharam, toda a rede de serviços de atendimento a mulher fechou e eu conheci a Alzira, eu conheci a Alzira há muitos anos que ela é assistente social do Ministério Público, acredito que você conheça a Alzira, acho que não tem pessoa nesse estado que eu não conheço a Alzira. Sim. E ela falou assim, mana, vai a gente está se reunindo pra fazer alguma coisa em relação à violência doméstica. A gente precisa de tiro. Eu disse eu estou dentro. Onde a Alzira está eu estou porque eu sei que não tem erro. É alguma coisa que realmente vale a pena. E aí a partir de então a gente conseguiu começou eu comecei assim tipo assim eu vi a possibilidade daquilo que eu sempre sonhei se realizando, de realmente eu ser útil de um outro jeito, não mais institucional, mas eu, Eliane, né? Com todos os meus medos, preocupações, enfim, com todo o meu sentimento, eu disse, não, eu vou encarar isso aí e a gente começou a estruturar o serviço, começou a atender as mulheres, eu entrei pra clínica de clínica virtual da UFPA e eu comecei a fazer atendimento psicológico pras pessoas gratuita passava o dia atendendo. Eu estava em casa sozinha, eu passava o dia atendendo o dia falando com as pessoas, dando apoio, dando suporte. E aí isso foi se a alguma coisa que a gente imaginou que fosse se que fosse sobreviver durante o isolamento criou raízes mais fortes. E aí a gente começou a constituir a freia. Né? E a freia tem agora uma estrutura. A gente está sempre se reorganizando. Porque enfim eu sou a única mais velha do do grupo e as meninas são muito jovens, estão se formando então agente também não pode eh extrapolar a vida de cada um, dentro dos limites, da rotina de cada uma agente está se movimentando, a gente está trabalhando.

Hoje eu tenho certeza que eu encontrei um espaço pra conseguir eh fazer escuta das mulheres, apoiar, sabe? De um jeito mais afetuoso pela via mesmo do do afeto eh e de fato estar atento ao quem elas precisam né? Então a gente tem propostas agora se Deus quiser até o ano que o início do ano que vem a gente vai estar na comunidade a gente vai começar a fazer a fazer grupo, vai começar a te fazer atividades nas comunidades que é o que a

gente sempre quis, né? Pra trabalhar a questão de prevenção e também de apoio dessas mulheres nas redes de atendimento, porque elas são muito sozinhas na rede..Eu enquanto mulher precisei precisei eh eh da rede de atendimento porque fui vítima de violência também apesar de trabalhar com violência doméstica eh fazer terapia há anos sempre fiz fiz análise,mas eu me via as voltas no meu último relacionamento sendo acudado pelo meu ex-companheiro que não aceitava o fim da relação.e eu passei três meses da minha vida durante a pandemia que eu enfim no final de dois mil e vinte a gente terminei com ele e ele não aceitou minha vida virou um inferno então eu precisei fazer o uso da rede de atendimento e eu me vi sozinha.Vivi tendo que justificar a violência psicológica que eu estava vivendo. Como é que eu vou provar a violência psicológica? E aí você me perguntou quando foi que me percebi feminista. não tem um tempo certo mas eu tenho certeza que que o momento em que eu percebi que eu acho que tipo não tinha como ser diferente do que estou construindo hoje dentro de mim foi eh esse é meu relacionamento né? Eh essa essa quando eu fui vítima mesmo de violência doméstica eu disse não.Eu preciso preciso me defender, eu preciso criar cada vez mais estar atenta né? Eu preciso cada vez mais instrumentalizar, estudar, aprender, me conhecer e tá junto de outras mulheres pra pra realmente me fortalecer enquanto mulher. Porque a gente sozinha a gente não consegue fazer nada. Né? A gente acha que a gente está sofrendo sozinha e e ponto e eu acho que foi isso assim ai Deus é quase uma análise isso mana eu estou fazendo com tu que ideia é essa, pouquíssimamente sabe que eu fui vítima de violência sabe? Eu contei pra pouquíssimas pessoas contei pra quem precisava né? E às vezes assim no início eu ficava com uma vergonhazinha sabe? Por isso mas não isso é pra mostrar que qualquer uma de nós está exposta está vulnerável a isso acontecer. Né? Diferente, mas a diferença é que eu tenho condições financeiras da Nicole uma condição social que me permite sair disso com mais rapidez. Tem um apoio familiar que foi incrível e das minhas amigas enfim e do meu filho de seis anos né? Bichinho dizia assim mamãe eu vejo vi você chorando com o meu o meu pai. Papai fazia você chorar e isso não está certo. Então eh foi foi por isso que eu consegui reverter a situação né? Mas eu acho que é isso eu acho que não tem caminho eh não tem caminho mais de volta né? Hoje o treino de consciência da das questões patriarcais eu tenho consciência da da da nossa posição eh na construção da cultura né? E sei onde que a gente tem que brigar.Porque ninguém vai dar nada pra gente. Nada. Então

a gente tem que correr atrás. Perfeito. Excelente. Eh e como que já aproveito, né? Que cê falou um pouco da sua vida privada ete agradeço a confiança e todas essas tudo isso claro vocês né? Como pesquisadora também mas todo esse material fica.. E de fato não vai ter divulgação daquelas informações relacionadas mesmo ao estudo tá? O que é isso aqui tranquila e a ideia da da da eu tiver essa mesmo da gente conversar, da gente trocar, eu também vez por outra acabo falando assim coisas minhas também no estudo, entendeu? Porque é uma troca. Tranquilo e aí como que você consegue conciliar a sua vida pessoal, né? Que cê já me falou um pouco, é bem intensa, você tem um filho, mora sozinha. O seu trabalho com a sua militância, como que você consegue fazer isso, por gentileza você vem apresentar de maneiras gerais é claro quais as didáticas que vocês usam a qual a pedagogia que vocês usam no no movimento que você faz parte no seu coletivo.

Cristiana às vezes eu acho que eu não consigo conciliar em algum momento alguma coisa escapa sabe? Alguma em algum momento alguma coisa eu não dou conta de fazer mas eu tento eu tento me organizar, eu tento eh criar prioridades né? Tipo isso eu preciso resolver pra tal dia e assim eh quando eu tô no Juizado eu tento resolver as coisas, me foco nas coisas do juizado. Quando eu estou no hospital é pra resolver as coisas do hospital. Quando eu estou com meu filho à noite até a hora que ele dorme que ele sempre dorme muito cedo eu estou com ele. E aí quando ele dorme é quando eu vou fazer as coisas que não são que é o as coisas do mestrado a organização, algum estudo pra FREA.reunião eu faço em casa e está junto comigo por exemplo quando eu fiz a especialização na UNIFAP ele era bem pichoquini era bem pequenininho.E ele ia comigo pras aulas. Então ele sempre se acostumou a me ver estudando, a me ver fazendo as coisas, a a estar sempre junto. Né? Ele fica brincando, fica com cão eh fazendo as lutas que ele gosta, ele ficadesenhando. Tomando banho de no chuveiro, está sempre fazendo alguma coisa ali perto de mim. Né? E aí eu vou, vou tentando administrar, né? A aula. Aliás já assistiu várias aulas comigo online, ele é superconhecido nas minhas turmas, todo mundo sabe quem é João Vicente, todo mundo sabe quem é ele na freia, a a gente teve uma reunião presencial mês passado com a nossa primeira reunião presencial depois de dois anos, tudo on-line. foi lá no Sacaca, ele foi junto supercurtiu o espaço e a discussão, fez amizade com todo mundo. Então assim, a minha preocupação maior é ele, sabe? É de eu não, de eu me afastar dele, de eu não

conseguir.

Durante muito tempo, durante dois anos da minha da minha maternidade eu fiz só pra ele. Só que aí eu comecei a perceber que eu não estava sendo suficiente pra mim, que uma parte muito grande de mim estava sendo deixada de lado. E aí foi que eu resolvi entrar na especialização. Nem achava que ia passar porque estudei tudo assim estudava dando peito de madrugada enfim. Né? E aí mas consegui passar e aí depois eu comecei a perceber que eu não podia eu comecei a ficar muito empolgada pras coisas passaram a dar certo e aí né? Começou a surgir a vontade de fazer o mestrado e eu tinha noção de que eu não podia deixar ele também. Porque aí também era algo muito importante pra mim. É uma parte muito importante da minha vida. Então eh a minha maior preocupação é ele de seguir a minha vida acadêmica, minha vida de mulher e esquecer de ser mãe. E aí eu vou estar dando um tiro no pé porque né? Como é que eu vou cuidar dos outros eu vou cuidar do meu né? Então eu tento conciliar tudo isso né? E levar ele pro pras pra tudo que eu puder levar. Ele está sempre presente comigo. Então, durmo pouco, eu durmo muito pouco, durmo entre quatro, cinco horas por dia. Às vezes dura uma hora da manhã, né? Às vezes acordo quatro, durmo mais cedo e acordo quatro, três pra estudar tenho uma funcionária que me ajuda muito atualmente e às vezes final de semana ela fica ela fica mais no sábado com ele né? Mas ele fica ali perto eu não fico trancada no quarto pra ele não ver o que eu estou fazendo a não ser quando eu vou atender mesmo e eu explico pra ela meu filho vou atender, vou fazer uma chamada de telefônica se você não pode ouvir e aí eh e aí eu consigo né? Eu eu explico pra ele que naquele momento ele não pode estar junto. Mas em geral ele está sempre junto. Né? E e assim eu vou tentando. Né? Eu eu sempre fui assim Cristiana. Como eu eu não tinha muitos recursos pra estudar na época da da graduação e até pro vestibular qualquer segundinho que eu tinha livre eu estava lendo, eu estava estudando, eu estava vendo alguma coisa. Então eu sempre fui assim. Cada segundo que eu tenho livre não é livre. Está sempre ocupado com alguma coisa. Né? E aí claro que eu tiro alguns momentos pra não fazer nada. Né? Meu domingo é dele. Quando eu estudo ou é de manhã muito cedo. ou é no final do dia depois que ele dorme né? Mas o domingo é dele, a gente brinca, a gente dorme, a gente come besteira, a gente sai pra passear né? E é assim que eu tento, eu não sei se eu tô conseguindo te responder porque eu tô falando que tá vindo

na minha cabeça é assim que eu consigo conciliar as coisas né? E assim tudo que eu faço tem uma relação uma coisa com a outra né? A minha pesquisa é em violência doméstica então o que eu estudo pro meu primeira pesquisa me ajuda no meu trabalho estudo no trabalho, me ajuda na pesquisa a a saúde mental está em brincado, ele está enrolada nesse meio aí todo. Está circulando por aí também. Eu acabo sempre fazendo as mesmas coisas né? então e as meninas da FREA me ajudam muito também porque a gente faz tudo muito compartilhado tudo que a gente faz a gente estuda junto a gente lê junto a gente. Então eu não sei se já isso já entra na parte da pedagogia que tu estás estava perguntando eu não eu não entendi muito bem a pergunta . Mas se tu puder me explicar melhor o que que tu queres.

Querem saber em relação a isso talvez fique mais fácil pra mim. A ideia é saber como que você atua, quais as ações,? As didáticas, quais as ações desenvolvidas no movimento que você faz parte. Eu vou dar um exemplo pra ficar mais claro. Boa parte das mulheres trabalham com horas de conversa, palestras, quais são as atividades que mais desenvolve. É isso. Então, por enquanto a gente estava no on-line né? Até mais ou menos final do ano a gente estava em atendimento online. Então era tudo individual. Com as mulheres atendidas. Eh e entre a gente também era só os encontros on-line.. Mas a gente está se construindo, está se organizando pra fazer eh intervenções coletivas. A nossa ideia é fazer grupo mesmo aí pra comunidade participar, abrir rodas de conversa, abrir grupos terapêuticos se se houver necessidade se a gente perceber que existe né essa necessidade de algo mais mais do ponto de vista psicológico mesmo o nosso foco mesmo são ações coletivas. A gente não quer foi individual durante a pandemia porque a gente não tinha uma estrutura pra fazer algo coletivo. E a gente trabalhava na emergência. Tipo o nosso foco na época do isolamento social e até o final do ano passado era tipo mulher está está sofrendo violência agora o que a gente faz? Aciona quem leva lá pra onde faz o quê? tem que tem que tirar lá de casa ela quer sair de casa? Quer lá pro pro abrigo eu ligava pra delegada ligava pra não sei quem. Enfim eram ações de emergência. E a partir do momento que a gente conseguia dar algum tipo de direcionamento nessa situação de emergência a gente aquelas que tinham intenção ficavam no acompanhamento psicológico por mais tempo muitos até entraram em em processo terapêutico mesmo porque tiveram mais de de seis

meses de de de atendimento com algumas voluntárias. Então assim o nosso trabalho na época era emergencial, agora a gente tá transformando, se estruturando pra transformar pra pra conduzir algo mais preventivo mesmo, Preventivo e de apoio. Então não sei se era isso ? Assim , no geral algumas pessoas não compreendem mas afinal de contas qual é mesmo o teu objeto de estudo nessa pesquisa? Porque é um programa. Pesquisa em educação né identificar a dimensão de educação não formal que existe nessas ações. Que é exatamente isso que você acabou de falar. Essa atuação que vocês chegam a essas mulheres.. Exatamente. É Porque assim, Cristiana? a gente mulher vítima de violência doméstica ela tem uma experiência de vivência isolada. É aquela mulher que o homem não deixa sair de casa ou que não consegue contato com a família ou que ela mesma tem vergonha e se se né? Se se protege e se defende a intervenção coletiva é um dos caminhos principais pra fazer com que uma mulher saia do ciclo de violência porque ela ouve outras mulheres, ela vê a potência de outras mulheres que estão de repente num caminho mais avançado, aí ela está no coletivo, ela está no social. Ela estava numa ? Ela ela saídesse contexto privado eh eh de violência e e começa a se abrir pra outras possibilidades, claro que mais pra frente, quando tiver demandas mais específicas de atendimento individual, isso é importante que seja oportunizado. Mas a princípio é coletividade, é estar junto com outras pessoas. Que aí isso é produção de vida, isso é produção de afeto é isso que isso que nos sustenta e nos dá saúde né? Então a gente a gente acredita nisso e eu especialmente acredito muito nisso né? E é educação também a gente tem que estar na vida ensina, a gente aprende, a gente ensina, a gente, né? Divide, compartilha com as coisas que a gente sabe, aprende com os outros, isso é maravilhoso. Eu acredito muito na educação. Assim, . Professora e já tive outra experiência de trabalho como eu te falei né? Como advogado mas eu acredito muito na educação. Eu acredito muito que a educação não é aquela coisa quadrada que ocorre dentro dos muros da escola. Educação é muito mais essa troca, essa essa possibilidade de aprender com a experiência do outro também são esses encontros, então por isso também que eu estou aqui, né? Nesse estudo. Legal. Muito mesmo.

Bom, é o nosso outro bloco é o seguinte, a vertente feminista que você integra? Que nós falamos lá no início, que você está mais próxima, ela é mais acadêmica ou é um feminismo mais do cotidiano a outra falar um pouco sobre o que que você considera mais relevante na

sua atuação, né? Nas intervenções municipais, citando aspectos positivos e negativos dessa sua atuação. Olha, eu acho que ainda é um feminismo mais acadêmico. Mas eu estou buscando que ele seja mais do cotidiano. Né? Eu eu estou entendendo a tua pergunta se eu estou mais mesmo na rua, né? Fazendo fazenda prática disso? o meu mestrado ele é em violência doméstica com as mulheres do Ambrósio, né? Eu identifiquei que as mulheres do Ambrósio lá de Santana é apesar de ser um um um bairro violento enfim que as pessoas tem medo de entrar e que a polícia mesma tem todo mesmo tem todo um cuidado pra fazer as intervenções ali dentro.

Então elas tem muito pouco elas chegam tão chegando pouco ao juizado. E aí me deu a ideia de vou lá perguntar por que que está acontecendo isso. Qual é né? Conhecer essas mulheres, saber dessa rotina, saber do dia a dia delas e assim isso é um uma uma intervenção acadêmica mas a minha intenção é de construir um projeto mesmo dentro do Ambrósio com elas se elas quiserem vir junto comigo se elas quiserem continuar se elas quiserem e eu espero que a gente consiga construir esse esse laço junto e realmente fazer alguma coisa ,mas do dia no dia a dia. E aí com a freia também a ideia é essa, é a gente, a gente tá pensando ir pro porque já tem uma certa estrutura lá, mas a ideia é a gente expandir pra outros outros bairros e realmente atuar na comunidade. Mas eu também entendo que o feminismo do cotidiano é também nas minhas relações. E eu tenho feito assim. As pessoas tem ficado assustadas porque eu tenho delimitado mais as coisas, me posicionado mais . E isso assusta, isso afasta as pessoas, mas isso também ensina muito, as pessoas começam a te olhar e diz assim, eu tenho que agir de outro jeito, eu preciso aprender isso, eu preciso deixar de fazer isso. E a gente não precisa ser agressiva., Eu não faço nada de forma muito de forma agressiva, apesar de de algumas pessoas ficarem tipo assim é ter necessidade disso eles têm. É importante que você saiba que isso não é certo, isso me incomodou, que isso não precisa ser feito mas sempre foi. Pois é, mas sempre machucou. Não só a mim, a qualquer pessoa que ouviu isso, que passou por isso. Né? Então, eu acho que também é muito no posicionamento. Na forma como tu conduz as tuas estratégias de trabalho. Por exemplo, aqui eu trabalho numa clínica de saúde mental onde em tese os pacientes não tem voz. E aí é uma postura eu entendo que feminista de você abrir espaços de escuta, é olhar pra essas pessoas como como pessoas mesmo, como sujeitos. E que que e que passam por violências que nós mulheres passamos também. Então a gente está tudo no mesmo bolo.

A gente não não não é diferente. Então claro que as especificidades e tudo mais. Mas a gente está no no nível da exclusão. No nível da a gente está na margem também. Está na margem social as minhas práticas elas sempre eu tenho sempre buscado isso né? De não me posicionar como aquela que sabe e sim daquela que não sabe que está disposta a aprender com eles. Tanto no Juizado quanto aqui. Então a gente tem intervenções grupais no Juizado, a gente tem projetos grupais aqui também a gente tem. Acabei de sair de um grupo de família. Então porque eu preciso ouvir as famílias. É importante que elas tenham um espaço pra falar. Se não quiserem tudo bem mas o espaço está ali pra elas e eu vou estar ali pra elas. Né? Então eh eu acho que não sei. Eu acho que eu estou de respondendo. Eu estou muito na dúvida só estou conseguindo te responder ou não aí veio o ponto né que eu coloquei que ah sim que é essa avaliação que você pode fazer da sua atuação. Deixar com aspectos positivos e aspectos negativo sai então deixa eu ver aí negativas porque tipo coisas não dependem só de mim né as vezes né as vezes eu acho que por exemplo como a gente tem na freia. Não é só o que eu quero, no meu tempo, no né, nas minhas expectativas. Então, eu preciso também entender que existem expectativas outras que eu dependo das meninas, que a gente precisa estar sempre conversando. E eu sou uma pessoa assim muito quando eu penso numa eu tenho uma ideia eu já quero que amanhã ela esteja sendo executada. Mas eu sei que precisa de um tempo pra maturar de um tempo pra realmente ver se isso é vai funcionar ou não. Né? E eu acho que os o ponto negativo por exemplo de um trabalho social, de um trabalho de um coletivo é exatamente que positivo mas também é negativo mas também é positivo de você entender o movimento de cada um. Que você não consegue fazer nada sozinho. Isso aí te coloca te dá um limite mas também te dá uma potência ao mesmo tempo aí a gente precisa entender isso. Então eu não sei se eu eu acho que que é por aí, sabe? Aquilo que ao mesmo tempo é potência pra gente é um limitador se eu disser pra se eu por mim eu estava na comunidade ontem. Lá no fazendo grupo desde ontem. Mas eu sei que não é assim. Eh que a gente precisa conversar, que a gente precisa estruturar, que a gente precisa pra que isso não engula a gente também. E que a gente não que isso seja prazeroso, não seja algo obrigado né? Porque porque aí não é funcionar né? A gente precisa estar ali porque a gente quer porque dá pra porque dá pra estar ali né? Porque é possível né? Eu vou só colocar meu celular pra carregar só um minutinho. Sim tranquilo. Ai meu Deus eu acho que eu não trouxe Espera. Não trouxe

o carregador. Espera. Não, eu trouxe o meu notebook aqui, eu trouxe meu note, eu vou ligar meu note. Depois a gente tem como desligar e voltar? Tem. Eu vou ligar um note. Porque eu acho que não vai dar conta. Nossa, sempre trago meu meu carregador e não trouxe. Nós já estamos no último bloco também. Ah, já tá. Aí eu acho que eu acho que nessa questão dos pontos positivos e negativos eu acho que é esse é mais relacional mesmo e entender o tempo das coisas, então no último bloco eu tenho dois questionamentos que são os seguintes que autores e autoras ou figuras públicas influenciam a sua atuação, pode ser intelectuais mesmo do do tema ou mesmo figuras públicas ou pessoas que você conhece. E o que você pensa sobre as críticas que são direcionadas ao feminismo pra fechar a nossa entrevista de hoje. Bom, figuras eu vou começar pelas figuras da minha intimidade minha mãe, minha mãe amava baita de uma mulher. Então claro que nenhum ser humano é perfeito, ela é uma mulher da modernidade, ela foi criada pra pra constituir família e não estudou muito mas ela sempre nos criou mundo né pra vida pra gente ter um trabalho pra gente ser independente daquilo que ela não conseguiu ser e que ela no fundo no fundo ela gostaria de ter sido né então ela é a primeira pessoa assim que eu que eu me espelho. Eu tenho muito dela. Cada quanto mais eu envelheço mais eu vejo o que eu tenho dela. Né? Coisas dela em mim. Eh e isso pra mim me causa muito orgulho, as minhas amigas eu tenho amigas assim incríveis, sabe? Mulheres que realmente são independentes, são afetuosas, são colo e são pessoas que realmente modificam o mundo, Sabe? Dentro da da área de cada uma delas. Então elas me ajudam muito, elas me me dão muito muito força e e são e são mesmo eh figuras em que eu me espelho. Alzira tenha que citar novamente porque ela é um achado né? Eh e de teóricos olha eu tenho como eu começou da psicanálise, eu tenho estudado muitas psicanalistas que trabalham com questão de gênero e pra mim está se abrindo um universo maravilhoso, Ana Maria Fernandes, Lúci Rigarré, que é uma francesa que ela é ela é filósofa, mas também psicanalista.

Conheci uma mulher chamada Júlia Cristeva que eh recentemente tem estudado coisas dela. Ela não fala necessariamente sobre gênero, mas ela faz uns questionamentos a questão dos corpos objetos e aí ela também se relaciona com coisas que a com o que a Butler dessa posição dos dos dos corpos excluídos né? Dos corpos trans, dos corpos gays e corpos femininos de forma geral, enfim eh Conceição Evaristo é uma perfeição de pessoa assim

os textos delas parece ela parece que ela está conversando comigo. Parece que eu estou ouvindo a voz dela quando eu leio os textos dela. Bel Huck eh Ângela Davis enfim é muita gente que me influencia e que eu acho muito né? E eu tenho tentado escutar muita gente da periferia. Muitas mulheres periféricas. Então essas coisas que existem alguns movimentos de psicanálise na periferia. Eu tenho me aproximado muito. Pra escutar essas pessoas. Né? Pra aprender com elas. Porque eu não sei nada. Né? Eu não sou periférica. Eu sou uma mulher da pele clara, posso me considerar branca perto dos né? Do dos dos nossos padrões. Classe média. E eu tenho tem mais a aprender do que a ensinar. Então eu acho que é isso. Eu tinha uma outra pergunta, não tinha? É sobre as críticas que são direcionadas ao feminismo. Ao feminismo, movimentos identitários. O que você pensa sobre isso.

Então eu acho que a gente causa medo . Acho que feminismo de modo geral causa muito medo né? Causa medo na gente porque assim é um processo tão tão forte de de autoconhecimento e de conhecimento da estrutura social da qual a gente é criado que é muito doloroso .Então é difícil as pessoas eu acho que admitirem que não são donas de si. Que estão sendo que a gente é levado por uma estrutura, por uma por uma uma organização social e histórica que nos aprisiona. E a gente não é ensinado a perguntar porque aquilo acontece, porque aquilo funciona como funciona. funciona é isso mesmo, é assim que acontece, é assim que vai. Então eu tenho que fazer isso. Hoje em dia um dia desses eu escutei um amigo meu falando assim, ai que a nova onda agora é criptomoeda. Então a gente tem que aderir a as as movimentações financeiras em criptomoedas. Aí eu perguntei pra ele, mas tu sabe de de onde é que isso vem? Como é que você foi criado, de onde de onde isso vemsurgiu, qual é o objetivo disso, né? Eh onde que isso vai impactar na tua vida, na vida das pessoas enfim, né? Então eh eu acho que as pessoas criticam porque não conhecem porque tem medo. Então assim eh ao mesmo tempo que as políticas identitárias elas são importantes né? Porque realmente agente consegue demarcar as opressões, a gente consegue visualizar melhor as coisas que acontecema gente não pode também eu acho que se fechar muito nisso se não eu eu esqueço a dimensão do outro. Existem outros grupos que se articulam com o meu grupo, com as coisas que eu defendo queeu também não posso oprimir. Que eu também não posso fazer com o outro aquilo

que eu não quero que façam comigo. Então quanto mais a gente puder estar aberto pra conhecer as demandas dos outros, as necessidades dos outros a gente se fortalece. Então eu acho que a gente tem que experimentar sabe? Então realmente se se se envolver com todos aqueles que de alguma forma estão sendo excluídos. Que não estão sendo beneficiados pelo poder hegemônico. Enfim, Então eu acho que é isso. Ai meu Deus. Eu acho que quando eu falo ler com crê mano. Perfeito, é isso. É isso então Eliane nós nós chegamos ao fim do roteiro, né? Que foi elaborado tudo foi tranquilamente respondido, mas se você quiser acrescentar algo mais, falar do mais ou algum aspecto que você considere importante, fique à vontade, tá? Agradeço muitíssimo, sei que não é fácil dar das suas todas atribuições, tirar um tempo.

Não, mas eu eu gosto, eu gosto dessas coisas demais assim, gosto muito mesmo. Hum. E sempre aprendo. Eu fiz duas entrevistas com duas mulheres assim detambém atuantes é impressionante como eu me identifico também eh eh diferenças na do que elas vivem, o ponto onde elas estão foi emocionante também a fala delas e o como elas chegaram ao feminismo. E lembrei quando você estava falando agora a última a penúltima resposta é dessa como o feminismo chega a vida de boa parte das mulheres, né? a minha também. Agora eu falo um pouquinho sobre das deficiências pessoais, das mães, das irmãs, das filhas, eu tenho uma filha, meu bebê de dois anos. E assim eu sempre e aí acho que agora com ela eu passo a pensar ainda mais. Sim. Isso e eu quero que isso seja algo real e concreto. Porque eu quero um mundo melhor pra ela. Então . Interessante. Ontem uma das colaboradoras também ela teve um assim essa essa resposta da do feminismo na vida dela a partir da mãe, da vó, ela falou bastante da avó dela, né? Que as experiências em outro tempo, outra cultura não permitia muito as mulheres mas a maneira era possível muitas delas já abriam o caminho pra que suas filhas e suas netas pudessem hoje se evitar outras coisas. Então. Sim. Eu tô emocionada e acho fantástico, eu não encontro isso pra mim é um achado ótimo, porque eu vejo muito eu gostei da educação informal que é a joia que eu tô querendo encontrar, eu vejo muito nisso, essa educação que ocorre nas famílias, que ocorre nos movimentos sociais, que não está presente ao longo do livro didático. Então muitíssimo e nós teremos outros encontros. Tá certo. Eu só queria complementar tu estava tu quando perguntou né se eu queria complementar alguma coisa. Eu eh uma coisa também que me afetou muito essa questão da

maternidade. Porque até os meus trinta e cinco anos Cristiana eu não pensava em ter filhos. Não passava na minha cabeça. E aí em um dado momento aquilo começou a surgir. O medo que eu tinha de engravidar foi embora. E eu comecei a pensar, ah, se daqui pra frente eu engravidar, vai ser de boa. Né? Eu vou encarar esse negócio aí, né? Com o que tem, como tiver que encarar. E eu sempre pensei em ter um menino. Quando me vinha na minha cabeça eu só quero um menino. Eu vou ter um menino e aí é a maternidade me afetou por dois motivos. Porque eu comecei a perceber que o mundo não era acolhedor comigo por ser mãe ao contrário parece que eu era mais exigida por ser mãe e eu não podia errar aí caiu a espera aí. Desligou meu meu celular, ainda continuo na chamada. O fato de eu ter sido de eu ter virado mãe me colocou numa situação muito mais de vivências muito mais violentas. Né? Então e por muitas mulheres como se eu não pudesse estar cansada, como se eu não pudesse é eu não pudesse errar mesmo, sabe? Eu tinha que é eu tinha que os meus resultados no trabalho, vou colocar colocar nesses termos tem que ser muito melhores do que todo mundo porque eu era mãe.. Então e quando meu filho adoecia e criança até dois anos nossa adoece demais senhor Jesus. Então assim parece que né eu passava uma semana fora do trabalho carga de serviço quando eu voltava era três vezes maior do que minha colega que estava lá todo dia. Né? Então e também esse desejo de claro que é uma pura de uma fantasia isso mas eu acho que acho que as fantasias também nos movem né? De repente contribuir pra criação de um homem que fosse menos machista.

Porque eu sei que eu não vou deixar, ele não vai, ele vai ter aspectos machistas na na constituição, personalidade psíquica dele porque ele não convive só comigo e mesmo que os convicem só comigo tem coisas em mim que ainda são muito machistas que eu estou descobrindo e desconstruindo. Mas ele se relaciona com o pai, se relaciona com outras pessoas, se relaciona com meus irmãos, enfim e aí na escola né? E claro que eu eu tento colocá-los em em situações que ele consiga perceber diferenças consiga perceber as exclusões, consiga né? Ter um entendimento melhor é da posição social dele e de outras pessoas no na no mundo. Então e essas isso também me me fez. Fortalecer a questão do feminismo em mim. Essa questão de ser mãe. Né? Então quando eu vejo ele falando que mamãe está errado mamãe. O preconceito a gente tem que acolher as pessoas eu fico tão feliz. Eu aí meu Deus está construindo um negocinho aí tá? Está ficando. Então é eu acho

muito legal. Então eu acho que é isso também sabe? A maternidade me ajudou muito né? A ser uma mulher mais desconfiada. Desconfiada das coisas que a gente vivencia, né? Tipo, pera lá, deixa eu ver o que essa pessoa tá querendo dizer com isso, que ela tá, qual é o objetivo dela, que o lugar vai me botando, eu aceito isso ou não, isso é correto ou não, né? Então eu acho que é isso, né? Sim. E foi a mesma coisa que o Feminino ensina, é a gente amar mais outras mulheres, né? Sim. Nossa ,não voto em macho mano eu só voto em macho se não tiver tá?Eu voto nas mulheres e claro aquelas mulheres que estão de acordo com os valores e princípios que eu acredito que a gente sabe que também tem muita mulher aí . A favor da da opressão. Então é por aí. É isto.

Então nós nós concluímos. te agradeço muitíssimo eu nem tenho palavras assim pra agradecer porque fico mesmo emocionada cada vez que eu termino uma entrevista é fantástico a sua história são ao mesmo tempo que em alguns pontos elas se encontram mas as histórias são únicas e são incríveis eu estou muito feliz estou muito agradecida de você ter gentilmente cedido o seu tempo e atendido o meu chamado. Eu não gosto de mandar mensagem pras pessoas no domingo que é o momento do descanso mas as vezes não dá, tem que ser. Aí não, pode mandar, enfim. Na hora, mas é normal também e ela é bem tranquilo com isso. Temos sorte.

APÊNDICE C -ENTREVISTAS (TRANSCRIÇÕES) 3ª FASE DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1. PARTICIPANTE 01

a. Questão 01

Como sabemos a educação ela não está tão acessível pra todo na periferia infelizmente ela ainda não está e quando eu falo que não está acessível não estou falando a criança não está na escola não mas aqueles pais que não tiveram oportunidade de estar no mar numa escola numa instituição de ensino pelo fato que ele tinha que escolher entre ir pra escola ir trabalhar e ela é importante lembrar que muitos advindo os daqui de Macapá eles vieram da roça desviar dos interiores eles cresceram né nessa luta com os pais dele na época então os pais sempre quer o melhor pros filhos então a gente prioriza a educação dos filhos e continuar nesse trabalho o papel justamente da entrada do per ferem ação que é meu projeto social em trabalhar justamente essa contrapartida elevai informação enquanto fala! Agente fala sobre a rede política sobre política

b. Questão 02

Quando você tem um termo voltado a vocês defendem bandidos é porque existe um projeto que está levando informação e essa formação está sendo trabalhada da periferia e a partir do momento que ela trabalha atendendo a periferia a classe a classe baixa ela começa né a produzir falas ela começa a produzir defesa e digamos que uma classe média alta ela não quer essa defesa principalmente as grandes fortunas elas não querem essa informação ali dentro da periferia elas não querem que essas aniversário que elas tem elas têm direitos a vários vários projetos elas têm direito a várias atribuições do governo então a partir do momento que a gente entra nem com essa modificação dentro da periferia a gente é tratado como quem defende bandido agora porque?

2. PARTICIPANTE 02

a. Questao 01

Acredito que os conflitos não demonstram a fragilidade, mas sim a pluralidade de vertentes e pensamentos, bem como a possibilidade de discutir e divergir Internamente.

b. Questao 02

Me pergunto se essa pessoa realmente entende o que é o movimento, se se dá conta do que abrange e das possíveis consequências. Penso que a crítica muitas vezes parte de desentendimentos e ocorrências particulares que não deveriam invalidar o movimento com um todo. Por exemplo, quando dizem que não no Brasil há leis específicas que punam mulheres que agredem homens, então me pergunto qual seria a necessidade disso e se essa pessoa tem em mente as estatísticas ou se fala a partir de um caso específico (que na verdade teria como ser amparado)

3. PARTICIPANTE 03

a. Questao 01

Sendo sincera, acredito que, nem sempre, essa práxis aconteça da forma que eu imagino, ou espero das minhas turmas. Penso que tudo depende do contexto, da condução e da resposta dos estudantes daquele momento. Entretanto, de um modo geral, as trocas tem sido bem significativas, principalmente se levarmos em consideração o público alvo em questão.

b. Questao 02

Bem, primeiro a gente precisa delimitar em que se fundamentam essas críticas. Para mim, existem críticas e críticas, e uma das coisas que eu considero é de onde e de quem essas críticas partem, já que todo discurso possui uma origem. Quando eu fazia mestrado, ouvia muito que “a crítica pela crítica” não se sustenta. Levando isso para o campo do feminismo,

também penso que, quando as críticas não são fundamentadas na realidade, e não apontam um horizonte de melhora, de contribuição, elas só servem para causar confusão e dispersarem o foco que é uma sociedade mais justa, no que diz respeito ao equilíbrio de gênero. Em minhas aulas, procuro trazer aos estudantes um debate que reforce essa ideia, da equidade de gênero e dos direitos assegurados das mulheres, sempre “quebrando” essa ideia de que o feminismo quer, por exemplo, “mulheres acima de homens”, como o senso comum (e a extrema direita) propagam, mas sim reafirmando que uma sociedade justa colabora para a melhora de todos os sujeitos.

4. PARTICIPANTE 07

a. Questao 01

Bom Cris pensando na letra da tua pergunta da letra B nem a partir da ideia de praça do cativa feminista como espaço de transformação social individual analise sua atuação efetiva uma Práxis educativa como teoria reflexão e ação bom como eu te expliquei a minha atuação e a atuação da FREA durante o período da pandemia ela foi um atendimento de suporte apoio acompanhamento né e a gente vai já vai começar agora esse ano 2021 a gente ter um pouco de dificuldade de de de dar conta dos nossos planos .

b. Questao 02

Olha essa tua pergunta da letra C é uma pergunta bem difícil com base na imagem em uma e em sua afirmativa você considera que a união, sororidade em conjunto num movimento feminista frente as críticas recebidas disse assim eh um movimento feminista ele é muito amplo né? Ele tem várias frentes de digamos assim de batalha né? E existem várias concepções de feminismo eu penso que a união no sentido de que por mais que as linhas de pensamento, as estruturas de intervenção, os modos de ação sejam distintos entre cada linha né? Cada grupo que compõe o feminismo eu penso que eh todos eles querem que a mulher né? Tenha saia desse lugar de subjugação né? Saia desse lugar de objeto que tenha de fato um protagonismo social e que consiga ter seus direitos respeitados e possa de fato como sujeito né? Acho que nesse sentido eu acho que sim sororidade eu penso que é um conceito muito complicado que no sentido de que se a gente for assim de modo bem

rasteiro, sim e não acho que eu sou eh essa questão da sororidade. Em a gente se une como eu falei ainda agora pelo objetivo né? Mas diverge pela na forma . No entendimento de como a gente deve se posicionar né? Eu penso por exemplo que eu tenho uma tendência interseccional. Mas às vezes eu me identifico com algumas linhas do feminismo radical né? Entendo o posicionamento delas.

Mas talvez elas julguem mas a gente que não é. Mas eh enfim acho que sim . E não há essa questão de sororidade entre todas as mulheres porque mulher é parceira. Não. Né? Saindo um pouco mais essa questão do feminismo porque e trazendo mais pra questão do contexto das mulheres em geral.

Toda mulher é feminista e as feministas precisam, a gente tem que ter um pouco mais de alerta pra essas mulheres que não são feministas ou que tem ainda um posicionamento meio dúbio, ne aí não dá pra respeitar, não dá pra pegar na mão e dizer vamos caminhar juntas porque os valores e a forma de chegar o mundo destoam muito e às vezes até totalmente mas eu acho que enquanto o movimento eh eu acho que a gente consegue sabe? seguir juntas. Respeitando as diferenças e as e a as as especificidades essa paradinha pra você se sentir mais humano eu acho que eu não sei se eu respondi a tua pergunta se era isso que tu querias saber né? Mas dentro da minha atuação eu ando com mulheres dentro do do meu grupo.

Dentro da FREA e dentro das junto com as minhas amigas nós temos eh similaridades muito fortes né? a gente tem eh claro que dentro da freia por exemplo cada uma de nós tem experiências distintas do ser mulher nessa sociedade que a gente vive né? Eh as minhas colegas são negras são mais periféricas e eu não tenho essa experiência né? De ser periférica, de ser negra e isso me distingue delas né? E mas apesar disso eu tento me aproximar e e respeitar aquilo que elas trazem das vivências delas porque é isso que eu preciso fazer né? Respeitar, aprender e entender a partir disso tentar me colocar como alguém que que tem privilégios que teve alguns privilégios na vida e que reconheço que privilégios são esses e reconhecer e tentar eh eh lutar junto com elas pra que outras mulheres possam ter melhor qualidade de vida. Enfim, possam ter as suas necessidades, as suas demandas sanadas. Né? Me posicionar como aquela que está ali pra colaborar. E não pra exercer um privilégio sobre elas, um poder sobre elas. Ao contrário, penso que esse abraçar essas diferenças e essas que nos que nos fortalece né? E nos coloca

e coloca mulheres tão diferentes mas que tem um objetivo em comum juntas .Isso que nos faz construir o nosso trabalho e aí eu penso que talvez seja por aí que tu queiras está aí daí porquê da tua pergunta . Como é que a gente consegue se colocar diante das dificuldades né? Que a gente enfrenta das críticas que a gente enfrenta eu penso que é muito isso de quem é que vem essas de onde vem essas críticas? Que críticas são essas? São críticas que de fato só vem pra atacar ou é uma crítica que nos faz refletir e pensar enquanto coletivo enquanto mulher, enquanto ser individual e social. Eu acho que o feminismo está aí pra isso, pra ser criticado. Porque as pessoas tudo aquilo gera incômodo, que gera deslocamento, que gera eh confusão e angústia, recebe de volta essas críticas, recebe de volta uma certa violência e uma certa violência não, recebe uma reações violentas. Porque a gente está ali pra mexer com o que está instituído. E eu acho que é mais ou menos por aí, né? Não sei se se estou te ajudando Se tu quiseres que eu responda mais coisas se o que eu disse gerou dúvidas ou algo tipo de de incompreensão enfim se tu quiseres que eu fale mais sobre algum ponto tu me fala manda manda manda um áudio que eu já vou respondendo conforme tu fores colocando as perguntas pra mim. Está bom .

APÊNDICE D - TERCEIRA ENTREVISTA (TRANSCRIÇÕES) 4ª FASE DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1. DEPOIMENTO PARTICIPANTE 01

Acompanhando o desenvolvimento dessas atividades do que foi fornecido pra gente de informação e do que a gente repassou pra você na minha opinião particular. Achei de suma importância. Cheguei a falar mais cedo pra ti que eu achei incrível a forma que tu colocou a tua escrita e principalmente aquilo que eu já esperava eu tive que é a visão. A visão das vertentes feministas. Cada feminista cada luta feminista ela tem a sua luta também particular. Porque existe uma coisa chamada mulheridiedade. Nós somos mulheres. Só que além de mulheres nós somos diversas. Nós temos dores diversas, sentimentos diversos, vivências diversas. E tu conseguiu trazer isso no teu trabalho de forma muito importante A dor da mulher em situação de rua, por exemplo, ela é uma dor real, é uma dor que precisa, né? Não só da luta do feminismo e sim da união do SUS. Ah, mas aí a gente tem a dor da mulher quilombola. A dor da mulher preta que é uma dor diferente daquela mulher branca que porque a dor da mulher preta ela já vem com uma adoção dela ser preta só de ter ali uma vertente facial a dor da mulher branca ela é uma dor mas se difere Porque eu não vou sofrer com mulher branca por ser uma pessoa preta. Então a sociedade ela tem as suas várias vertentes de dificuldades de entender e compreender o que é. Por exemplo, muito pouco se fala na verdade, muito pouco se fala sobre a dor da mulher trans .A mulher trans é uma mulher. Ela está ali com dificuldade. Sofre por ser uma mulher trans. A cada vinte minutos se eu não me engano tinha lido da última vez. Uma mulher trans é morta. Uma mulher trans ela é esquarterada, jogada fora, violentada. As pessoas trans elas não sobrevivem, muito em um dos países que mais mata. Pessoas LGBTs e pouco se fala sobre essa luta, sobre ser uma mulher trans numa sociedade transfóbica como o nosso país não é verdade? Então tu conseguiu trazer assim de forma maravilhosa eu realmente fiquei encantada eu queria te parabenizar Cris pela forma que você conseguiu colocar porque não é o feminismo são os feminismos

2. DEPOIMENTO PARTICIPANTE 02

Essa reflexão é dolorida muitas vezes dolorida mesmo, porque ao final a gente quer mudar/melhorar uma realidade pra todas nós, mas sempre acabamos nos deparando com dificuldades que se repetem como a falta de respeito aos processos da mulher. Pensando na questão da humanização do parto, da violência obstétrica, é um movimento que não pode parar e vai além de informar o que é, temos que mobilizar pra transformar a assistência/saúde à mulher nesse período e daí realmente minimizar os índices de violência.

“ elemento que se destacou na análise dos dados do presente estudo foi o aspecto das emoções demonstrado pelas colaboradoras impressos nas ações desenvolvidas nas inserções que atuam. Identificamos o valor epistêmico das emoções na atuação das colaboradoras que vai além de impulsos irracionais como construções sociais com sua linguagem própria e demonstra um envolvimento ético com a pauta defendida em sua jornada.” Obrigada por isso .

3. DEPOIMENTO PARTICIPANTE 03

Bem, o primeiro ponto que eu quero destacar é que eu gostei muito da forma como você intercalou a fala das professoras com as categorias que você pesquisa: a práxis, o gênero, feminismo e educação. Penso que você foi fiel as falas das colaboradoras, o que enriqueceu a fase de interpretação dos dados. Por fim, concordo com o que você colocou nas considerações finais. Penso que, mesmo com as limitações do local aonde atuamos, é muito necessário incluir os debates feministas e as reflexões sobre igualdade/equidade de gênero dentro da nossa prática pedagógica, criando um espaço de diálogo, conforme a filosofia da educação de Paulo Freire, para assim termos a possibilidade de vislumbrar um futuro em que essas diferenças possam ser equilibradas ou, até mesmo, superadas. Agradeço muito por ter feito parte desse momento.